UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Mariana Fagundes de Oliveira

O AGENTE E O PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: CARACTERIZAÇÃO EM PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E ESTUDO DIACRÔNICO

Volume 1

Salvador
2009

MARIANA FAGUNDES DE OLIVEIRA

O AGENTE E O PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: CARACTERIZAÇÃO EM PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E ESTUDO DIACRÔNICO

Volume 1

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.
Área de concentração: Lingüística Histórica.

ORIENTADORA: PROFª. DRª. ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA
CO-ORIENTADORA: PROFª. DRª. ANA MARIA MARTINS

Salvador
2009

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Oliveira, Mariana Fagundes de.
O agente e o paciente em língua portuguesa : caracterização em propriedades semânticas e estudo diacrônico / Mariana Fagundes de Oliveira. - 2009.
2 v.

Orientadora: Profª. Drª. Rosa Virgínia Mattos e Silva.
Co-orientadora: Profª. Drª. Ana Maria Martins.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2009.

1. Língua portuguesa - Semântica. 2. Língua portuguesa - Léxico. 3. Língua portuguesa - Predicadores. 4. Língua portuguesa - Verbos. 5. Lingüística histórica. I. Silva, Rosa Virgínia Mattos e. II. Martins, Ana Maria. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. IV. Título.

CDD - 469.52
CDU - 811.134.3 '37

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Mariana Fagundes de Oliveira

O AGENTE E O PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: CARACTERIZAÇÃO EM PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E ESTUDO DIACRÔNICO

Tese para obtenção do grau de Doutor em Letras

Salvador, 06 de novembro de 2009

Banca Examinadora

Rosa Virgínia Mattos e Silva
Doutor em Letras (USP) (orientadora)

_____

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro
Doutor em Letras (UNICAMP)

_____

Norma da Silva Lopes
Doutor em Letras (UFBA)

_____

Sônia Bastos Borba Costa
Doutor em Letras (UFBA)

_____

Emília Helena Portela Monteiro de Souza
Doutor em Letras (UFBA)

_____

Para vovó Maçú e vovó Mariá (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ensina todos os dias o poder da vontade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de Bolsa de estudos para a realização de meu curso de Doutorado na Universidade Federal da Bahia e pelo financiamento de meu estágio de doutoramento no exterior, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Centro Lingüístico da Universidade de Lisboa, oportunidade que me possibilitou uma experiência acadêmica ímpar.

À Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva, minha orientadora desde a Graduação no curso de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, com quem tenho aprendido a fazer pesquisa na área da Lingüística Histórica, estudando a constituição histórica do português, dentro do Projeto para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR) – do qual é uma das coordenadoras –, e pessoa que eu admiro, não somente pela sua belíssima carreira, mas também pela amizade que ela mantém com seus colegas de trabalho e orientandos.

À Professora Doutora Ana Maria Martins, Professora Associada da Universidade de Lisboa, profissional de muita competência e pessoa muito boa, que me recebeu gentilmente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Centro Lingüístico da Universidade de Lisboa, ajudando-me, na condição de co-orientadora, no desenvolvimento desta Tese, durante o período em que estive em Portugal, fazendo um estágio de doutoramento.

Às Professoras Doutoras Márcia Cançado, da Universidade Federal de Minas Gerais, e Sônia Costa, da Universidade Federal da Bahia, que participaram da Pré-Banca Examinadora de Qualificação desta Tese, avaliando-a muito criteriosamente e fazendo-me sugestões muito proveitosas para o bom desenvolvimento da pesquisa.

Ao meu “padrinho”, o Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, que tem sempre incentivado meu crescimento acadêmico.

À Professora Célia Marques Telles, por quem tenho grande admiração e respeito, também coordenadora da Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a Cris e a seu Wilson, secretários da Pós-Graduação, por sempre me terem atendido tão bem quando precisei, sobretudo quando dos trâmites do processo de solicitação, junto à CAPES, de bolsa de estudos no exterior.

À Professora Doutora Amália Mendes, pesquisadora do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, pela ajuda que me deu na seleção do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC/C-ORAL-ROM).

À Simone e a Natal, da Copiadora do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, que são sempre tão gentis comigo e que, com o mesmo cuidado, ou até mais, com que eu faria as cópias de minha Tese para a Banca Examinadora avaliá-la, eles o fizeram.

Ao colega de doutorado João Batista de Castro Júnior, que foi também meu colega de mestrado há sete anos – um sertanejo muito interessado no futuro da Lingüística na Bahia, apesar de às vezes preferir a fama em São Paulo, e, *quase sem querer*, perder-se (ou encontrar-se?) nesses sonhos, aí quando o homem grande é mais feliz... –, pela confiança no meu trabalho, mais até do que eu mesma a tenho.

À dona Rosa Carvalho, que, com sua simpatia e bom coração, fez de minha estadia em Lisboa, na Residência Universitária Nossa Senhora da Paz, que está sob seus cuidados, mais prazerosa e alegre, o que só contribuiu para o bom desenvolvimento de meu estágio de doutoramento em Lisboa.

Aos meus amigos moçambicanos Kátia Marques e Paulo Bene, também colegas de residência em Lisboa, pela companhia, pela generosidade, pela alegria de nossa convivência. Kátia e Paulo foram um presente que Deus me deu.

Ao meu tio Julival, que me deu a maior força nas mil e uma coisas a resolver para eu viajar para Portugal, para a realização de meu estágio de doutoramento na Universidade de Lisboa.

À minha mãe Cecé e ao meu pai Neno, por terem cuidado, enquanto eu estive em Lisboa, de Bentinho, meu cachorrinho lindo e um dos amores de minha vida. E pela torcida por mim, sempre.

À minha irmã Daniela e à minha amiga, irmã de coração, Nanda, que estão sempre, pro que der e vier.

O estudo da linguagem está na possibilidade de descobrirmos fatos novos, de reanalisarmos fatos velhos, de virarmos de ponta cabeça análises bem estabelecidas, de estabelecermos novas relações entre fatos (Borges Neto, 2004: 7).

RESUMO

Os papéis temáticos Agente e Paciente constituem o objeto de estudo deste trabalho, cujos objetivos são caracterizá-los – com base em dados da língua portuguesa, no domínio do predicador verbal, considerando o predicado global e o contexto situacional – em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, na perspectiva da Semântica Lexical e numa abordagem representacional ou mentalista; num estudo descritivo-comparativo em textos do português arcaico e do português europeu contemporâneo nas modalidades oral e escrita, listar os verbos com que ocorrem nos *corpora* de pesquisa os diferentes tipos de Agente e de Paciente propostos, procurando alguma situação de mudança ao nível da estrutura temática dos verbos, e descrever as configurações sintáticas do Agente e do Paciente, numa abordagem diacrônica que incide na relação entre a sintaxe e a semântica. Na bibliografia sobre o assunto, o Agente e o Paciente recebem definições variáveis, por vezes imprecisas. Neste estudo, tentando uma melhor compreensão dessas noções, é apresentada uma classificação para o Agente e para o Paciente, trabalhando com seis propriedades semânticas: desencadeador, controle, intenção, causa, afetado e experienciador. Desta forma, são propostos dois tipos de Agente: Agente prototípico e Agente afetado, e três tipos de Paciente: Paciente prototípico, Paciente experienciador e Paciente agentivo, num *continuum* que vai do Agente e do Paciente mais prototípicos ao Agente e ao Paciente menos prototípicos; no ponto em que se apresenta, no *continuum*, o Agente menos prototípico, é quando começa o Paciente prototípico, e, vice-versa, no ponto onde se apresenta o Paciente menos prototípico, que é o Paciente agentivo, é quando começa o Agente mais prototípico. Listando os verbos com que ocorrem os diferentes tipos de Agente e de Paciente nos *corpora* diacrônicos analisados, não foi verificada nenhuma situação de mudança da estrutura temática dos verbos; foi possível, porém, em relação ao Paciente agentivo, traçar um grupo específico de verbos que o selecionam. Quanto às configurações sintáticas do Agente e do Paciente, foi constatada alguma mudança na história do português, e, comparando as modalidades oral e escrita da língua, verificada alguma diferença.

Palavras-chave: Papéis temáticos; Agente e Paciente; Semântica Lexical; Abordagem Representacional; Protótipos; Sintaxe; Diacronia.

ABSTRACT

The thematic role of Agent and Patient are the target of this study of whose objectives are characterized them – based on the given Portuguese language in the domain of the verb, considering the global predicate and situational context – in prototypical and non prototypical semantic properties, in the perspective of Lexical Semantic and a representational approach or mentalist; in a descriptive comparative study of texts of Archaic Portuguese and Contemporary European Portuguese in oral and written modalities, to list the verbs that occur with the different types of Agent and of Patient, looking for any changing situations on the level of the thematic structure of the verbs, and to describe the syntactics configurations of the Agent and the Patient, in a diachronic approach that focuses on the relation between the syntax and semantics. In the bibliography on the subject, the Agent and the Patient receive variable definitions, sometimes inaccurate. In the study, trying to better understand these notions, is presented in one classification for Agent and the Patient, working with six semantic properties: trigger, control, intention, cause, affected and experiencer. In this form, is proposed two types of Agents: prototypical Agent and affected Agent, and three types of Patient: prototypical Patient, experiencer Patient and agentive Patient, in the *continuum* that goes from Agent and the Patient more prototypical goes to the Agent and the Patient less prototypical. In the point where is presented in the *continuum* the Agent less prototypical, is when begins the prototypical Patient, and, *vice-versa*, in the point where it presents the Patient less prototypical, that is the agentive Patient, and when begins the Agent more prototypical. Listing of the verbs that occur with the different types of Agent and of Patient in analyzing the diachronics *corpora*, it was not verified that there are any changing situations on the level of the thematic structure of the verbs; however, it was possible in relation to the agentive Patient to trace a particular group of selected verbs. In relation of the syntactics configurations of the Agent and of the Patient, it was found that there are some changes in the history of the Portuguese, and, comparing the oral and written language, it was verified that there are some differences.

Key words: Thematic Role; Agent and Patient; Lexical Semantic; Representational Approach; Prototypes; Syntax; Diachrony.

SUMÁRIO

VOLUME 1

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS 15

CAPÍTULO 1: O QUE TRATA ESTE TRABALHO DE PESQUISA 16

1.1 APRESENTAÇÃO 17
1.2 OBJETO DE ESTUDO 20
1.3 OBJETIVOS 23
1.4 *CORPORA* 24

CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES PERTINENTES AO TEMA 27

2.1 UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO PONTO DE VISTA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL 28
2.1.1 **Resumindo** 48
2.2 *ESTADO DE COISAS* E TIPOS SEMÂNTICOS DE PREDICADORES VERBAIS 49
2.2.1 **Resumindo** 59
2.3 PAPÉIS TEMÁTICOS 59
2.3.1 **Resumindo** 77

CAPÍTULO 3: O AGENTE E O PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: CARACTERIZAÇÃO EM PROPRIEDADES SEMÂNTICAS 78

3.1 O QUADRO TEÓRICO 79
3.2 UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS AGENTE E PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA 98
3.2.1 **O Agente** 99
3.2.2 **O Paciente** 115
3.3 RESUMINDO 133

CAPÍTULO 4: O AGENTE E O PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: ESTUDO DIACRÔNICO 137
4.1 NO PORTUGUÊS ARCAICO 138
4.1.1 **O Agente** 139
4.1.1.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Agente prototípico e o Agente afetado 157
4.1.1.1.1 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Agente prototípico 157
4.1.1.1.2 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Agente afetado 158
4.1.2 **O Paciente** 161
4.1.2.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Paciente prototípico, o Paciente experienciador e o Paciente agentivo 182
4.1.2.1.1 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Paciente prototípico 182
4.1.2.1.2 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Paciente experienciador 183
4.1.2.1.3 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Paciente agentivo 186
4.1.3 **Resumindo** 187
4.2 NO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO 189
4.2.1 **Na modalidade oral** 189
4.2.1.1 O Agente 190
4.2.1.1.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Agente prototípico e o Agente afetado 207
4.2.1.1.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Agente prototípico* 208
4.2.1.1.1.2 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Agente afetado* 209
4.2.1.2 O Paciente 212
4.2.1.2.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Paciente prototípico, o Paciente experienciador e o Paciente agentivo 231
4.2.1.2.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente prototípico* 232
4.2.1.2.1.2 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente experienciador* 233
4.2.1.2.1.3 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente agentivo* 236
4.2.1.3 Resumindo 236
4.2.2 **Na modalidade escrita** 238
4.2.2.1 O Agente 238
4.2.2.1.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Agente prototípico e o Agente afetado 257

4.2.2.1.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Agente prototípico* 257
4.2.2.1.1.2 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Agente afetado* 258
4.2.2.2 O Paciente 265
4.2.2.2.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Paciente prototípico, o Paciente experienciador e o Paciente agentivo 281
4.2.2.2.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente prototípico* 282
4.2.2.2.1.2 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente experienciador* 282
4.2.2.2.1.3 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente agentivo* 285
4.2.2.3 Resumindo 286
4.2.3 **Comparação entre os dados da modalidade oral e os dados da modalidade escrita** 288
4.3 RECAPITULANDO A VIAGEM DIACRÔNICA 290

5 **CONCLUSÕES** 295

6 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 297

REFERÊNCIAS 298

VOLUME 2

APÊNDICE A – Conjunto de dados de Agente e de Paciente obtidos do *corpus* de português arcaico 304

APÊNDICE B – Conjunto de dados de Agente e de Paciente obtidos dos *corpora* oral e escrito de português europeu contemporâneo 381

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLUL: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa

CRPC: *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo

GT: Gramática Tradicional

LD: Lingüística Descritiva

LOGR: Livro das Obras de Garcia de Resende

PB: Português brasileiro

PE: Português europeu

OE: Orto do Esposo

CAPÍTULO 1: O QUE TRATA ESTE TRABALHO DE PESQUISA

1.1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho de pesquisa – inserido na Área da Lingüística Histórica e na Linha de Pesquisa Constituição Histórica do Português – faz parte de um projeto maior, o Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA) e coordenado pela Profa. Dra. Rosa Virgínia Mattos e Silva, orientadora desta Tese, e pela Profa. Dra. Tânia Lobo.

Muitos estudiosos têm desenvolvido pesquisas em Lingüística Histórica, abordando temas variados, com a finalidade de traçar a história externa e a história interna da língua portuguesa, que, como toda língua natural, varia e muda no tempo e no espaço, sendo continuamente elaborada por seus usuários.

Esta pesquisa de doutorado, com a finalidade de contribuir para o conhecimento da história interna da língua portuguesa, trata os papéis temáticos Agente e Paciente[1], no domínio do predicador verbal (abordando seus argumentos externo, interno e adjunções), apresentando uma proposta de caracterização do Agente e do Paciente em propriedades semânticas, e um estudo diacrônico, analisando dados de português europeu (PE), arcaico e contemporâneo, oral e escrito (trabalhando, portanto, com o tempo real de longa duração) e também comparando os resultados obtidos do *corpus* de PE contemporâneo oral aos resultados obtidos do *corpus* de PE contemporâneo escrito. Trata-se de um tema ainda não suficientemente explorado, sobretudo no que diz respeito à componente conceitual, menos desenvolvida do que a componente formal, o qual abordaremos aqui na perspectiva da Semântica Lexical numa interface com a sintaxe.

Poderíamos simplesmente pensar as noções semânticas de Agente e Paciente, em termos, respectivamente, de agentividade e afetamento. Mas o tratamento destas noções pode ser mais complexo, envolvendo uma série de propriedades semânticas que delas acabam por fazer parte, em diferentes contextos de frase, considerando não apenas o tipo semântico do verbo, mas o predicado como um todo, a idéia da composicionalidade segundo Franchi (1997), e, ainda – tratando papel temático não apenas como uma noção lingüística estabelecida entre itens lexicais –, o contexto situacional.

---

[1] Destacamos sempre com inicial maiúscula os nomes dos papéis temáticos Agente e Paciente, com o propósito de evitar confusão entre o que na Tese chamamos de papel temático, por um lado, e de propriedades semânticas – cujos nomes vêm com inicial minúscula – que compõem os papéis temáticos, por outro lado.

Não é tarefa fácil caracterizar o Agente e o Paciente, que não são noções inteiramente opostas, porque as propriedades semânticas que podem fazer parte do Agente também podem fazer parte do Paciente, no nosso modo de ver a questão; recorremos, para isto, neste trabalho, ao nosso 'olho mental', à nossa intuição, à nossa experiência de viver e atuar no mundo.

Aqui, a formalização na descrição semântica das referidas noções passa, numa abordagem representacional ou mentalista, segundo classificação de Chierchia (2003: 40-42)[2] – e trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973) –, pela associação das expressões a cenas mentais e por relações intuitivas, recorrendo, portanto, não somente a conhecimentos habitualmente chamados lingüísticos como também à nossa experiência de crescer e agir no mundo, a um conjunto de conhecimentos de ordem lógica, psicológica, sociológica, enfim, numa interpretação que vai além do sistema da língua. Os papéis temáticos são vistos aqui, portanto, sob uma ótica semântica e assumidos como representações mentais, ao contrário da teoria gerativa, que trata o fenômeno dos papéis temáticos numa perspectiva puramente estrutural. Na bibliografia, as definições apresentadas para os papéis temáticos são variáveis e, em geral, freqüentemente intuitivas, o que não é de estranhar-se, tendo em vista a natureza do fenômeno em questão. E, não por serem noções intuitivas, os papéis temáticos deixam de ter importância nas línguas.

Depois de apresentarmos uma proposta de caracterização dos papéis temáticos Agente e Paciente em propriedades semânticas, com exemplos nossos, criados para efeito de ilustração, fazendo observações dentro do quadro léxico-estrutural, vamos a *corpora* diacrônicos, trabalhando com exemplos reais da língua, analisando e descrevendo o Agente e o Paciente em propriedades semânticas, com base na nossa proposta, listando os verbos com que ocorre cada tipo de Agente e de Paciente e avaliando se há alguma situação de mudança da estrutura temática dos verbos, e também descrevendo as configurações sintáticas do Agente e do Paciente, numa abordagem da relação entre a sintaxe e a semântica, sem preocuparmos-nos com a sistematização de regras de projeção das propriedades da estrutura conceitual semântica sobre as posições argumentais da oração; apenas faremos a descrição destas configurações sintáticas, utilizando terminologias da Gramática Tradicional (GT) e da Lingüística Descritiva (LD). Consiste, portanto, este trabalho em um estudo semântico – de Semântica Lexical, numa abordagem

[2] As referências, nesta Tese, são feitas no sistema americano, autor-data.

representacional – e também sintático, sem, no entanto, no nível de análise sintático, nos utilizarmos de uma teoria explicativa.

Podemos verificar, nesse estudo diacrônico, alguma situação de mudança da estrutura temática dos verbos ou mudança quanto às configurações sintáticas do Agente e do Paciente, mas não alguma mudança quanto à caracterização semântica destes papéis temáticos, já que é possível, como observam Campos e Xavier (1991: 94), que os papéis temáticos sejam universais, e também Mioto *et al* (2005: 125) afirmam que "Enquanto as informações categoriais de um argumento podem estar em variação, as semânticas parecem ser universais, ontológicas."

O texto está subdividido em quatro capítulos: este, o Capítulo 1, *O que trata este trabalho de pesquisa*, apresentando o objeto de estudo, os objetivos e os *corpora* de pesquisa; o Capítulo 2, *Considerações pertinentes ao tema*, apresentando questões que julgamos relevante considerar para os fins que pretendemos nesta Tese, trazendo autores que trabalham dentro de diferentes quadros de referência teórico-metodológicos, explicitando nosso ponto de vista sobre as propostas descritas, dizendo o que adotamos e o que não adotamos na abordagem do tema, nesta Tese; o Capítulo 3, *O Agente e o Paciente em língua portuguesa: caracterização em propriedades semânticas*, apresentando o quadro teórico dentro do qual esta pesquisa está fundamentada e propondo uma caracterização, que no momento nos parece adequada, do Agente e do Paciente em propriedades semânticas, no domínio do verbo em língua portuguesa; e o Capítulo 4, o mais extenso dos capítulos, *O Agente e o Paciente em língua portuguesa: estudo diacrônico*, apresentando uma análise comparativa dos dados depreendidos dos *corpora* diacrônicos selecionados para a pesquisa.

O Volume 2 da Tese constitui-se de dois apêndices – o Apêndice A e o Apêndice B – com o conjunto de dados de Agente e de Paciente obtidos dos *corpora* de PE, descritas as propriedades semânticas do Agente e do Paciente, bem como suas configurações sintáticas.

1.2 OBJETO DE ESTUDO

Nesta parte, queremos deixar claro o que está dentro e o que está fora do nosso escopo de trabalho.

Trabalhamos com o Agente e o Paciente, no domínio do predicador verbal de ação/atividade e de processo, na maioria das vezes, mas também de estado (porque o Paciente, em alguns contextos, pode ocorrer com verbos de estado) – adotando aqui a classificação semântica dos verbos segundo Neves (2000)[3] –, abordando os argumentos externo e interno do verbo e a adjunção agente da passiva, bem como adjuntos adverbiais (comitativos). O que nos interessa são construções como, por exemplo:

(1) *João* dobrou *o papel*.

em que *João* e *papel*, argumentos selecionados pelo predicador verbal de ação/atividade *dobrar*, desempenham, respectivamente, as funções sintático-semânticas de sujeito/Agente, por ser desencadeador com controle da ação e causar um efeito (efeito que, neste caso, consiste em um argumento Paciente, *o papel*), e de objeto/Paciente, por sofrer mudança de estado físico, considerando a nossa classificação semântica, que está apresentada no Capítulo 3.

Interessam-nos, além dos chamados argumento externo do verbo, como *João* em (1), e argumento interno do verbo, como *papel* também em (1), que, na referida oração, representam, respectivamente, o Agente e o Paciente (mas nem sempre se passa desta forma), também construções apresentando o que *Mioto et al* (2005: 164) chamam de adjunção do verbo, o agente da passiva, que é realizado como complemento da preposição *por* ou *de*, como podemos ver na versão passiva, a seguir, da oração (1), em que *João* se mantém como Agente (e *papel* como Paciente), mudando, entretanto, a perspectiva do evento:

(2) O papel foi dobrado *por João*.

[3] Ver tipos semânticos de predicadores verbais na seção 2.2 desta Tese.

Ademais dessas construções acima apresentadas, interessam-nos ainda construções reflexivas, como:

(3) *Maria* enfeitou-se para comemorar sua festa de formatura.

em que *Maria* é o que chamaremos, no Capítulo 3, de Agente afetado, por desencadear com controle uma ação, ao mesmo tempo em que é afetada por uma mudança de estado físico e de estado psicológico.

Também construções com verbos copulativos que denotam mudança de estado:

(4) *Maria* ficou muito ferida no acidente.

Maria assumindo aí papel temático Paciente, tendo sido afetada por uma mudança de estado físico e de estado psicológico.

Da mesma forma, interessam-nos construções ergativas, como:

(5) *O vaso* quebrou.

que resulta do alçamento, para a posição de sujeito, do objeto direto da construção causativa (ver exemplo (6), abaixo), sendo mantido o papel temático Paciente e não havendo a lexicalização do argumento externo:

(6) João quebrou *o vaso*.

E construções com adjuntos adverbiais (comitativos), com papel temático Agente, como em (7), ou Paciente, como em (8):

(7) João escreveu o trabalho *com Maria*.

(8) Os lençóis foram lavados *com as blusas*.

O recorte feito exclui do objeto de estudo desta Tese – haja vista que o que nos interessa é o predicador verbal, pois, de maneira geral, as relações temáticas estabelecem-

se entre um verbo e seus argumentos – complementos de nomes, como, por exemplo, *da cidade*, Paciente, e *pelo inimigo*, Agente, na oração (9):

(9) A destruição *da cidade pelo inimigo*.

Ou adjuntos adnominais, como, na oração (10), *do bebê*, adjunto adnominal de *fralda* e que tem papel temático Paciente, já que é a sua fralda que é trocada, portanto ele é afetado pela ação/atividade expressa pelo verbo *trocar*:

(10) A mãe trocou a fralda *do bebê*.

Exclui também complementos de adjetivos, como, por exemplo, *pelo concorrente*, que é Agente na oração (11):

(11) O derrotado *pelo concorrente* achou justa a classificação.

Fica excluída também a abordagem da morfologia derivacional, em palavras como, por exemplo, *destruidor*:

(12) O *destruidor* de sonhos não tem amigos.

na qual o morfema derivacional *dor*, associado ao radical, confere ao nome uma função agentiva.

Também está excluída a abordagem da morfologia flexional, em palavras como, por exemplo, *agredido*:

(13) O *agredido* procurou a polícia.

na qual a desinência *do*, de particípio, que está substantivado, confere ao nome afetamento, mudança de estado físico e de estado psicológico.

1.3 OBJETIVOS

Para deixar claros os objetivos com esta pesquisa, listamo-los a seguir, de forma pontual.

Em primeiro lugar, os objetivos gerais:

a) Propor uma caracterização, em propriedades semânticas, dos papéis temáticos Agente e Paciente, trabalhando com dados de língua portuguesa, no domínio do predicador verbal.
b) Realizar um estudo diacrônico, caracterizando o Agente e o Paciente em propriedades semânticas, listando os verbos com que ocorrem os diferentes tipos de Agente e de Paciente e descrevendo suas configurações sintáticas.

Em segundo lugar, o passo a passo da pesquisa atendeu aos seguintes objetivos específicos:

a) Fazer a revisão bibliográfica do tema, abordando as questões mais pertinentes.
b) Descrever o quadro teórico no qual a Tese está fundamentada.
c) Estabelecer as propriedades semânticas para a caracterização dos papéis temáticos Agente e Paciente.
d) Depreender, de *corpora* diacrônicos de PE, dados de Agente e de Paciente.
e) Analisar os dados depreendidos dos *corpora*.
f) Comparar os resultados obtidos do *corpus* de cada sincronia estudada.
g) Comparar os resultados obtidos do PE contemporâneo oral aos resultados obtidos do PE contemporâneo escrito.

1.4 *CORPORA*

Este estudo, como muitos outros em Lingüística Histórica, utiliza-se de *corpora*. A utilização de *corpora* pelos lingüistas tem sido bastante freqüente, haja vista sua importância como suporte para a investigação lingüística, podendo oferecer quantidade significativa de dados autênticos para análise. Como afirma Bacelar do Nascimento (2004: 1), "O uso de *corpora* permite a realização de descrições lingüísticas de base empírica e promove, com isso, a discussão de questões teóricas solidamente fundamentadas."

Como dissemos no início do capítulo, nosso estudo diacrônico abarca o período arcaico do português – precisamente textos do século XIV (fins) e XVI (meados) – e textos de PE contemporâneo oral e escrito (esse salto temporal – do século XVI para o português contemporâneo – deve-se à falta de tempo para tratar dados de séculos seqüenciados). O século XIV, porque é um século, na história da língua, que se inclui indubitavelmente no português arcaico. O século XVI, porque é quando já vai chegando ao fim o período arcaico da língua portuguesa, comprovadas, a essa altura, uma série de mudanças lingüísticas (cf. MATTOS E SILVA, 1994).

A documentação representativa do período arcaico do português que foi selecionada como amostra para a coleta sistemática de dados de Agente e de Paciente é a seguinte:

a) Século XIV: *Orto do Esposo* (cf. Maler, 1956).
b) Século XVI: *Livro das obras de Garcia de Resende* (cf. Verdelho, 1994).

A documentação representativa de PE contemporâneo, nas modalidades oral e escrita, que foi analisada é a seguinte:

a) Modalidade oral: *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo - CRPC/C-ORAL-ROM (Information Society Technologies Programme - IST-2000-26228).
b) Modalidade escrita: artigos de edição eletrônica do jornal *Público* (cf. <http://www.publico.clix.pt>).

O CRPC foi iniciado em 1988, pelo Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL) e reúne textos, orais e escritos, que vão da segunda metade do século XIX a 2006, sendo a maior parte dos textos posterior a 1970. Nesta Tese, trabalhamos com textos orais dos finais do século XX e princípios do século XXI.

O *Público*, fundado em 1991, é um jornal diário português, de grande circulação, e o primeiro jornal português a disponibilizar uma edição eletrônica na Internet. Trabalhamos aqui com artigos publicados em 2009.

Na seleção das amostras do português arcaico e do PE contemporâneo oral e escrito, não nos preocupamos com que elas apresentassem o mesmo número de palavras, ficando as comparações de índices de freqüência entre as amostras como uma informação complementar. Desta forma, selecionamos: do período arcaico do português, o Prólogo e os capítulos primeiro, segundo e terceiro do Livro I do *Orto do Esposo*, e o Prólogo, a primeira parte e os capítulos I, II e III da segunda parte do *Livro das obras de Garcia de Resende*; do PE contemporâneo oral, oito inquéritos do CRPC, com participantes com habilitação em escola primária ou menos, com habilitação em ensino secundário e licenciados ou estudantes do ensino superior (a maior amostra entre as amostras analisadas, porque quisemos incluir inquéritos com participantes com diferentes níveis de instrução); e do PE contemporâneo escrito, 15 artigos de uma edição eletrônica do jornal *Público*.

Para identificar os exemplos transcritos, no Capítulo 4, do *corpus* de pesquisa de PE contemporâneo escrito, demos uma numeração aos artigos que selecionamos para constituir a amostra. Com isso, os artigos ficam assim numerados:

01 Visto primeiro buraco negro tamanho M.

02 Myspace: mulher que levou adolescente americana ao suicídio saiu ilibada de todas as acusações.

03 Prémio Gulbenkian de Ciência atribuído a investigadora que estuda a Doença dos Pezinhos.

04 Nollywood: vítima de sua própria receita de sucesso.

05 Laureano Barros: o homem que fugiu com uma biblioteca.

06 Cantora estreou-se ontem à noite em Portugal.

07 Receitas das maiores empresas vão continuar em queda no segundo trimestre.

08 Autores dos desparos na Amadora continuam a monte. Um dos agentes já teve alta e o outro foi submetido a uma intervenção cirúrgica.

09 Camisola 9 ou 10 para Ronaldo?

10 Portugal: o estado dos segredos.

11 Colocação de professores: cerca de 40 mil candidatos ficam de fora.

12 “Acho que ele gostaria que dançássemos”, diz Alex, que cruzou meio mundo por Michel.

13 Como é ser polícia em zona de tiroreios frequentes.

14 É cada vez mais barato viver em Lisboa.

15 Sarkozy exige libertação de acadêmica francesa detida no Irão.

CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES PERTINENTES AO TEMA

2.1 UMA DISCUSSÃO A PARTIR DO PONTO DE VISTA DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Neste capítulo, subdividido em três seções, traremos à discussão questões relativas ao tema de nossa pesquisa – aquelas que julgamos mais oportunas, tendo em vista nossos objetivos nesta Tese –, apresentando diferentes pontos de vista na bibliografia e deixando claro nosso ponto de vista e interpretação dos fatos, para só então, na seqüência, apresentarmos nossa proposta de caracterização dos papéis temáticos Agente e Paciente e o estudo diacrônico, que são as partes principais do nosso trabalho.

Apolônio Díscolo (cf. Neves, 2002: 66), que nasceu na primeira metade do século II d.C. e foi um dos gramáticos do Ocidente mais importantes de sua época, disse que é próprio dos corpos, ou dos nomes, atuar e sofrer, ser Agente ou Paciente e que as propriedades dos verbos são a ação e a paixão, marcando, pois, o que ele chama de atividade e passividade as relações dos nomes com os verbos.[4] A atividade, segundo o gramático, corresponde, na voz ativa, ao nominativo, caso do sujeito, e a passividade corresponde ao acusativo, caso do objeto. E, ainda que a diátese, ou a disposição dos corpos, seja alterada, mesmo que se passe da construção ativa para a passiva, as relações dos nomes com os verbos se mantêm: na passiva, as pessoas Pacientes correspondem ao nominativo, e as pessoas Agentes, ao genitivo com preposição, afirma Apolônio Díscolo.

As GT, que seguem a tradição gramatical, tratam o tema do Agente e do Paciente, em termos semelhantes aos de Apolônio Díscolo, estabelecendo geralmente, portanto, uma relação necessária entre sujeito Agente e voz ativa, sujeito Paciente e voz passiva e sujeito Agente e Paciente ao mesmo tempo e voz reflexiva. Cunha e Cintra (2007: 132) definem o sujeito Agente como o que executa a ação na voz ativa, sujeito Paciente como o que sofre a ação na voz passiva e sujeito Agente e Paciente a um só tempo como aquele que exerce e sofre a ação na voz reflexiva. Outro gramático normativista, Almeida (1997: 212), fala também em verbo neutro, que se configura "quando o sujeito não pratica nem recebe a ação expressa pelo verbo, por não indicar este ação alguma".

---

[4] Na seção 2.3 desta Tese e, mais detidamente, no Capítulo 3, caracterizamos o Agente e o Paciente. Mas é necessário adiantar, neste momento, já que desde logo faremos referência a estas noções, sobretudo para contrapor o nosso ponto de vista ao da GT, que o Agente, como assumimos, caracteriza-se, prototipicamente, pelas propriedades desencadeador, controle, intenção e causa, e o Paciente caracteriza-se, prototipicamente, pela propriedade afetado. Para nós, argumento afetado é um inanimado que muda de estado físico, ou um animado que muda de estado psicológico, podendo também mudar de estado físico, ou que resultam de uma ação/atividade ou de um processo.

Para os gramáticos de forma geral há duas versões de voz passiva, lugar onde se acha, segundo eles, o sujeito Paciente: a voz passiva analítica ou nominal, formada de verbo auxiliar *ser* (passiva de ação) ou *estar* (passiva de estado) e o particípio passado de certos verbos ativos – *ser visto*, *estar preso* –, e a voz passiva sintética, reflexa ou pronominal[5], formada de *se* apassivador.

A análise da passiva nominal, no seio mesmo da LD, não é consensual. Para Perini (1989: 241) a análise dos componentes da passiva nominal é "um problema particularmente espinhoso". Ele chega a afirmar que "a passiva não é uma construção com auxiliar"; o verbo *ser* seria o núcleo do predicado, o particípio e o agente da passiva seriam adjuntos circunstanciais. O autor oferece, desta forma, antes uma interpretação lexicalista à passiva do que uma interpretação sintática, como o fazem Naro (1968) na sua Tese de doutorado e Vieira (1978) na sua Dissertação de mestrado, seguindo a orientação de Chomsky (1972) para tratar a voz passiva como uma regra de base, e não mais como uma transformação, como em Chomsky (1959). Para Perini, Naro e Vieira o tratamento lexicalista é o mais adequado, o particípio das orações passivas considerado um adjetivo.[6]

---

[5] Bechara (2006: 435), embora a maioria dos gramáticos empregue a denominação 'passiva sintética', diz preferir a denominação 'passiva pronominal' ou 'passiva reflexa' à denominação 'passiva sintética', mas não explica por quê. Certamente será porque a verdadeira voz passiva sintética ou flexional é própria do latim, mas não do português, como de nenhuma outra língua românica. Na língua latina, nos tempos verbais do *infectum*, tempos de ação incompleta, as formas passivas distinguiam-se das formas ativas, apresentando desinências pessoais próprias, com o elemento [-r], como em *amatur*, em português *sou amado*. Sendo assim, como afirma Lleal (1990: 94), somente nos tempos do *infectum*, a voz passiva se expressava de forma paradigmática; nos tempos verbais do *perfectum*, tempos de ação completa, as passivas se expressavam sintagmaticamente (*amatus est* = *sou amado*), formadas pelo verbo *ser* gramaticalizado como auxiliar, na forma do *infectum*, e pelo particípio passado de um verbo transitivo, chamadas passivas analíticas. Com o passar do tempo, começaram a proliferar-se, tanto no latim clássico como no latim vulgar, co-variando com as formas passivas flexionais, construções verbo-pronominais, com o pronome pessoal átono *se*. A flexão em [-r] de voz passiva acabou desaparecendo da língua latina; carecem, por isso, as línguas românicas de morfemas verbais propriamente passivos. Maurer Jr. (1959: 122) afirma que "pelo menos desde o fim da República ou desde o comêço do período imperial, a passiva sintética estava marcada de morte no uso popular, conquanto na classe média e na linguagem falada das pessoas cultas ela continuasse ainda a empregar-se." A forma analítica da passiva se generalizou, estendendo-se para os tempos do *infectum*, antes na forma passiva flexional. O verbo auxiliar *ser* sofreu mudança, passando a ser usado no tempo do *perfectum*. Segundo Câmara Jr. (1976: 166), "A própria língua literária clássica propiciou essa mudança. Ela decorreu de uma mudança de ordem semântica. Inicialmente, as formas de infectum de *esse* assinalavam apenas a condição em que se achava num momento o sujeito, como, por outro processo, se indica em português e espanhol com o emprego do verbo *estar* em vez de *ser*: *templum clausum est* "o templo está fechado"; *clausum erat* "estava fechado"; *clausum erit* "estará fechado". A significação geral de uma atividade conclusa, que deu novo atributo ao sujeito, pedia uma oração de *esse* no perfectum: *clausum fuit* "foi fechado"; *clausum fuerat* "fora fechado"."

[6] Quando as orações passivas nominais não apresentam o verbo auxiliar *ser*, consistindo em construções classificadas pela GT como orações subordinadas adjetivas reduzidas de particípio, como essa transcrita de Bechara (2006: 518) – "Os anais ensangëntados da humanidade estão cheios de facínoras, *empuxados* (= que foram empuxados) ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas, e perversíssimas" – ou essa

Camacho (2002: 234), contrariamente, classifica as passivas de *ser*, que, segundo ele, não têm um caráter estativo-resultativo, como construções de voz passiva, em que o particípio está como forma verbal, e o sujeito é geralmente Paciente, e as passivas de *estar* da GT – também conhecidas, na bibliografia sobre o tema, como passivas adjetivais, lexicais, resultativas ou de estado – o autor classifica como construções de voz adjetival, por terem um caráter estativo-resultativo, figurando o particípio como adjetivo. Nestas construções de voz adjetival, usando aqui a classificação de Camacho, o sujeito pode ser Paciente, naqueles casos em que o verbo exprimir mudança de estado, com os copulativos *ficar* ou *virar*, por exemplo. Concordamos com estas classificações de Camacho, como também com outra assertiva que o autor defende, e que também a GT defende: a de que as construções de voz passiva são construções derivadas de voz.[7]

Quanto à possibilidade de derivar da voz ativa a forma passiva nominal, as GT de maneira geral impõem uma restrição: verbos transitivos indiretos (verbos que, na sua concepção, pedem complementos preposicionados) não têm forma passiva. Peres e Móia (1995: 217-233) atestam, contudo, freqüência considerável, em PE escrito, de construções de voz passiva com verbos regularmente utilizados na voz ativa como verbos transitivos indiretos, na classificação da GT. Vejamos esses exemplos citados pelos autores, com a ocorrência de *foi prescindido*, *ter sido embatida* e *é participada*:

(1) <O depoimento do ex-Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Lemos Ferreira, *foi prescindido* pelo advogado de correia da Cunha (...).>>

(2) <<Um motociclista morreu ontem de manhã no lugar das Barras, na região de Torres Vedras, depois da moto em que seguia *ter sido embatida* por uma camioneta.>>

---

transcrita de Cunha e Cintra (2007: 630) – "As rosas brancas agrestes / **Trazidas do fim dos montes**/ Vós mais tirastes, que as destes..." –, as chances de o particípio ser interpretado como adjetivo, e não como forma verbal, parecem ser maiores.

[7] O gramático João de Barros (cf. Buescu, 1971[1540]: 326-327) – primeiro gramático normativista da língua portuguesa –, na sua *Gramática da língua portuguesa*, datada de 1540, também defende que a voz passiva com *ser* mais particípio passado é decorrente de uma transformação sofrida pela versão frasal ativa. Ele escreveu: "Este módo passivo nam é mais que um converter o áuto do vérbo às véssas do que faz o módo autivo, porque tanto é em sinificádo eu amo a verdade como a verdáde é amáda de mi. Sòmente ao primeiro módo chamáram autivo e o segundo passivo, porque um fáz em obrár e o outro padéçe em reçeber."

(3) <<A cimeira da Lusaca *é participada* também pelos chefes de Estado de angola, Botswana, Moçambique, Zimbabwe e Tanzânia (...).>>

No português brasileiro (PB), construções assim são também comuns, tanto que, segundo o normativista Bechara (2006: 286),

> À força do uso já se fazem concessões aos verbos *apelar*: A sentença foi apelada. *aludir*: Todas as faltas foram aludidas. *obedecer*: Os regulamentos não são obedecidos. *pagar*: As pensionistas foram pagas ontem. *perdoar*: Os pecadores devem ser perdoados. *responder*: Os bilhetes foram respondidos hoje.

No português oral de Moçambique, segundo Carvalho (1987: 109), há também construções de passivização que promovem o objeto indireto a sujeito:

(4) *Fomos exigidos* os documentos.

(5) *Fui dito* que era do curso de desenho.

A GT, se de um lado impõe restrições, de outro faz generalizações. Como observam Negrão, Scher e Viotti (2002: 99-106), não é possível generalizar, como o faz a GT, a aplicação da passiva a toda a classe de verbos transitivos diretos, porque há os que não podem ser apassivados; quanto a isto, parece haver uma restrição de natureza semântica, referente ao significado do verbo e à relação que ele estabelece com seus argumentos. Por exemplo, a oração:

(6) *A carona *foi perdida* por Carla.

é agramatical na voz passiva. É preciso ter claro, entretanto, conforme ressalta Perini (1989: 211), que "embora haja muitas ativas sem correlatas passivas, o oposto não é verdadeiro: a cada passiva corresponde sempre uma ativa."

Ativas e passivas na GT e, em muitos casos, na LD, são tomadas como variantes, expressando o mesmo conteúdo semântico; mas, segundo Pessoa (1989: 28), se se

considerar o contexto discursivo, pode-se perceber que cada uma das formas, a ativa, de um lado, e a passiva, de outro, desempenham funções comunicativas distintas:

> Quando se examina o contexto discursivo de ativas e passivas, observa-se que uma oração ativa não pode ser substituída por uma oração passiva, pois a ocorrência de cada uma delas é pragmaticamente motivada. No uso contextual, a diferença entre o significado extra-semântico de ativas e passivas reside na identificação da estrutura tópico-comentário de cada uma dessas formas. A escolha entre a codificação ativa e a codificação passiva de uma oração transitiva está relacionada ao grau de topicidade dos argumentos agente e paciente. Desse modo, ativas e passivas atendem a pressões discursivas diferentes, desempenhando funções comunicativas distintas. A função da passiva é promover o paciente a tópico da oração, contrariando a tendência estatística de o agente ocupar essa posição. Isso significa que a passiva é usada quando se transmite informação sob o ponto de vista do paciente, ou seja, quando o paciente é mais tópico do que o agente.

A GT postula também uma sinonímia entre a voz passiva nominal e a voz passiva pronominal; mas, como ressalta Said Ali (1966: 98), as orações:

(7) Aluga-se esta casa.

(8) Esta casa é alugada.

exprimem dois pensamentos diferentes tanto na forma como no sentido:

> Coloque-se na frente de um prédio um escrito com a primeira das frases, na frente do outro ponha-se o escrito contendo os dizeres *esta casa é alugada*. Os pretendentes, sem dúvida, encaminham-se ùnicamente para uma das casas, convencidos de que a outra já está tomada. O anúncio desta parecerá supérfluo, interessando apenas aos supostos moradores, que talvez queiram significar não serem êles os proprietários. Se o dono do prédio completar, no sentido hipergramatical, a sua tabuleta dêste modo: *esta casa é alugada por alguém*, não se perceberá a necessidade da declaração e os transeuntes desconfiarão da sanidade mental de quem tal escrito expõe ao público.

Também Hawad (2004: 99-100) discorda de que passivas nominais e passivas pronominais sejam sinônimas, defendendo que a funcionalidade de cada uma das estruturas, tendo em vista o contexto discursivo, é diferente:

> Considerando-se sempre a ordem não-marcada de constituintes em cada estrutura, a VPA [voz passiva analítica] apresenta-se como um recurso léxico-gramatical para desvincular as funções de Sujeito e Tema, de um lado, da função de Agente, de outro. Representa desse modo, simultaneamente, um meio para tematizar o Objeto, que é o participante paciente de um processo verbal, e uma possibilidade de exprimir um Processo sem a especificação do Agente. Esses dois aspectos constituem dois traços do significado da VPA – relacionados, porém distintos. A VPS [voz passiva sintética], por outro lado, oferece a possibilidade de exprimir um Processo sem a especificação do Agente, mas não a possibilidade de tematizar o Objeto, uma vez que, na ordem não-marcada, é o Processo que ocupa a posição temática – a primeira posição oracional.

Almeida (1997: 210) preocupa-se em exemplificar a construção passiva pronominal, destacando a importância para ele de fazer concordar o verbo com o sujeito Paciente:

> Na oração: "Alugam-se casas" – *casas* não pratica a ação de *alugar*, e, sim, recebe, sofre tal ação, o que equivale a dizer que *casas* não é o agente, mas o paciente da ação verbal. O verbo é passivo, e essa passividade é indicada pelo pronome *se*. A oração "Alugam-se casas" é idêntica à oração "Casas são alugadas"; em ambas o sujeito é *casas*, que, pelo fato de estar no plural, deverá levar também para o plural o verbo; dizer "Aluga-se casas" é erro igual a dizer "Casas é alugada". Constituem, conseguintemente, erros inomináveis, construções como: "Vende-se livros usados" – "Conserta-se relógios" – "Reforma-se chapéus".

O gramático Bechara (2006: 178), por outro lado, comenta a possibilidade de o *se* apassivador ser reinterpretado pelo falante como *se* indeterminador, aí donde, segundo ele, origina-se a não-concordância:

> O *se* como índice de indeterminação de sujeito – primitivamente exclusivo em combinação com verbos não acompanhados de objeto direto – estendeu seu papel aos transitivos diretos (onde a interpretação passiva passa a ter uma interpretação impessoal: *Vendem-se casas* = 'alguém tem casa para vender') e de ligação (*É-se feliz*). A passagem deste emprego da passiva à indeterminação levou o falante a não mais fazer a concordância, pois o que era sujeito passou a ser entendido como objeto direto, função que não leva a exigir o acordo do verbo: *Vendem-se casas* (= 'casas são vendidas') ⇒ Vendem-se casas (= 'alguém tem casa para vender') ⇒ *Vende-se casas*.

Na LD, é consensual o não-reconhecimento da passiva pronominal no português contemporâneo. Veja-se o que diz a lingüista Scherre (1999: 13-14), o que também assumimos, relativamente ao português contemporâneo, neste trabalho:

> Hoje, a estrutura classificada como passiva sintética – *joga-se búzios ou jogam-se búzios*; *doa-se filhotes ou doam-se filhotes*; *cobre-se botões ou cobrem-se botões*; *analisa-se dados ou analisam-se dados* – não é passiva sintética; é, sim, uma estrutura ativa de sujeito indeterminado semelhante a outras estruturas irmãs do tipo: *No Brasil, precisa-se urgentemente de reforma agrária e vive-se bem nesta terra*. A concordância nas estruturas denominadas passivas sintéticas é variável e ocorre *por atração ou por falsa concordância* com o objeto direto, em função, especialmente, do conhecimento da norma codificada, ou seja, da gramática normativa da língua portuguesa.[8] [9]

Segundo Said Ali (1966: 92), "em *compra-se um palácio* ou *morre-se de fome*, o pronome *se* sugere, na consciência de todo mundo, a idéia de alguém que compra, de alguém que morre, mas que não conhecemos ou não queremos nomear." Segundo o autor, em português, emprega-se o pronome *se* junto de qualquer verbo, e essa concepção psicológica de sujeito indeterminado é inegável na língua; nas línguas eslavas, contrariamente, o pronome reflexivo junto ao verbo é empregado para indicar um fato ou um estado, sem referência ao sujeito.

Said Ali admite a possibilidade de, no passado da língua portuguesa, o substantivo junto a verbos transitivos com *se* ter sido, de fato, o sujeito numa oração passiva, necessariamente, nessa época, anteposto ao verbo, segundo ele; isso seria lógico, na concepção do autor, haja vista que o medial analítico, com *se*, que sobreviveu ao medial sintético – forma verbal latina em –r, sendo o –r comum a verbos depoentes e aos de sentido passivo –, absorveu as funções primárias da forma rival. A dupla função do medial sintético desdobrou-se nas línguas românicas, pelo uso do pronome reflexivo e pelo verbo *ser* mais o particípio passado. Tal absorção, referida por Said Ali, deu-se, de acordo com Martins (2004: 1), devido à ambigüidade semântica de frases como *mores mutantur*, que tanto podiam ter uma interpretação passiva como média (isto é, respectivamente, 'os costumes estão a ser mudados (por alguém)' e 'os costumes estão a mudar (por si próprios)'), que acabou afetando também frases como *mores se mutant*, levando, assim, à

---

[8] Para Bagno (2000: 220) o que leva os falantes a manter no singular verbos de orações como *Aluga-se salas*, *Joga-se búzios*, *Vende-se ovos*, *Avia-se receitas*, *Amola-se facas*, entre outras, "fazendo eles concordarem com o sujeito indeterminado, indicado na superfície do enunciado pelo clítico SE", é o fato de que "são sempre verbos que só podem ser praticados por um sujeito com traço semântico [+ humano]".

[9] A concordância é variável, em português, não só nas tradicionalmente denominadas passivas pronominais, mas também nas passivas nominais. Freqüentemente ouvimos, em conversações no Brasil, construções do tipo*: Já foi feito todos os exames*. *Todos os exames*, como parece, sendo interpretado como objeto do verbo *fazer*.

emergência, já em época românica primitiva, da construção de *se* passivo, originado de *se* médio.

Não podemos pensar, de acordo com Said Ali (1966: 93), que a posposição do substantivo a partir de dado momento na história do português, quando, então, segundo ele, já não deveríamos mais falar em *se* passivo, seja para evitar confusão com o sentido reflexivo de *se,* porque tal explicação deixa de fora o caso do substantivo preposicionado, em orações como:

(9) Precisa-se de um criado.

A explicação para a posposição do substantivo, para Said Ali, deve ser outra. A princípio, segundo ele, a forma reflexiva coexistiu com a ativa, enquanto a forma passiva não se conhecia ainda. De acordo com o autor, quando, na enunciação das ações, não se conhecia o Agente ou não interessava mencioná-lo,

> a linguagem personalizava o objeto se era ente inanimado, e fingia-o a praticar a ação sobre si mesmo. Certa mercadoria, por exemplo, devia ser vendida, ignorando-se o vendedor; dizia-se simplesmente: tal mercadoria vende-se a si própria. Pouco a pouco, porém, a mera forma reflexa em casos dêste gênero começou a sugerir a idéia de um agente humano indeterminado. Não foi preciso alterar profundamente o enunciado; mas o substantivo, que até então figurava na categoria de sujeito, teve de abandonar êste pôsto e passar para o lugar de objeto, que já agora lhe era designado. O pensamento não comporta dois agentes; a ação de vender não podia ser praticada por certa pessoa e, ao mesmo, pela própria cousa." (id.: 94)

A transformação do sujeito em objeto, conforme Said Ali, acabou levando à não-concordância; tanto o verbo transitivo como o intransitivo tendem a ser usados no singular, ainda que o substantivo esteja no plural. É assim em português, como em espanhol também, por exemplo[10]. Mas a GT de língua portuguesa insiste na concordância com o objeto, devendo-se, segundo sua prescrição, dizer:

---

[10] Para Lapessa (1981; 2000) a chamada oração passiva pronominal corresponde, em espanhol moderno, a uma estrutura ativa impessoal. O sujeito Paciente, descreve o autor, passou a objeto direto, e o verbo fica no singular, ainda que o objeto esteja no plural: *Se robava a amigos como a enemigos*. Segundo Lapessa, não faltam, entretanto, exemplos de concordância conservada, como em: *Si se diessen por inhábiles a los que se juzgan capaces de tan alto ministério*. Também Gili e Gaya (1955: 70-71) afirmam que, em espanhol, houve a reanálise do *se* passivo em *se* impessoal. A reanálise, que consiste num dos mecanismos do processo de gramaticalização, por meio do qual um item lexical, independente, torna-se um item gramatical, dependente,

(10) *Adora-se* aos ídolos.

Porém:

(11) *Adoram-se* os ídolos.

como se as orações (10) e (11) expressassem idéias diferentes. A idéia é a mesma: a de um sujeito, indeterminado, que adora. De acordo com Said Ali (id.: 100), não se podem admitir dois pesos e duas medidas, no que tem ele toda razão:

> Imaginemos a seguinte parataxe: *nesta terra grita-se e trabalha-se; faz-se tudo e em tudo se desfaz; vive-se enfim miseràvelmente e na miséria se morre.* Tão perfeito é o paralelismo das formas verbais tendo o reflexivo *se*, como é o paralelismo da noção de atividade expressa por essas mesmas formas.

No português arcaico, houve um pronome indefinido *homen* – típico desse período da história da língua, como destacado na oração (12), abaixo, transcrita de Mattos e Silva (1993: 87)[11] –, que conviveu ao lado de formas com o reflexivo *se*; mas, no português quinhentista, acabou desaparecendo, ao mesmo tempo em que o pronome *se* expandia-se na língua, a essa altura usado tanto com verbos transitivos como com intransitivos, e ia também, segundo Naro (1968), adquirindo caráter indefinido ou impessoal:

---

opera, segundo Castilho (2001: 61), no eixo sintagmático e resulta da abdução, um tipo de raciocínio que leva o falante a atribuir a um fenômeno, lingüístico ou não, uma regra, considerando que esta lhe diga respeito. Falando agora dentro de um quadro teórico-metodológico distinto, a teoria gerativa não reconhece nem em português, nem em espanhol, em nenhuma língua românica, o *se* apassivador descrito. Segundo Raposo (1992: 41), "Em Português, bem como nas outras línguas Românicas, o morfema **se** tem duas funções (entre outras não pertinentes para esta discussão): de pronome <<anafórico>> reflexivo ou recíproco (tomando a sua referência de outro Grupo Nominal (NP) presente na oração) e de <<pronome impessoal>> com referência indeterminada (<<arbitrária>> na terminologia da Teoria da Regência e Ligação (TRL)) e significação próxima da do pronome indefinido **alguém**. No exemplo (9), o pronome **se** tem uma interpretação primariamente anafórica (recíproca); no exemplo (10), pelo contrário, a sua interpretação é primariamente <<arbitrária>>: (9) Nesta penitenciária, os presos agridem-*se* freqüentemente. (10) Nesta penitenciária, agridem-*se* os presos freqüentemente."

[11] Mattos e Silva (1993: 87) apresenta, além do pronominal *homen*, as seguintes formas de expressão do sujeito não-determinado no português arcaico: a) SUJ Ø com verbos existenciais: *Avia* preto de duzentos monges; b) verbo na terceira pessoa do plural, expressando um sujeito genérico: Queria, padre, que me *provasse*n; c) a estrutura da passiva analítica, sem agente da passiva explícito: Aquesta manceba com as sogra *foi convidada* pera ir aa consagraçon da eigreja; e d) com *se* apassivador e verbo na terceira pessoa, sem agente da passiva explícito: Todalas cousas... que *se farán* come aquelas que *se* nunca *farán* pera *se poderian fazer*.

(12) Ca naquel logar sol *homen* ouvir falar de pescado.

Naro (id.: 788) afirma que

> A construção de *se* impessoal não é encontrada nos mais antigos textos do português. De fato, é uma inovação relativamente recente, ocorrendo primeiramente em textos da primeira metade do século XVI, e se baseia na construção clássica de *se* passivo.[12]

Desta forma, de acordo com o autor, somente a partir do século XVI, o *se* apassivador passa a ser reinterpretado como *se* impessoal, havendo casos em que o verbo não concorda com o seu argumento interno no plural, evidenciando-se a emergência de estruturas em que *se*, e já não o argumento interno do verbo, encontra-se associado à posição de sujeito.

Adotando um modelo que associa mudança gramatical e aquisição da linguagem, Naro (id.: 802-803) vê, na semelhança superficial entre frases ativas com sujeito referencial e determinadas frases passivas de *se* – aquelas, como a terceira oração na parataxe sugerida por Said Ali (1966) que transcrevemos acima, que se apresentam estruturalmente ambíguas devido a que nelas não há marcação explícita da concordância entre o sujeito gramatical e o verbo, há omissão do agente da passiva, e o sujeito ocorre em posição pós-verbal –, a motivação para o processo de reanálise do *se* passivo como *se* impessoal, sendo a construção impessoal bastante freqüente tanto no PE como no PB, como reconhece o autor (id.: 780):

> A construção IMPESSOAL com *se* é muito freqüente na fala normal das pessoas educadas tanto no Brasil como em Portugal, mas não tem sido favorecida pelos gramáticos normativos dos dois países. Um exemplo é: (3) Vende-se estas casas" 'They are selling these houses'. Nesta construção, a posição do sujeito na superfície está sempre vazia, e o objeto subjacente permanece na posição pós-verbal numa ordem não marcada. Além disso, a construção existe somente na terceira pessoa.[13]

---

[12] Original: The *se*-impersonal construction is not found in the oldest Portuguese texts. In fact, it is a relatively recent innovation, first occurring in texts of the mid-16 th century, and is based on the classical *se*-passive construction."

[13] Original: "The IMPERSONAL construction with *se* is very frequent in the normal educated speech of both Brazil and Portugal, but has not found favor with normative grammarians in either country. An example is: (3) Vende-se estas casas 'They are selling these houses'. In this construction, unlike the case discussed above, surface-subject position is always empty, and the underlying object remains in post-verbal position in unmarked order. Furthermore, the construction exists only in the 3rd person."

A respeito da possibilidade de construções com *se* apassivador apresentarem agente da passiva, Naro (id.: 796) considera que

> O *se* passivo podia ter tanto *de* como *per* como agentes no período clássico. A esse respeito, pelo menos, a construção é paralela à construção perifrástica clássica de *ser* passivo; e especialistas tradicionais têm de fato assumido que era uma verdadeira passiva no sentido usual – isto é, que o objeto subjacente era sujeito de superfície e o sujeito subjacente era agente de superfície. No que se refere ao início do período clássico, eu acredito que esse ponto de vista está basicamente correto e corresponde à realidade lingüística documentada nos textos.[14]

Martins (2004: 1), como Naro, admite que, durante todo o período medieval, e mesmo depois, a construção de *se* passivo, originado de *se* médio, atesta-se abundantemente em português, sendo

> sua natureza passiva evidenciada pela limitação do âmbito da construção aos verbos transitivos, pela concordância obrigatória entre o verbo e seu argumento interno, que assume o papel de sujeito gramatical, e pela expressão opcional do agente.

Desta forma, Martins e Naro discordam de Said Ali, para quem, como dissemos antes, a construção de *se* passivo só terá sido legítima no passado da língua enquanto o substantivo apresentava-se anteposto ao verbo, na posição típica de sujeito.

Na nossa pesquisa de mestrado (cf. Oliveira (2005)), estudando a voz passiva no português arcaico, não encontramos ocorrência de voz passiva pronominal na qual o verbo não estivesse concordando com o substantivo, mesmo este estando posposto àquele:

> Não há, nos textos do português arcaico analisados, nenhuma ocorrência de discordância do verbo com o sujeito pluralizado nas passivas de *se*, o que, séculos depois, tornou-se bastante freqüente. (...) No *corpus*, não há, como hoje se verifica, uma reinterpretação ou reanálise do *se* apassivador como *se* impessoal, que é denotada pela falta de concordância do verbo com o sujeito no plural. Pensou-se se, mesmo nos casos de concordância padrão, estando o sujeito no singular ou no plural, e o verbo flexionado de acordo, funcionaria o pronome oblíquo átono *se*

[14] Original: "The *se*-passive could take both *de* and *per*-agents in the classical period. In this respect, at least, the construction paralleled the classical periphrastic *ser*-passive; and traditional scholars have in fact assumed that it was a true passive in the usual sense – i.e., that the underlying object was surface subject and the underlying subject was surface agent. As far as the early classical period is concerned, I believe that this assumption is basically correct and corresponds to the linguistic reality recorded in the texts."

> apassivando a oração ou assumiria o caso nominativo, impessoalizando o sujeito. Falta o depoimento dos falantes daquela época a respeito do assunto para que se defenda seguramente a hipótese passiva ou a hipótese impessoal. Acabou-se decidindo aqui pela hipótese passiva, considerando a inexistência, no *corpus*, de casos de reanálise do *se*, signo de apassivação, como *se*, signo de impessoalização. Mas ainda fica a pergunta: haveria, de fato, passivas pronominais no português arcaico? (id.: 55)

Um argumento que nos poderia ter levado a defender (mas não foi a nossa opção) a ilegitimidade de passivas pronominais no português arcaico seria a baixa freqüência de agente da passiva – que nem sempre tem papel temático Agente, como, à primeira vista, pela denominação, pode parecer, não sendo possível, desta forma, medir a freqüência de Agente pela freqüência de agente da passiva (adiante, este ponto será retomado, com exemplos) – nas ditas passivas de *se*, no *corpus* analisado: entre as 119 passivas pronominais, depreendidas do *corpus* do português arcaico dos séculos XIII e XIV, apenas oito apresentam agente da passiva, a exemplo da oração seguinte destacada, que consideramos uma passiva pronominal prototípica, com o substantivo anteposto ao verbo, na posição canônica de sujeito, concordando o verbo, flexionado na terceira pessoa do plural, com o substantivo, e o agente da passiva estando lexicalizado, o que exclui a interpretação do reflexivo como indeterminador:

(13) Nõ longe per este ermo ha muytos moesteiros e muytas celas em riba do ryo de Nilo e todos *se regem per huũ abade*. (FS, F20vC2, l. 1826-1827)

A baixa freqüência de agente da passiva poderia dever-se exatamente ao fato de o *se* ser o próprio sujeito, indeterminado, dispensando-se, então, o agente da passiva, que, também nas passivas nominais, é pouco freqüente. Contabilizamos (id.: 87), entre as 936 passivas nominais depreendidas do *corpus* diacrônico de PE e de PB do século XX que foi estudado naquela altura, apenas 175 ocorrências em que o termo está lexicalizado.[15] Câmara Jr. (1954: 137), considerando a freqüente omissão do agente da passiva – sujeito lógico da frase –, diz ser, em última análise, a voz passiva uma voz impessoal. O autor (id.: 213) considera a "essência" da voz passiva "o realce do processo ativo em detrimento do

[15] Carvalho (1987: 107), estudando frases passivas (o que a autora chama de frases passivas são as passivas nominais) em *corpora* de português oral de Moçambique, afirma que "as frases passivas são exclusivamente não agentivas, no sentido de não terem o agente expresso." Vejam-se exemplos citados por ela: *Fui obrigado a deixar a barragem*; *Fui devolvido*; *Nenhum veio ser formado*.

agente". Considerando o caráter impessoal do pronome *se* nas passivas pronominais da GT, Camacho (2002: 233), interpretando-as de forma semelhante à Câmara Jr. (1954), classifica-as como orações de voz impessoal. As passivas pronominais e as orações ativas impessoais com *se* formam, como defendem Gili e Gaya (1955: 70), um grupo especial de orações impessoais com *se*, aparentadas historicamente.

No presente trabalho, assumimos, ainda concordando com Naro (1968), a mesma posição assumida em 2005, a de considerar a legitimidade de passivas pronominais no português arcaico, mas sabendo que, não por serem orações passivas, sejam necessariamente lugar de sujeito Paciente, o que trataremos, com exemplos, mais adiante.

Se, de um lado, tem sido comum em português contemporâneo a não-concordância do verbo com o substantivo nas ditas passivas pronominais descritas pela GT, por outro lado têm acontecido, por hipercorreção ou como estratégia para enfatizar a indeterminação do sujeito, ocorrências em que um verbo transitivo oblíquo, com *se*, flexiona-se na terceira pessoa do plural, em concordância com seu argumento interno, como nesse exemplo que depreendemos (cf. Oliveira, 2005: 72) de um *corpus* de PE falado do século XX, paralela a outra construção em que tal concordância não é feita:

(14) (...) estamos ainda no princípio, *pensa-se* em cortejos, *pensam-se* em festivais hípicos, en(...), enfim inúmeras coisas que estamos... como foi a primeira reunião, hoje a reunião foi até mais por uma apresentação (...) (BRA, inq. 67, l. 16-19).

Quando, na pesquisa de 2005, encontramos esse exemplo, surgiu a hipótese de, em ocorrências como a seguinte:

(15) Em tal terra fuy e volvy muytas batalhas e muytas pelejas e fiz que *se matassem muytos homens* e viim hora dizer-cho. (FS, F7rC2, l. 1129-1130)

depreendida de *corpus* de português arcaico, classificada como de passiva pronominal, a marca de terceira pessoa do plural no verbo ser um recurso para enfatizar a indeterminação do sujeito, e não por estar concordando com o substantivo o verbo; mas exemplos como (13), no qual o nome está anteposto ao verbo, na posição canônica de sujeito, há marca de terceira pessoa do plural no verbo, que concorda com o sujeito, e, ao mesmo tempo, o agente da passiva está lexicalizado, enfraquecem aquela hipótese. Ou,

então, poderíamos pensar que, enquanto a oração (13) é uma passiva pronominal prototípica, a oração (15) – com o substantivo posposto ao verbo, concordando este com aquele, que está no plural, e sem agente da passiva – é uma passiva pronominal não-prototípica, no meio do caminho até onde começam a aparecer, no português, orações como (16), depreendida de Naro (1968: 780), a qual se encontra na voz ativa, já com *se* indeterminador, ou seja, sem concordância entre verbo e substantivo e, portanto, sem qualquer ambigüidade estrutural:

(16) *Vende-se* estas casas.

Mas não podemos afirmar que esse percurso que levantamos como hipótese – de (13) a (15) e de (15) a (16), em que (13) é o protótipo da voz passiva pronominal e (16) é uma oração na voz ativa – seja o percurso do afetamento em direção à agentividade, porque não é a voz do verbo que determina o papel temático do sujeito, nem mesmo o verbo individualmente, mas toda a proposição em que o argumento se encontra, e o contexto situacional, o que abordaremos nos Capítulos 3 e 4 da Tese. As oito ocorrências do que estamos chamando de passivas pronominais prototípicas que, na pesquisa de 2005, depreendemos do português arcaico apresentam sujeito Paciente; mas, por exemplo, a oração em (17), do século XV, que encontramos na *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes* (CCDPM)*, de Gomes Eanes de Zurara* (cf. Brocardo, 1997), não tem sujeito Paciente, mas sujeito Objeto Estativo, ou seja, não-afetado, ao qual o evento não confere mudança de nenhuma natureza:

(17) (...) esto porque em grego se chama *este planeta* Cronõ ou Cronos, que significa "tempo" (...) (CCDPM, p. 173, l. 9-11)

E, hoje, há orações com a mesma estrutura de (16), mas sem sujeito Agente, como, por exemplo:

(18) *Adora-se* os ídolos.

Aí, o sujeito é Experienciador, na nossa interpretação, ao lado do verbo estativo *adorar*. Não há, portanto, nesse exemplo, agentividade, mesmo estando o verbo na voz ativa, como há em (16), expressando-se, antes, uma experiência psicológica.

Depois de ter vencido as construções com *se* apassivador numa batalha de tantos séculos, as construções com *se* indeterminador, como afirma Nunes (1991: 48), passaram a lutar com construções cuja impessoalização oracional se dá por meio de sua supressão. As estratégias de indeterminação do sujeito em português são variadas. Por exemplo, encontramos (cf. Oliveira, 2005: 83), em *corpus* de pesquisa de PB culto falado, um enunciado interessante que ilustra a variedade de opções com que se depara o falante, para impessoalizar a oração:

(19) bom... *faz fazem... fazem-se...* esses doces tradicionais, né?" (NURC/SP, inq. 18, l. 342)

A GT não se refere à construção com a supressão do *se*, da qual fala Nunes.

No português arcaico, conforme o demonstramos no nosso trabalho de 2005 (id.: 55), era possível encontrar exemplos de construções com a supressão do *se*; mas todas que encontramos naquela altura eram com o verbo *dizer*, como, por exemplo:

(20) (...) Alexandre muy pequeno poderio de caualaria recebeo da parte de seu padre, mas cõ a doutrina cõ que cometeo todo o mũdo, quebrantou todos os grandes poderios dos jmiigos. Onde *diz*: Melhor he a sabedoria que as forças. (OE, p. 62, l. 24-28)

Construção oposta à supressão do *se,* é essa outra apresentada por Martins (2004: 6). Segundo a autora, em dialetos da Madeira e de Porto Santo, em Portugal,

> há um tipo de construção com *se* que é estranho ao português standart, mas cuja existência pode ser o resultado de um passo adicional no percurso diacrónico que retirou de cena a passiva de *se* dando lugar ao aparecimento de uma estrutura activa com a particularidade de permitir a repartição das propriedades associadas ao sujeito frásico entre dois constituintes.

A esse tipo de construção a autora chama construção de "duplo sujeito", na qual

> há concordância entre o verbo e um constituinte não-ambíguo no que diz respeito às suas propriedades de sujeito, mas que, no entanto, reparte com *se* este papel. O argumento interno do verbo, diferentemente do que acontece na construção de *se* indefinido, tem exclusivamente propriedades de objecto, não manifestando portanto concordância com o verbo.

Martins apresenta exemplos dessa construção encontrados no *Corpus* Dialectal com Anotação Sintática (CORDIAL-SIN), um *corpus* informatizado em desenvolvimento no Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL). Abaixo, transcrevemos alguns deles:

(21) E depois, chegando ao tempo da poda, *a gente sega-se* esses olhos todos e deixa-se este só (Camacha, Porto Santo. CORDIAL-SIN, PST 01)

(22) Oh, era um pano que *a gente se punha* [na caixa do moinho] (Tanque, Porto Santo. CORDIAL-SIN, PST 23)

(23) A gente tinha aquilo afinadinho, tudo amoladinho e quando era preciso, que a gente via que ela já não moía bem, *a gente levantava-se* e *picava-se* [a mó]. (CORDIAL-SIN, PST 24)

(24) Levantava-se com uma barra de ferro. Levantava-se assim, mais ou menos por esta altura. Tinha uns calços de pau por baixo. E quando a gente chegava àquela altura que *a gente se podia pegar*, às vezes era preciso dois. (CORDIAL-SIN, PST 24)

(25) *A gente não se come*, mas os de Lisboa diz que comem daquele peixe. (Câmara de Lobos, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 25)

(26) *A gente via-se* elas [as baleias] longe, era o esparto. (Caniçal, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 32).

Não há, pelo que sabemos, estudos mencionando a mesma construção no PB.

Além das passivas nominais e pronominais referidas pela GT como lugar de sujeito Paciente, Almeida (1997) e Bechara (2006), entre os gramáticos consultados,

referem-se também a uma passiva infinitiva, destacando apenas que verbos ativos no infinitivo podem ter 'força passiva'. Também não é comum a referência a passivas infinitivas na LD. Peres e Móia (1995: 214) são os únicos entre os autores de trabalhos de LD consultados a referir-se a passivas infinitivas. Segundo Peres e Móia,

> Determinadas construções com formas verbais infinitivas (não acompanhadas do verbo auxiliar *ser* ou do clítico *se*) têm uma estrutura do tipo passivo, isto é, são construções em que o segundo argumento do verbo – argumento interno – está associado à posição de sujeito.

Seriam, segundo eles, exemplos de passivas infinitivas as orações destacadas nos períodos abaixo:

(27) Esta sala foi difícil de *pintar*.

(28) As salas a *pintar* são várias.

(29) Esta sala encontra-se ainda por *pintar*.

(30) Mandei-o *vigiar por dois detetives*.

Admitimos que as orações (27), (28) e (29) possam ser interpretadas como um tipo de voz passiva – já que podemos dizer *ser pintado*, *ser vigiado* –, mas optamos por analisá-las como construções de voz ativa com sujeito indeterminado, análise que, nesses casos, nos parece mais natural.

O agente da passiva, no português contemporâneo, não tem seu uso restrito às passivas nominais, segundo Peres e Móia, podendo ele ser empregado em orações do tipo passivas infinitivas, em que, da mesma forma que naquelas, segundo eles, é termo facultativo. No último exemplo de passiva infinitiva transcrito dos autores, *Mandei-o vigiar por dois detetives*, há agente da passiva, o sintagma preposicionado *por dois detetives*, e, pela presença desse sintagma preposicionado, analisamos a oração (30) como construção de voz passiva.

Além de ser termo facultativo nas orações passivas, o agente da passiva nem sempre, apesar da denominação que lhe atribui a GT, tem papel temático Agente; por isso

dissemos antes que não se pode medir a freqüência de Agente pela freqüência de agente da passiva. Vejamos, a título de exemplo, as orações abaixo, com agentes da passiva:

(31) Maria é amada *pelos filhos*.

(32) O médico foi aguardado durante muito tempo *por João*.

Em (31), *pelos filhos* é agente da passiva com papel temático Experienciador, ao lado de um verbo estativo, que denota evento de natureza psicológica. Em (32), *por João* é agente da passiva com papel temático Paciente – por sofrer mudança de estado psicológico, causada pela longa espera pelo médico –, ao lado de um verbo estativo. Ou seja, ao contrário do que, tomando em consideração a GT, esperaríamos, o agente da passiva pode ser, entre outros, um Experienciador, ou até mesmo pode haver um agente da passiva Paciente!

Quanto à freqüência de orações de voz ativa e orações de voz passiva, a GT não faz nenhuma referência, mesmo porque ela não trabalha com dados lingüísticos reais.[16] Na LD, entretanto, afirma-se que orações ativas são mais freqüentes em português do que orações passivas. Segundo Pessoa (1989: 220),

> A ocorrência de orações passivas em textos reais do português é bem menos freqüente do que a ocorrência de orações ativas. (...) a freqüência de passivas varia de acordo com a modalidade – escrita ou falada do texto sob investigação. (...) há evidências de que os textos escritos apresentam mais passivas do que os textos falados.

Pontes (1986: 33) afirma que

> A passiva está-se tornando rara, uma vez que se podem dizer frases como *A pizzaria tava lavando* e *A casa consertou*, em que o paciente é o tópico e o verbo indica simplesmente a ação na terceira pessoa sem que o agente seja especificado. Ou seja, a principal finalidade da passiva, que é a escamoteação do agente, é conseguida através da forma ativa.

[16] Apesar de não se referir à freqüência de uso de orações de voz ativa e de orações de voz passiva na língua, a GT parece não a ignorar: não parece ser à toa que, geralmente, os gramáticos normativos definem sujeito como aquele que pratica a ação verbal; certamente pela freqüência de orações de voz ativa ser bem maior.

Mas não podemos concluir, pelo menos não apenas por serem as orações com verbo na forma ativa mais freqüentes do que as orações com verbo na forma passiva em língua portuguesa, que nela o Agente seja mais freqüente do que o Paciente. Apesar de a GT fazer parecer que o sujeito Paciente se relaciona necessariamente à voz passiva, à morfologia passiva, isto não procede, como observam Hernanz e Brucart (1987: 90). O valor da voz passiva é meramente formal, segundo eles, não sendo dela exclusivo o Paciente, em termos do sujeito da oração (podendo mesmo acontecer de o sujeito da passiva não ser Paciente, no sentido que atribuímos ao Paciente, ou seja, um inanimado que sofre mudança de estado físico ou um animado que sofre mudança de estado psicológico, podendo também sofrer mudança de estado físico, ou que resultam de uma ação/atividade ou processo), o que significa que a especificação de construções de voz passiva como aquelas em que o sujeito sofre a ação verbal é contestável. De um lado, há construções de voz passiva que não têm sujeito Paciente, como, por exemplo:

(33) *Os livros* foram requisitados pela aluna.

Os livros, Objeto Estativo. De outro lado, podemos encontrar construções de voz ativa que apresentam sujeito Paciente, como, por exemplo:

(34) *Maria* sarou da gripe.

A propósito da possibilidade de construções na voz passiva não terem significação passiva, fazemos, neste ponto, uma observação quanto a determinadas orações típicas do período arcaico do português, que apresentam *ser* e particípio passado de verbos intransitivos ou transitivos oblíquos, como as seguintes, listadas por Mattos e Silva (1989: 144-145), depreendidas da versão trecentista dos Diálogos de São Gregório:

(35) Aquel meu amigo *era passado* deste mundo.

(36) A alma non *era partida* ainda do corpo.

(37) Aqueste *foi chegado* aa morte per aquela pestelença geral que veo sobr'ela.

(38) En esta cidade ten logo d'adeantado e *foi nado* e criado na cidade de plazença.

Tradicionalmente na bibliografia, estas orações são descritas como orações de forma passiva, mas com significação ativa, por serem representantes dos tempos compostos dos verbos depoentes latinos: *sequor*, na forma passiva sintética em latim, significa "sigo", e não "sou seguido". Mas elas podem não ter significação ativa. As orações listadas por Mattos e Silva, por exemplo, têm forma passiva e significação passiva, apresentam sujeito Paciente de um processo. É verdade que soariam hoje melhor aos ouvidos empregadas na voz ativa, mas, mesmo na voz ativa, teriam significação passiva, ou seria o seu sujeito Paciente, afetado. No Capítulo 4, o leitor encontrará dois exemplos, depreendidos do LOGR, de sujeito Agente em orações como essas.

Para reforçar o argumento, contrário ao ponto de vista da GT, de que não é a voz do verbo que determina o papel temático do sujeito, de que há autonomia entre a sintaxe e a semântica, trazemos, por fim, a questão da reflexividade, que, ao contrário do que defende a GT, nem sempre corresponde ao que ela chama de voz reflexiva. Por exemplo, em:

(39) *João* cortou o próprio cabelo.

há reflexividade – *João* age e é afetado ao mesmo tempo –, mas o verbo não se encontra na voz reflexiva. Pode também passar-se de o verbo está na voz reflexiva, segundo a GT – o pronome referindo-se à mesma entidade do sujeito –, mas o sujeito não ser reflexivo. Por exemplo, em:

(40) *Maria* feriu-se acidentalmente nos espinhos da roseira.

o sujeito *Maria* é Paciente de um processo, não é Agente e Paciente de uma ação.

E em:

(41) *João* recostou-se na árvore.

João é o Agente da ação. O *se* em (40) e em (41) é um pseudo-reflexivo. Para Camacho (2002), as orações (40) e (41) encontram-se na voz média dinâmica, o sujeito sendo o ator e o centro do evento (diátese interna). Nesse trabalho de 2002, o autor assumiu que a voz média engloba construções médias reflexivas, médias recíprocas e médias dinâmicas. Num outro trabalho, porém, Camacho (2003: 93-94) postula uma distinção entre voz média e voz reflexivo-recíproca, sendo as construções médias dinâmicas as médias propriamente ditas:

> Tanto na média reflexiva quanto na média recíproca, a construção não-pronominal com objeto autônomo, isto é, não correferencial ao sujeito, mantém inalterada a significação verbal, sempre numa forma ativa. Já na média dinâmica, a pessoa do sujeito, sob a forma do clítico, reaparece no predicado como o centro de um estado de coisas que dele parte, mas que não sai de seu âmbito, eliminando-se, assim, o objeto sobre o qual ela recairia num típico evento transitivo: (1) a. eu me levantei. Diferentemente das estruturas reflexivas e recíprocas, a construção com pronome autônomo altera a significação verbal; observe-se que em (1b) o predicado passa a ter um valor causativo e um significado compatível ao de "erguer". (1) b. eu o levantei.

Desta forma, seguindo Camacho (2003), chamaremos, nesta Tese, a construções como (40) e (41), de construções na voz média (dinâmica) e construções como as que seguem de construções na voz reflexiva (42) e reflexiva (recíproca) (43):

(42) Maria vestiu-se para a festa.

(43) Maria e João abraçaram-se.

2.1.1 **Resumindo**

A GT, portanto, como vimos, não dispondo de um instrumentário teórico-descritivo para distinguir os múltiplos fatos da língua, dá um tratamento inadequado ao tema do Agente e do Paciente em língua portuguesa, defendendo, de forma geral, que a voz ativa requer sujeito Agente; a voz passiva – seja ela nominal, pronominal ou infinitiva –

requer sujeito Paciente; e a voz reflexiva (mesmo em construções com pseudo-reflexivos) requer sujeito Agente e Paciente ao mesmo tempo. A voz do verbo, de acordo com a GT, define, portanto, o papel temático do sujeito oracional.

Mas, como o podem demonstrar exemplos que apresentamos aqui, não é a voz do verbo que define o papel temático dos constituintes relacionados ao verbo, se terão o papel temático Agente, ou Paciente – que estão entre os mais freqüentes nas línguas humanas e entre os que ocupam as posições argumentais proeminentes sintaticamente na sentença, como as funções de sujeito e objeto direto, respectivamente –, ou outros: o sujeito Paciente, por exemplo, extrapola a voz passiva, também o sujeito reflexivo extrapola a voz reflexiva, sendo possível encontrar, na voz ativa, além do sujeito Agente, sujeito Paciente, e sujeito que age e é ao mesmo tempo afetado pela ação/atividade, ou o que chamaremos, no Capítulo 3, de Agente afetado.

É o tipo semântico do verbo (ver seção 2.3) e, ao mesmo tempo, a composição do predicado como um todo, o que Franchi (1997) chama de 'expressão predicadora', bem como o contexto situacional (ver Capítulos 3 e 4) que determinam como os constituintes relacionados ao verbo serão semanticamente especificados.

A voz passiva pronominal, que é um dos pontos de maior controvérsia entre gramáticos e lingüistas – aqueles defendendo sua legitimidade desde sempre, e estes afirmando sua inexistência no português contemporâneo –, na nossa análise é considerada legítima no português arcaico, mas não no português contemporâneo, pelas razões já acima explicitadas.

2.2 *ESTADO DE COISAS* E TIPOS SEMÂNTICOS DE PREDICADORES VERBAIS

Em primeiro lugar, o que chamamos de *estado de coisas* são os eventos – empregamos 'evento' como termo hiperonímico, no sentido lato de ação, processo ou estado –, que são estruturas pluridimensionais, enquanto as expressões lingüísticas são estruturas lineares. Como diz Cançado (2005b: 39), "Muitos fatos acontecem ao mesmo tempo no mundo, mas para falarmos sobre estes devemos colocá-los em seqüência, em uma estrutura sentencial." E as estruturas sentenciais ou oracionais podem variar para um

mesmo evento. As orações (44), (45) e (46) são diferentes estruturas oracionais para um mesmo evento; (44) é uma oração ativa, (45), uma oração passiva, e (46) se trata de uma construção ergativa, com alçamento do objeto da versão causativa em (44) para a posição de sujeito:

(44) João quebrou o vaso com um martelo.

(45) O vaso foi quebrado por João com um martelo.

(46) O vaso quebrou.

O verbo, elemento central da frase, bem como os elementos frásicos que o acompanham, dependem da intenção do falante no momento do evento de fala (ou de escrita); da mesma forma, a perspectiva do evento – se agentiva, como em (44), ou de afetamento, como em (45) e (46), por exemplo – depende da perspectiva do falante.

Para Halliday (1994) o uso que o falante faz da língua para manifestar sua experiência do mundo real e do mundo interior corresponde à metafunção ideacional (no sentido cognitivo, nocional), na qual "a linguagem estrutura a experiência", um dos dois tipos de metafunção ou significado segundo o autor; a segunda metafunção é a interpessoal, que serve para manter relações sociais. De um lado, a metafunção ideacional relaciona-se com o sistema de transitividade e reflete-se na estrutura da frase nos papéis de Ator, Meta, entre outros; a metafunção interpessoal, de outro lado, relaciona-se com o sistema de tema e informação.

Passemos, agora, à apresentação de algumas classificações semânticas do verbo – no âmbito do qual estudamos nesta Tese os papéis temáticos Agente e Paciente –, sabendo que os diferentes tipos semânticos de predicadores verbais expressam diferentes *estados de coisas* ou eventos.

De acordo com Chafe (1979: 97), na determinação dos papéis temáticos, "A influência semântica do verbo é dominante, estendendo-se sobre os nomes subordinados que o acompanham." Além do tipo semântico do verbo, também o predicado como um todo e o contexto situacional determinam os papéis temáticos; mas deixaremos essa discussão para o Capítulo 3.

Chafe (id.: 98-102) descreve seis especificações semânticas possíveis para o verbo:

a) Estado: A madeira está seca.
b) Estado-ambiente: Está quente
c) Processo: A madeira secou.
d) Ação: Miguel correu.
e) Ação-processo: Harriet quebrou a travessa.
f) Ação-ambiente: Está chovendo.

Segundo o autor, os verbos especificados como estado, como em a) e b), denotam um estado ou uma condição. Chierchia (2003: 493) diz que "Intuitivamente, os estados não são alguma coisa que "acontece", mas alguma coisa que "subsiste"". Essa é a conceituação tradicional de estado. Já os verbos especificados como não-estado, como em c), d), e) e f), denotam, conforme Chafe, um acontecimento.

Os verbos especificados como de estado, constituem, segundo Cançado (2005a: 112), eventos mentais e eventos relacionais. Os eventos mentais expressam uma experiência, seja psicológica, "João ama Maria", seja perceptiva, "João enxergou a luz no fim do túnel", seja cognitiva, "João acreditou no jornal". Nos eventos relacionais, relacionam-se dois estados de fato, como, por exemplo: "João é bonito" e "João tem uma casa". Para Halliday (1994), o que ele denomina de processos relacionais são, freqüentemente, processos de 'ser', sendo sua principal característica relacionar um Participante à sua identidade ou descrição. Os verbos especificados como de não-estado constituem, por sua vez, eventos que Cançado chama eventos de ação, relativos a ações como *abrir*, *fechar*, *quebrar* etc.

Conforme descrição de Chafe (1979: 98-102), os verbos de estado selecionam nome Paciente, assim como os verbos de processo (ou de mudança de estado), porque, segundo o autor, tanto nos estados como nos processos, existe a relação entre um nome e um estado, e o nome é o Paciente; os verbos de ação selecionam nome Agente, que para ele pode ser animado ou não, e os verbos de ação-processo selecionam nome Agente e nome Paciente[17]. Os verbos de estado-ambiente e de ação-ambiente, segundo Chafe,

[17] Borba (1990: 17), no *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*, afirma que o sujeito de verbos de ação-processo pode ser Agente, que, segundo ele, caracteriza-se pelas propriedades

parecem não implicar nada além de uma predicação, na qual não há referência a nenhuma coisa particular no ambiente.

Para Moreira (2000), as construções estativas, não acarretando mudança de estado ou locação, não têm os traços de ação/causação e afetação e não apresentam nem um nome Agente, nem um nome Paciente, mas um nome Experienciador, ou Locativo, ou Possuidor, ou Atributo, ou Objeto Estativo, entre outros nomes estativos. A posição de Moreira, quanto a isto, frente à de Chafe (1979) – que, por considerar que os verbos de estado selecionam nome Paciente, afirma que "Toda oração contém um nome agente ou paciente, se não contém ambos, a menos que o verbo seja da categoria excepcional de *ambiente*" (id.: 170) –, parece mais adequada[18]. Mas, ao mesmo tempo, admitimos que, em alguns casos, em alguns contextos, verbos de estado ocorrem com argumentos Pacientes, como nas orações a seguir:

(47) *João* aguardou o médico durante muito tempo.

(48) Maria mora com a madrasta má.

Em (47) e em (48), *aguardar* e *morar* tratam-se de verbos de estado, e classificamos *João* e *Maria*, nessas orações, como Pacientes experienciadores, afetados por uma mudança de estado psicológico, causada pela longa espera pelo médico, no caso de João, e, no caso de Maria, por morar com a madrasta má.[19]

Quanto aos verbos de não-estado, com os quais o Agente e o Paciente ocorrem na maioria das vezes, os verbos de não-estado de ação são, segundo Cunha e Souza (2007: 25), geralmente intransitivos ou apresentam complemento não-Paciente; os verbos de não-estado de processo são também geralmente intransitivos; e os verbos de não-estado de ação-processo são verbos prototipicamente transitivos, havendo "a transferência de

---

semânticas de animacidade e controle, ou Causativo, que é não-animado. Veja-se a definição que o autor apresenta para os verbos de ação-processo: "expressão de uma ação realizada por um *sujeito agente* e/ou de uma *causação* levada a efeito por um *causativo*, que afetam um complemento. A *ação-processo* sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição ou então algo que passa a existir. No primeiro caso, o complemento é um *afetado*, e, no segundo, um efetuado. Os verbos *de ação-processo* são também chamados de *mudança de estado* ou *causativos*."

[18] Adiante, na seção 3.1 deste capítulo, serão apresentados os conceitos de Agente e Paciente, segundo Chafe (1979) e outros autores consultados. Por enquanto, apresentamos apenas a classificação semântica dos verbos.

[19] Ver discussão sobre o conceito de Paciente experienciador e suas possibilidades de ocorrências, no Capítulo 3.

atividade de um agente para um paciente", envolvidos aí três elementos: o sujeito afetador, o evento de afetamento e o objeto afetado ou criado. Para Givón (1995) a frase transitiva prototípica apresenta três dimensões semânticas: a) agentividade: o sujeito de uma frase transitiva prototípica é um Agente deliberadamente ativo, ou seja, um Agente intencional, responsável pelo evento; b) afetação: o objeto direto de uma frase transitiva prototípica é um Paciente concreto visivelmente afetado, não-intencional, inativo, que registra as mudanças de estado do evento; e c) perfectividade: o verbo transitivo prototípico codifica um evento perfectivo (não-durável), completo, que acontece em tempo real. E Silva (2003: 388), que propõe uma sistematização dos esquemas conceituais de evento do português – esquema de 'ser'; esquema de 'acontecer'; esquema de 'fazer'; esquema de 'experienciar', esquema de 'ter'; esquema de 'mover'; e esquema de 'transferir' –, afirma que

> De todos os esquemas de evento, é o de 'fazer', integrando os participantes Agente e Paciente, o que representa a conceptualização prototípica de um evento ou o *evento canónico* (aquele em que se conceptualiza uma interacção *energética* entre dois *participantes*).

A classe sintático-semântica do predicador e o papel das entidades designadas pelos argumentos, segundo Mira Mateus *et al* (1983: 52), são determinados pelo tipo de *estado de coisas* que se pretende descrever. Segundo as autoras, há três tipos de *estado de coisas*: estados [- dinâmicos]; eventos [+ dinâmicos]; e processos [+ dinâmicos].

Os estados configuram-se quando "nenhuma das entidades envolvidas na predicação sofre alteração ou transição durante o intervalo de tempo ('I_t')" (id.: 47), daí selecionarem predicadores verbais estativos e serem [- dinâmico]:

(49) O João *está* deitado.

(50) O Museu do Ar *fica* em Alverca.

Nos eventos como nos processos, "pelo menos uma das entidades envolvidas realiza ou sofre um dado <<fazer>> (de natureza física, fisiológica ou psíquica), mudando eventualmente de lugar ou estado" (id.: 48), daí selecionarem os eventos e os processos predicadores verbais não-estativos e serem caracterizados como [+ dinâmicos].

A diferença entre predicadores de eventos e predicadores de processos, de acordo com Mira Mateus *et al* (id.: 55), reside em que "Os P_{proc} [predicadores de processo] são sempre a realização específica de um <<fazer>>, enquanto os P_{ev} [predicadores de evento] são uma dada concretização de um tornar-se – i.e., os P_{ev}, ao contrário dos P_{proc}, exprimem sempre uma mudança de estado." Os eventos "exprimem a alteração de um estado *p* (que tinha lugar no $I_{t'}$ imediatamente anterior) para um outro estado *p'* (localizado no $I_{t''}$ imediatamente posterior à sua ocorrência)" (id.: 48.), e os processos "exprimem um dado <<fazer>> localizado num I_t aberto, delimitado por dois eventos" (id.: 49). Desta forma, "os P_{proc} exprimem propriedades dinâmicas com uma dada **duração** e os P_{ev} exprimem propriedades dinâmicas tipicamente **não durativas**." Por isso, por exemplo, os predicadores de processo admitem adverbiais temporais durativos, e os predicadores de evento admitem adverbiais temporais pontuais. Segundo Mira Mateus *et al*, os exemplos (51) e (52), a seguir, são de eventos, e os exemplos (53) e (54) são de processos:

(51) A Ana *escreveu* um romance.

(52) O vento *partiu* o vidro da janela.

(53) A Maria *guiou* o jipe todo o dia.

(54) A pedra *rebolou* com o vento.

Os predicadores de evento, na classificação de Mira Mateus *et al*, correspondem a verbos de ação-processo na proposta de Chafe (1979) (também ao que se poderia chamar, ainda que não se encontre em Chafe, de causação-processo); os predicadores de processo correspondem a verbos de ação e a verbos de processo; e os predicadores de estado, a verbos de estado.

Os estados, eventos e processos podem ser [+controlado] (ver exemplos (49), (51) e (53)) ou [- controlado] (ver exemplos (50), (52) e (54)). Aos estados, eventos e processos [+ controlado] Mira Mateus *et al* (1983: 50) chamam, respectivamente, posições, ações e atividades. Desta forma, (49) é a descrição de uma posição, com sujeito Objeto Estativo; (51) é a descrição de uma ação, com sujeito Agente; e (53) é a descrição de uma atividade, também com sujeito Agente. Nas posições, a entidade é controladora do estado de coisas;

nas ações, é origem e controladora da mudança de estado ou de lugar; nas atividades, é origem e controladora do <<fazer>>. Quando, nas predicações dinâmicas, não há controle, como nas orações (52) e (54), não há também Agente, mas, por exemplo, o sujeito denota causalidade (52) ou afetamento (54).

Neves (2000), como Mira Mateus *et al* (mas não nos mesmos termos nem definições), aponta três classes principais de predicadores verbais: dois tipos de predicadores verbais dinâmicos, que são as ações/atividades e os processos, e um tipo de predicador verbal não-dinâmico, que são os estados. Neves e Mira Mateus *et al* concordam com que os predicadores dinâmicos envolvem um <<fazer>> e mudança de estado ou afetamento, e os predicadores não-dinâmicos descrevem apenas um estado, não havendo um <<fazer>> nem qualquer mudança ou afetamento. Assim, estão ambas de acordo em que o lugar do Agente e do Paciente é nas predicações dinâmicas, e concordamos aqui com isso, mas com a ressalva de que é possível, num determinado contexto, como ilustramos em (47) e (48), um nome Paciente aparecer ao lado de um verbo de estado, não-dinâmico.

Segundo Neves (id.: 26), os verbos que exprimem uma ação ou atividade, "o que alguém faz ou o que algo provoca", são acompanhados "por um **participante agente** ou **causativo**, podendo haver ou não outro **participante** (**afetado** ou não), isto é, podendo haver, ou não, um processo envolvido". Os verbos que exprimem processos, "o que acontece", envolvem "uma relação entre um **nome** e um **estado**, e o **nome** é **paciente** do **verbo** (**afetado**)". Os verbos que exprimem estados são acompanhados "por um **sintagma nominal** (sujeito) que é **suporte do estado**".

Na classificação proposta por Chafe (1979), os verbos que exprimem ação ou atividade, segundo Neves, correspondem a verbos de ação ou de ação-processo; os verbos que exprimem processos correspondem a verbos de processo; e os verbos que exprimem estados, a verbos de estado.

A seguir, exemplos, transcritos de Neves (2000: 26), de predicadores verbais de ação ou atividade (55), de processo (56) e de estado (57):

(55) *Sapateou*, *cantou*, *abriu* os braços e *deu* um longo agudo que quase *quebrou* as taças de cristal.

(56) As zínias do jardim embaixo *brotavam* com dificuldade dos borrões de fumaça.

(57) Gumercindo *permaneceu* parado.

Neves se refere também, como Chafe, a orações que implicam apenas uma predicação, não havendo referência a nada particular no ambiente.

A respeito da classificação proposta por Neves, a que adotamos nesta Tese, fazemos aqui três observações.

Primeiro, quanto aos verbos de ação/atividade, que podem, além de apresentar, como afirma a autora, sujeito Agente ou Causa, apresentar também sujeito Paciente, em ocorrências como (58), típica do PB:

(58) Jogador *operou* joelho.

Em (58), o *jogador*, na verdade, é Paciente, afetado pela ação/atividade expressa pelo verbo *operar*, e o Agente da operação está indeterminado.

Segundo, quanto aos verbos de processo, que, segundo Neves, envolvem apenas um participante Paciente, como na oração (56), em que o Paciente tem a função sintática de sujeito; mas os verbos de processo podem também envolver, além de um participante Paciente, um nome Causa (ou Causativo) – sendo o Paciente o objeto direto e a Causa o sujeito –, como em (59), em que o argumento *Maria* é afetado, sofrendo mudança de estado psicológico, por um processo causado por *um anúncio de greve na empresa*, ao qual é atribuído o papel temático Causa:

(59) O anúncio de greve na empresa aterrorizou *Maria*.

Ou envolver ainda um participante Agente, com função de objeto oblíquo (agentivo), como na oração a seguir:

(60) Maria recebeu contente uma linda jóia *de João*.

em que *João* é Agente na ação de dar.

Terceiro, quanto aos verbos de estado, que ocorrem não somente com um nome como suporte do estado, como afirma Neves, mas podem ocorrer, como vimos antes, com argumentos Pacientes.

A classificação das predicações, como afirma Neves (2000: 27), envolve, além do dinamismo – que opõe predicadores estativos a não-estativos –, outras componentes, como a componente pragmática controle e, no caso das predicações dinâmicas, é também importante, no ponto de vista da autora, o parâmetro de telicidade (aspecto perfectivo ou imperfectivo), um dos parâmetros de que Mira Mateus *et al* se utilizam para diferenciar eventos (não-durativos) de processos (com dada duração), seguindo critério semelhante ao de Vendler (1967), para quem os acontecimentos que chama tecnicamente de eventos são télicos, podendo ser prolongados ou pontuais, e os acontecimentos chamados ações ou processos são atélicos, sem propriedade inerente de culminação.[20]

Vendler, que desenvolveu a conhecida classificação aristotélica dos verbos segundo a eventualidade que representam ou o modo como as pessoas se referem aos fenômenos no mundo, sugere três classes acionais principais ou *modos de ser da ação* (Aktionsart) – classes que reúnem as relações e propriedades expressas pelos verbos: eventos e ações/processos (que são acontecimentos) e estados.

Os estados não denotam acontecimentos, segundo Vendler. Quanto aos acontecimentos, com predicadores não-estativos ou dinâmicos, os chamados por Vendler tecnicamente de eventos, eles denotam eventualidades télicas, têm um ponto de culminação, um *telos*; *chegar*, por exemplo, trata-se de uma eventualidade télica. Os processos e ações, por sua vez, para a autora, denotam eventualidades atélicas, que não têm

[20] Freqüentemente, nas línguas românicas, usam-se os termos *aspecto* e *modo de ser da ação* como sinônimos. Mas, segundo Corôa (2005: 65-67), embora os limites entre aspecto e modo de ser da ação não possam ser rigidamente fixados na prática, podemos caracterizar o aspecto como categoria gramatical e o modo de ser da ação como categoria léxico-semântica. A autora considera *modo de ser da ação* "toda classificação que leve em conta a informação semântica do radical verbal. Por exemplo, verbos como "saltar", em sua forma de imperfeito "saltava", leva à interpretação de "um hábito no passado" – iterativo – e não a "uma duração no passado", pela informação semântica que o radical nos dá: sabemos empiricamente que "saltar" é uma ação rápida, muitas vezes considerada pontual, quase incompatível com duração. Paralelamente, o *modo de ser da ação* inceptiva se deve à informação semântica do radical de "começar", "principiar", etc. Casos assim, em que recorremos ao nosso conhecimento de mundo para uma interpretação, classificamos como presos a uma categoria semântica e chamamos *modo de ser da ação*." Por outro lado, "A variação morfológica que um radical – portador de determinado valor semântico – sofre é um fenômeno gramatical: é o domínio do *aspecto*."A autora reconhece que, muitas vezes, aspecto e *modo de ser da ação* traduzem conteúdos muito semelhantes, diferenciando-se apenas pelos recursos usados: processo lexical para o *modo de ser da ação* – Acabei de ler *Vidas secas* – e processo morfológico para o aspecto – Li *Vidas secas*. No primeiro exemplo, a "ação completada" traduziu-se por meio de uma perífrase; no segundo exemplo, a mesma "ação completada" traduziu-se pelo pretérito perfeito, um recurso morfológico.

como propriedade inerente a culminação; *correr* ou *empurrar um carrinho*, por exemplo, tratam-se de eventualidades atélicas.

Quanto aos eventos, Vendler propõe uma distinção entre eventos prolongados (*accomplishments*), como *construir uma casa*, e eventos pontuais (*achievements*), como *reconhecer Eva*.

Voltando a Neves (2000), as predicações dinâmicas que podem ter a propriedade semântica controle são, segundo ela, as ações ou atividades, que podem ser télicas (61) ou não-télicas (62):

(61) Nando *lançou* um olhar aos companheiros.

(62) O passarinho e o corcunda *caminhavam* à frente do grupo.

Tanto em (61) como em (62), o sujeito é Agente, que, para Neves, é o participante que faz algo, tendo controle da ação/atividade. O participante causativo, que ela define como algo que faz alguma coisa, não tem o controle, como o sujeito na oração (59).

As predicações dinâmicas sem controle são os processos, que, da mesma forma, podem ser télicas (63) ou não-télicas (64):

(63) Você *perdeu* o show.

(64) *Ia*-lhe pelo corpo todo uma trêmula sensação de febre.

Nesse ponto, quando a autora afirma que, nas predicações de processo, não há controle, discordamos; por exemplo, em:

(65) Maria *recebeu* os livros.

a predicação é de processo, e *Maria* pode querer ou não querer receber os livros, pode decidir receber ou não receber os livros; tem, portanto, controle do processo.

As predicações não-dinâmicas podem ser, segundo Neves, com controle (66) e sem controle (67):

(66) O Rei *está* em pé ao lado do trono.

(67) Maneco Manivela *conservava-se* naquela mesma tensão.

2.2.1 **Resumindo**

Nesta seção, fizemos um apanhado geral dos tipos semânticos de predicadores verbais, já que tratamos nesta Tese o Agente e o Paciente no domínio do verbo, e optamos pela classificação em verbos de ação/atividade, de processo e de estado apresentada por Neves (2000), classificação que, neste momento, nos parece melhor casar-se com os objetivos pretendidos, discordando da autora, entretanto, quando ela afirma que, nas predicações dinâmicas de processo, não há controle; chamando a atenção para a possibilidade de verbos de ação/atividade apresentarem não somente sujeito Agente ou Causa, mas, ainda, sujeito Paciente, e também para a possibilidade de verbos de processo apresentarem, além de um participante ou um argumento Paciente, também um argumento Causa ou Agente, aos quais a autora não faz referência; e ainda destacando a possibilidade de verbos de estado ocorrerem com argumentos Pacientes, e não apenas, como afirma Neves, com argumentos como suporte do estado.

Como os resultados de análises de dados reais de língua portuguesa apresentados no Capítulo 4, mais à frente, o podem confirmar, o Agente ocorre sempre com verbos dinâmicos, de ação/atividade e de processo, e o Paciente ocorre, normalmente, com verbos dinâmicos.

2.3 PAPÉIS TEMÁTICOS

Como afirmam Mioto *et al* (2005: 124), os predicadores verbais – que, entre os predicadores, que podem ser todas as categorias lexicais, Nome, Verbo, Adjetivo e

Preposição, são os que apresentam, de forma mais evidente, as estruturas relacionais sintático-semânticas – selecionam o número e categoria sintática de argumentos com os quais ocorrerão, e, da mesma forma, com que tipo semântico de argumentos podem combinar-se; é o que se chama, em teoria gerativa, de c-seleção, seleção categorial de argumentos, e s-seleção, seleção semântica de argumentos, no âmbito da qual estão envolvidos os papéis temáticos.

Para Mioto *et al* (id.: 122) "Um dos aspectos mais interessantes das línguas naturais, no que tange à seleção de argumentos, é que os núcleos, especialmente considerando os verbos, têm uma capacidade muito limitada de selecioná-los." Há verbos que não selecionam nenhum argumento, por exemplo aqueles que expressam fenômenos da natureza, como *chover*; verbos que selecionam somente um argumento externo, sujeito, como *morrer*; verbos que selecionam dois argumentos, como *gostar*, que seleciona um argumento externo e um argumento interno, complemento verbal; e verbos que selecionam três argumentos, como *dar*, que seleciona um argumento externo e dois argumentos internos. De acordo com Mioto *et al* (id.: 123), "não há um verbo em qualquer língua natural que possa selecionar **n** argumentos, **n** sendo maior que três." Raposo (1992: 275), porém, afirma que

> Teoricamente não existe nenhum número limite *n* para o qual não possa existir um predicador hipotético que tome *n* (ou mais) argumentos. Na realidade, contudo, não existem provavelmente predicadores com mais de quatro ou cinco argumentos. O verbo *atirar*, por exemplo, admite quatro argumentos, como em **O Luís atirou a bola do jardim para a rua**.

Parece que o que Raposo (1992) considera argumento, *do jardim* e *para a rua*, Mioto *et al* (2005) considerariam adjuntos.

Cançado (2008: 7) defende que "os argumentos de um verbo são todos os argumentos acarretados lexicalmente por esse verbo. Independentemente se alguns desses se projetam na sintaxe em posição de complemento ou adjunto." A autora dissocia, desta forma, as noções de argumento e complemento, trabalhando, portanto, com uma noção estritamente semântica de argumento. Para Cançado, argumento é uma noção estritamente semântica, enquanto complemento e adjunto são noções estruturais. Neste trabalho, haja vista os nossos objetivos, seguimos a orientação comum na bibliografia de associar argumentos a complementos, diferenciando-os de adjuntos, apesar de Cançado afirmar que

se trata apenas de uma diferença estrutural, só uma questão de posição, que não tem relação com a seleção semântica. Mas é importante neste trabalho, na descrição das configurações sintáticas do Agente e do Paciente, diferenciar complementos de adjuntos e ambos de sujeito; é importante classificar, na análise dos dados de Agente e de Paciente depreendidos dos *corpora* de pesquisa, os constituintes ou nomes que desempenham a função sintática de sujeito (argumento externo), de objeto/complemento (argumento interno), de agente da passiva – que é, segundo Mioto *et al* (2005: 164), uma adjunção do verbo, realizada como complemento da preposição *por* ou *de* – e de adjunto adverbial (comitativo).

Busse e Vilela (1986: 13) chamam valência ao número de lugares vazios previstos pelo lexema. Os autores (id.: 18-19), tratando a estrutura relacional valencial dos verbos, denominam avalentes verbos sem qualquer lugar vazio (segundo eles, os que correspondem aos verbos impessoais na classificação da GT); monovalentes são os verbos de um único lugar vazio (os verbos intransitivos da GT); bivalentes é a denominação para os verbos de dois lugares vazios; e trivalentes são chamados os verbos de três lugares vazios. Busse e Vilela (id.: 19) advertem que "Há autores que admitem a existência de verbos com quatro lugares vazios (verbos tetravalentes como *traduzir alguma coisa de X para Y*, *pagar X a alguém por alguma coisa*.)"

A seleção categorial diz respeito não apenas ao número de argumentos selecionados pelo verbo, mas também à categoria sintática do argumento. Por exemplo, a seqüência:

(68) *A Maria beijou que o João saiu.

é agramatical, haja vista, segundo *Mioto et al* (2005: 124), que "o verbo *beijar* não pode ser complementado por um CP [Complementizer Phrase = Grupo de Complementador], mas apenas por um DP [Determiner Phrase = Grupo de determinante]."

Também é agramatical a seqüência (69), abaixo; desta vez, por não estar adequada a s-seleção, pois *a pedra* não é Agente, não é capaz de beijar: de acordo com Mioto *et al* (ibid.), "o verbo *beijar* exige que o argumento que funcionará como sujeito da sentença seja um DP capaz de fazer referência a um ser "beijador" – a pedra não tem lábios para tanto":

(69) *A pedra beijou o Pedro.

Por outro lado, a oração (70), a seguir, é gramatical, por estarem adequadas a c-seleção e a s-seleção:

(70) A Maria beijou o Pedro.

Não existe predicador com mais de uma possibilidade de s-seleção, como afirmam Mioto *et al* (ibid.); advertem, todavia, que pode existir uma mesma palavra com s-seleções diferentes, casos de homonímia. Um mesmo predicador, porém, pode c-selecionar argumentos diferentes, como podemos observar nos exemplos seguintes:

(71) A Maria disse *a verdade*.

(72) A Maria disse *que o João saiu*.

Em (71), o argumento interno é, na terminologia gerativa, um DP e, em (72), é um CP.

Mioto *et al* (ibid.), comparando, por exemplo, o português com o inglês, constatam que a c-seleção de um predicador pode variar de uma língua para outra, enquanto a s-seleção se mantém estável. Vejamos esses exemplos:

(73) O João gosta *da Maria*.

(74) John likes *Mary*.

Na descrição de *Mioto et al*, o verbo *gostar* rege, em português, argumento interno PP [Prepositional Phrase = Grupo Preposicional], *da Maria*; em inglês, rege argumento interno DP, *Mary*, ambos, na nossa análise, podendo ser classificados semanticamente como Objetos Estativos. Concluem os autores (id.: 125) que "Enquanto as informações categoriais de um argumento podem estar em variação, as semânticas parecem ser universais, ontológicas."

As informações relativas à s-seleção ou informações semânticas – chegando aqui ao ponto a que queríamos chegar – codificam o que se chama de função temática, ou papel temático, ou papel θ (da letra grega Theta)[21]. Raposo (1992: 276-277) afirma que

> Existe em cada oração uma rede de relações semânticas entre o predicador e os seus argumentos, a qual depende do predicador particular e das funções gramaticais desempenhadas pelos argumentos. A esta rede de relações semânticas de uma oração chamamos *estrutura temática*, e aos elementos primitivos da estrutura temática chamamos *funções temáticas* (como Agente, Paciente, Experienciador etc.).

O verbo *beijar*, na oração em (70), por exemplo, apresentada anteriormente, tem a seguinte estrutura ou grade temática, que diz respeito ao número de papéis temáticos que um predicado terá que atribuir: um argumento é realizado como Agente, e outro como Paciente (ou o que Mioto *et al* (2005) chamam de Tema).

Papel temático – referência encontrada em Lingüística, inicialmente em trabalho de Gruber (1965), Fillmore (1968) e Jackendoff (1972) – tem sentido muito próximo, em teoria gerativa, a Caso semântico, noção difundida pela Gramática de Casos, que tem como principal representante Fillmore.

Caso é uma categoria que não tem um sentido uniforme na teoria lingüística. Fala-se, além do Caso semântico, em Caso morfológico – referente a um paradigma de morfemas associados aos diferentes casos – e Caso abstrato, cuja existência é postulada para qualquer língua natural, independentemente do caso morfológico. Segundo Mioto *et al* (2005: 174),

> Todas as línguas são idênticas por disporem da categoria gramatical de **Caso**. O que pode ser diferente de uma língua para outra é a forma como esta categoria se expressa: em algumas, concretamente, por meio de um paradigma mais ou menos rico de morfemas; em outras, mais abstratamente, por meio de recursos tais como a ordem dos DPs em relação aos núcleos que os selecionaram.

Tanto o latim como o português apresentam Caso abstrato; entretanto, enquanto aquela língua tem um paradigma rico de morfemas para os casos, esta não apresenta marca morfológica de caso.

---

[21] Preferimos empregar, como o leitor deve ter notado já na introdução a este trabalho, a denominação *papel temático*.

Em latim, os morfemas casuais estabelecem as funções gramaticais e, por meio deles, reconhecemos os papéis temáticos dos argumentos:

(75) *Puella* *puerum* amat.
menina menino ama
'A menina ama o menino'

(76) *Puer* *puellam* amat
menino menina ama
'O menino ama a menina'

Em (75), o sintagma *puella* está no caso nominativo, o que se identifica pelo morfema /-a/ e tem papel temático Experienciador; *puerum*, com o morfema /-(u)m/, está no caso acusativo e tem papel temático Objeto Estativo. Já em (76), o sintagma *puer*, com morfema Ø, está no nominativo e tem, agora, papel temático Experienciador, e *puellam*, com morfema /-m/, está no acusativo e assume, desta vez, papel temático Objeto Estativo.

Em português, que não apresenta marca morfológica de caso, a ordenação dos sintagmas é importante para torná-los visíveis para a interpretação temática:

(77) *A menina* ama *o menino*.

(78) *O menino* ama *a menina*.

Em (77), *menina*, sintagma anteposto ao verbo, é nominativo e Experienciador, e *menino*, sintagma posposto ao verbo, é acusativo e Objeto Estativo; em (78), dá-se o contrário: *menina*, à direita do verbo, é acusativo e Objeto Estativo, e *menino*, à esquerda do verbo, é nominativo e Experienciador.

Em teoria gerativa, o módulo da Gramática que se ocupa da estrutura temática das orações e do modo como tal estrutura se articula com a estrutura sintática é a Teoria Temática, que contém uma componente conceitual – que trata a caracterização semântica das funções temáticas – e uma componente formal, que diz respeito às propriedades estruturais das representações sintáticas; é nesta componente que a teoria gerativa se centra, preferindo tratar os papéis temáticos numa perspectiva puramente estrutural, não

considerando seu conteúdo semântico, tão somente a atribuição dos papéis temáticos aos argumentos.

A componente formal é mais desenvolvida do que a componente conceitual, pois, como constata Raposo (1992: 277), na caracterização semântica das funções temáticas, o vocabulário utilizado na sua nomeação é freqüentemente impressionista, não havendo consenso, na bibliografia, quanto aos papéis temáticos existentes nas línguas e quanto às suas definições; mas uma coisa se reconhece: que os papéis temáticos são noções importantes nas línguas, pois o seu conteúdo semântico restringe e/ou ordena a estruturação sintática das orações.

Os dois trabalhos centrais sobre as funções semânticas e o papel que elas desempenham na análise sintática são o de Fillmore (1968) e o de Jackendoff (1972), que, ao lado de Gruber (1965), iniciaram a discussão sobre papéis temáticos, no âmbito da gramática gerativa.

Aqui nos ocuparemos em apresentar algumas propostas de papéis temáticos e suas definições, sem nos determos em discussões de ordem sintática referentes a regras de projeção da estrutura conceitual semântica sobre posições argumentais da oração, que fogem ao nosso interesse.

A começar por Fillmore (1968), para ele, que emprega o termo 'caso' como equivalente de função semântica ou papel temático, portanto Caso semântico, os casos que parecem ser necessários e que o autor apresenta como universais são esses:

a) Agentivo: o caso do instigador da ação identificada pelo verbo, instigador este percebido tipicamente como ser animado.
b) Instrumental: o caso da força ou objeto inanimado, causalmente implicado na ação ou estado identificados pelo verbo.
c) Dativo: o caso do ser animado afetado pelo estado ou ação identificados pelo verbo.
d) Factivo: o caso do objeto ou ser resultante da ação ou estado identificados pelo verbo, ou compreendido como parte do significado do verbo.
e) Locativo: o caso que identifica a localização ou orientação espacial do estado ou ação identificados pelo verbo.
f) Objetivo: o caso semanticamente mais neutro, aquele em que qualquer coisa representada por um substantivo cujo papel na ação ou estado identificado

> pelo verbo é identificado pela interpretação semântica do próprio verbo; o conceito deveria ser limitado a coisas que fossem afetadas pela ação ou estado identificados pelo verbo. Não se deve confundir o termo com a noção de objeto direto, nem entendê-lo como sinônimo de acusativo.

Repare o leitor que Fillmore fala que o Agentivo é percebido tipicamente como ser animado; não sempre, mas tipicamente. Ou seja: para o autor, é possível haver Agente inanimado, como um robô, por exemplo. Na nossa concepção, por outro lado, o Agente é sempre animado, porque o Agente tem sempre o controle da ação/atividade, e um robô, por exemplo, é sempre comandado por outrem.

No sistema de casos proposto por Fillmore, não existe, como podemos ver, o papel temático Paciente, que parece estar recoberto pelos papéis temáticos Dativo, Factivo e Objetivo. Também não existe o papel temático Causa, porque a definição do autor para papel Instrumental recobre as entidades envolvidas causalmente num dado acontecimento.

O papel temático Dativo é dividido pelo autor em subcasos particulares:

a) Benefactivo: próprio da entidade afetada positivamente.
b) Malefactivo: próprio da entidade afetada negativamente.
c) Experienciador: próprio da entidade que é objeto de um estado psicológico ou causadora de um processo psicológico.

Fillmore adverte que será necessário propor casos suplementares. E faz também a ressalva de que nenhum dos casos apontados por ele pode ser interpretado como correspondendo às relações de estrutura de superfície, sujeito e objeto, em nenhuma língua dada. Os exemplos a seguir ilustram esta ressalva feita pelo autor:

(79) *João* abriu a porta.

(80) A porta foi aberta por *João*.

(81) A *chave* abriu a porta.

(82) João abriu a porta com a *chave*.

(83) João usou a *chave* para abrir a porta.

(84) *João* acreditava que iria vencer.

(85) Persuadimos *João* de que ele iria vencer.

(86) Era aparente a *João* que ele iria vencer.

(87) *Chicago* é ventoso.

(88) É ventoso em *Chicago*.

João é Agente em (79) e também em (80); *a chave* é Instrumento em (81), (82) e (83); *João* é Dativo em (84), bem como em (85) e (86); e *Chicago* é Locativo tanto em (87) como em (88).

No que concerne à escolha do sujeito, porém, Fillmore diz que a escolha não-marcada parece seguir a regra de que, havendo um Agente, este será o sujeito; ou, havendo um Instrumento, este será o sujeito; ou, então, havendo o Objetivo, este será o sujeito:

Agente>Instrumento>Objetivo

Segundo o princípio da Hierarquia Temática, o argumento externo do verbo tende a assumir o papel temático Agente, e o argumento interno, o papel temático Paciente. Mas a regra ou hierarquia temática apresentada por Dik (1978), como o leitor pode verificar abaixo, difere da de Fillmore (1968):

Agente>Alvo>Recipiente>Benefactivo>Instrumento>Locativo>Tempo

A hierarquia apresentada por Mioto *et al* (2005: 136), e transcrita a seguir, difere da de Fillmore e da de Dik, mas as três, como podemos verificar, trazem o Agente como papel temático preferencial do sujeito:

Agente>causativo>experienciador>tema> benefactivo>locativo[22]

No nível das funções semântico-temáticas, o Agente precedendo o Paciente é a ordem semântica natural; a perspectiva agentiva do evento (argumento externo Agente) é mais natural do que a perspectiva de afetamento (argumento externo Paciente). Segundo Pontes (1986: 238), "o sujeito típico é o agente". E, nas palavras de Chafe (1979: 103), "a relação de paciente é mais "interna" do que a relação de agente." Não é à toa que é comum nas teorias gramaticais a forma ativa ser considerada a primitiva e a forma passiva, a derivada.

Em artigo posterior, Fillmore (1971), repensando a gramática de casos, propõe os seguintes casos:

a) Agente: o caso do instigador da ação identificada pelo verbo, instigador este percebido tipicamente como ser animado.
b) Experimentador: o caso dos verbos que indicam acontecimento psicológico ou estado mental.
c) Instrumento: o caso da causa imediata de um acontecimento, ou, ainda, quando se tem um predicador psicológico, é o caso do estímulo.
d) Objeto: o caso da entidade que se desloca ou que sofre a modificação.
e) Origem e Meta ou Fonte e Alvo: os casos que ocorrem com verbos de movimento, quando é possível especificar o ponto de partida e o destino, e com verbos que indicam uma transformação, quando é possível especificar o estado anterior e o estado posterior.
f) Locativo e Tempo: os casos considerados, a princípio, complementos facultativos de qualquer predicador.

O caso Dativo, apontado por Fillmore no seu artigo de 1968 – caso ao qual o autor atribuiu o traço lexical de animacidade, constatando, posteriormente, que nem toda entidade que desempenhava este papel possuía tal traço –, foi distribuído entre os demais: o caso será Experimentador, quando o verbo indicar um acontecimento psicológico ou estado mental; quando for um verbo não-psicológico que indique mudança de estado, o

[22] Outras hierarquias de ordem semântica têm sido propostas na bibliografia, como, por exemplo: definido>indefinido; possuidor>possuído; humano>não-humano; animado>inanimado.

caso será Objeto; e, havendo uma entrega ou movimento de algo para uma pessoa, o receptor será o caso Meta ou Alvo.

O caso Factivo, apontado no artigo anterior, foi absorvido pelos casos Fonte ou Alvo.

Quanto a Jackendoff (1972), que retoma a proposta de Gruber (1965), o autor propõe – no âmbito da Semântica Representacional, que se atém à forma das representações mentais internas e às relações formais entre a estrutura conceitual e os outros níveis de representação (sintático, fonológico, etc.) – um esquema conceitual abstrato, cuja principal função é a de Tema.

Para Jackendoff, como para Gruber, toda frase tem um Tema, e os verbos podem ser classificados semanticamente em dois grupos (classificação que não adotamos nesta tese): verbos de deslocação ou movimento – que implicam a existência de um Tema, de uma Fonte e de um Alvo – e verbos de localização ou estativos, que implicam a existência de um Tema e de um Lugar.

Quando o verbo denota movimento ou troca na posse de um objeto, o Tema é o argumento que sofre o movimento ou o argumento trocado:

(89) *O João* chegou de Lisboa.

(90) A Joana entregou *a carta* ao Luís.

(91) Ele comprou *as rosas* à florista.

O Tema é o argumento do qual se afirma a localização, quando o verbo é de localização:

(92) O *Luís* ficou em casa.

(93) O Luís pôs *o livro* na mesa.

Também o Tema se aplica a um dos argumentos de verbos que exprimem uma concepção abstrata ou psicológica de movimento, como em (94), em que há uma

transferência de informação, ou uma concepção abstrata de localização, como em (95), em que há noção de posse:

(94) O professor explicou *o teorema* aos seus alunos.

(95) O professor sabe *a resposta*.

O Tema pode ainda, segundo Jackendoff, ser o argumento que designa a entidade que sofre mudança de estado, à qual nós chamamos Paciente:

(96) *Maria* passou de deprimida a eufórica.

(97) *A carne* já cozeu.

(98) A cozinheira cozeu *a carne*.

Jackendoff propõe também os seguintes papéis temáticos: Locativo, Fonte, Alvo e Agente.

O papel temático Locativo é atribuído por verbos que designam localização; têm papel temático Locativo, por exemplo, *casa* e *mesa*, respectivamente em (92) e (93).

Fonte e Alvo, respectivamente, o ponto de partida e o ponto de chegada, são papéis temáticos atribuídos por verbos de movimento: em (88), *Lisboa* é Fonte; em (90), *Joana* é Fonte e *Luís* é Alvo; e, em (91), *florista* é fonte e *ele* é Alvo.

O papel temático Agente é desempenhado por um argumento [+animado], com intencionalidade, sendo sua vontade responsável pela ação descrita: *Joana* em (90); *Ele* em (91); *Luís* em (93); *professor* em (94) e *cozinheira* em (98).

Na análise de Jackendoff, como vemos, o sujeito pode desempenhar, ao mesmo tempo, dois papéis temáticos, o que viola o Critério Temático, segundo o qual "(i) cada argumento tem que receber um e um só papel θ; (ii) cada papel θ tem que ser atribuído a um e um só argumento." (Mioto *et al*, 2005: 140): Agente e Fonte: por exemplo, *Joana* em (90); Agente e Alvo: por exemplo, *Ele* em (91), ou Agente e Tema, como, por exemplo, *João* em (99), abaixo:

(99) *João* pulou do alto do precipício.

Na proposta de Cançado (2003; 2005c), que adotamos nesta Tese (ver Capítulo 3), em lugar de atribuir dois papéis temáticos a um mesmo argumento e violar o conhecido Critério Temático – aceito por várias correntes lingüísticas –, a autora atribui um só papel temático a um argumento, o papel temático sendo definido por ela em grupo de propriedades semânticas, como desencadeador, controle, afetado, etc.

Já podemos ver, da apresentação da lista de papéis temáticos propostos por Fillmore (1968), de um lado, e por Jackendoff (1972), de outro, que não há mesmo consenso quanto ao número de papéis temáticos existentes nas línguas e quanto às suas definições.

Para citar mais alguns exemplos de variação quanto ao número de papéis temáticos, vejamos a proposta de Chafe (1979), que lista sete papéis temáticos:

a) Paciente.
b) Agente.
c) Experimentador.
d) Beneficiário.
e) Instrumento.
f) Complemento.
g) Lugar.[23]

E a proprota de Parsons (1995), por outro lado, que lista oito papéis temáticos:

a) Agente.
b) Tema.
c) Experienciador.
d) Receptor.
e) Origem.
f) Instrumento.

[23] A respeito dos papéis temáticos por ele listados, Chafe (1979) faz a ressalva de que apenas o papel temático Instrumento não é determinado pela presença no verbo de certa unidade selecional. Segundo o autor, "Um nome instrumento depende basicamente da presença de um verbo de ação-processo, embora tal verbo não requeira a companhia de um instrumento." (id.: 170)

g) Beneficiário.
h) Localização.

Dos autores consultados, a maior lista é a apresentada por Mira Mateus *et al* (1983), com nove papéis temáticos[24]:

a) Paciente.
b) Neutro.
c) Origem.
d) Objeto.
e) Experienciador.
f) Recipiente.
g) Locativo.
h) Agente.
i) Posicionador.

Quanto à divergência nas definições dos papéis temáticos – divergência que encontra explicação no fato de os papéis temáticos serem noções bastante intuitivas, o que leva muitos lingüistas a rejeitá-los na construção de suas descrições –, focaremos nossa atenção no que nos interessa, que são o Agente e o Paciente.

A seguir, alguns definições para o Agente oferecidas na bibliografia:

O Agente é:

a) O elemento controlador da ação (Halliday, 1967).
b) A função desempenhada por um ente tipicamente animado que é responsável, voluntária ou involuntariamente, pela ação ou pelo desencadeamento de processos (Fillmore, 1968).
c) Um argumento animado, com intencionalidade, sendo sua vontade responsável pela ação descrita (Jackendoff, 1972).
d) O elemento animado ou inanimado que realiza a ação (Chafe, 1979).

[24] Na edição de 2003, à página 187, Mira Mateus *et al* assumem, todavia, que "A lista mínima de papéis temáticos relevantes para a descrição da estrutura argumental dos verbos da língua portuguesa inclui os papéis de Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema."

e) O argumento que designa a entidade controladora de um estado de coisas [+ dinâmico] (Mira Mateus *et al*, 1983).
f) O que por si mesmo desencadeia uma atividade (física ou não), sendo origem dela e seu controlador (Borba, 1990).
g) O argumento que faz alguma coisa (Parsons, 1995).
h) O participante que faz algo, tendo controle da ação/atividade (Neves, 2000).
i) O elemento que instiga a ação (Trask, 2006).
j) O indivíduo que tem a iniciativa da ação, que tem controle sobre a realização da ação (Ilari, 2008).

Definições apresentadas para o Paciente:

O Paciente é:

a) O elemento que está em determinado estado ou que muda de estado (Chafe, 1979).
b) O argumento que designa a entidade a quem é atribuída uma propriedade não-dinâmica ou que é localizada relativamente a outra entidade, numa relação não-dinâmica (Mira Mateus *et al*, 1983).[25]
c) O afetado por aquilo que o verbo expressa, o que sofre uma mudança de estado, condição ou posição (Borba, 1990).
d) O argumento afetado pela ação ou processo (Neves, 2000).
e) O elemento com que algo acontece (Trask, 2006).

As definições acima apresentadas para o Agente e o Paciente, como vemos, são variáveis e, algumas vezes, bastante vagas. O Agente ora é animado, ora inanimado, ora tem controle e intenção, ora não. O Paciente ora é o elemento que se encontra num determinado estado, ora é o elemento que muda de estado, ora é o elemento que muda de posição.

[25] Na edição de 2003, à página 190, Mira Mateus *et al*, que aí já não falam em Paciente, chamam Tema ao "argumento que designa a entidade que muda de lugar, de posse ou de estado, em frases que descrevem situações dinâmicas. O argumento com este papel pode designar uma entidade criada pela actividade expressa pelo verbo."

Quanto ao Agente, decidimos aqui, no rol das definições acima apresentadas, pelas posições de Halliday (1967), Jackendoff (1972), Borba (1990), Neves (2000) e Ilari (2008), para os quais o Agente é o desencadeador com controle da ação.

Assumimos, neste trabalho, que o Agente prototípico apresenta as propriedades desencadeador, controle, intenção e causa (sendo desencadeador, controle e causa as propriedades essenciais desse papel temático), entendendo controle e intenção como propriedades diferentes: é claro que intenção implica controle, mas nem sempre controle pressupõe intenção, como veremos no Capítulo 3. Atribuímos ao Agente prototípico também a propriedade causa, porque, como diz Cançado (1995: 102):

> De fato, na atribuição de agentividade, sempre se pode mostrar que um certo evento foi causado pela ação do agente. Observe-se que a noção de causalidade envolvida nessa descrição é a de uma relação que se estabelece entre dois eventos: o que o agente fez e o que resultou de sua ação. Mas nem todo evento que se atribui a um agente pode ser explicado como causado por outro evento.

Quanto ao Paciente, concordamos com a definição apresentada por Neves (2000), a de que o Paciente é o argumento afetado pela ação ou processo. Assumimos aqui que 'afetado' é a propriedade essencial do Paciente, que é um inanimado, que muda de estado físico, ou um animado que muda de estado psicológico, podendo, ao mesmo tempo, também mudar de estado físico, ou que resultam de uma ação/atividade ou de um processo. O Paciente prototípico, para nós, é inanimado, sofrendo, portanto, apenas mudança de estado físico, não apresentando a propriedade experienciador, categórica em caso de Pacientes animados, o que trataremos mais detidamente no Capítulo 3.

O que preferimos chamar de Paciente pode aparecer na bibliografia, sob outras denominações, como Tema, Objeto e Alvo.

Jackendoff (1972) e Parsons (1995) referem-se ao Tema como o argumento que sofre mudança de estado (para Jackendoff (1972), como vimos antes, o Tema pode ter ainda outras definições: o argumento que sofre movimento ou o argumento do qual se afirma a localização etc.). Mira Mateus *et al* (1983) referem-se ao Objeto como o argumento que designa a entidade afetada (ou resultante) numa ação ou processo; já na edição de 2003, essa definição é apresentada para o Tema. Ilari (2008) refere-se ao Alvo como indivíduo ou objeto diretamente afetado pela ação.

Vejamos, ainda, mais algumas propostas no tratamento dos papéis temáticos.

Foley e Van Valin Jr. (1984) propõem dois macro-papéis: ‘Actor’ e ‘Undergoer’. Definem ‘Actor’ como um conceito hierarquicamente superior a relações temáticas como Agente, Instrumento, etc. Os argumentos ou participantes que apresentam o macro-papel ‘Actor’ têm em comum serem iniciadores potenciais e/ou controladores de estados de coisas expressos no predicado. O 'Undergoer', por outro lado, diz respeito ao argumento que não executa, inicia ou controla nenhum estado de coisas, mas, pelo contrário, é de algum modo afetado por ele. Assim, o Agente é englobado pelo macro-papel ‘Actor’, e o Paciente o é pelo macro-papel ‘Undergoer’.

Klaiman (1988) introduz os conceitos de ‘iniciador e/ou controlador’ e ‘entidade afetada’, distinguindo-os dos macro-papéis ‘Actor’ e ‘Undergoer’, respectivamente, considerando ‘entidade afetada’ e ‘controlador’ *status* conceituais, não relações temáticas. Para ela, no que dividimos a mesma opinião, o *status* de entidade afetada pode acrescentar-se a argumentos representando várias relações temáticas, podendo convergir, num argumento sentencial único, com qualquer um dos dois macro-papéis propostos por Foley e Van Valin; em algumas línguas, inclusive, como a autora ressalta, um argumento ou participante pode ser considerado afetado, em razão de executar certas ações, como, por exemplo, em português, como ilustra a oração (99), apresentada anteriormente.

Neste trabalho, segundo a proposta que apresentamos no Capítulo 3, analisamos *João* em (99) como Agente constituído das propriedades desencadeador, controle, intenção, causa, afetado e experienciador, um Agente afetado, menos prototípico do que o Agente não-afetado.

Da mesma forma, Klaiman não admite, com o que também concordamos, que se atribua o *status* conceitual ‘controlador’ apenas ao macro-papel ‘Actor’; embora o *status* conceitual de controlador seja naturalmente associado ao macro-papel ‘Actor’, ele pode acrescentar-se ao de ‘Undergoer’, em alguns sistemas, como, por exemplo, em português:

(100) *Maria* recebeu dois troféus na gincana da escola.

Nesta Tese, analisamos o sujeito *Maria* como Paciente, composto das propriedades afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção e causa, um Paciente agentivo, não-prototípico.

Outra proposta é a de Dowty (1989), que define informalmente papéis temáticos como relações semânticas e acarretamentos lexicais partilhados por argumentos

determinados de certos verbos. Considerando a dificuldade em definir um número limitado de papéis temáticos e de encontrar critérios que possam identificá-los, o autor propõe substituir as várias definições por conjuntos de propriedades semânticas que permitam associar, em proto-papéis temáticos, diversos critérios utilizados anteriormente para distinguir papéis temáticos. Dowty subdivide os papéis temáticos em duas macro-funções básicas, prototípicas: 'Proto-Agent' e Proto-Patient'. As propriedades que contribuem para o 'Proto-Agent' são as seguintes:

a) Envolvimento volitivo no evento ou no estado.
b) Conhecimento (e/ou percepção).
c) Causar um evento ou mudança de estado noutro participante.
d) Movimento (relativamente à posição de outro participante).

As propriedades que contribuem para o 'Proto-Patient' são as seguintes:

a) Sofrer mudança de estado.
b) Tema incremental.[26]
c) Afetado causalmente por outro participante.
d) Estacionário (relativamente ao movimento de outro participante).

A identificação do tipo de argumento numa dada relação é feita por meio da atribuição de Agente ao argumento que tem mais propriedades agentivas entre as listadas acima e de Paciente ao argumento que tem mais propriedades de afetamento entre as que acabamos de listar.

A nossa proposta de caracterização dos papéis temáticos Agente e Paciente que apresentaremos no próximo capítulo aproxima-se do tratamento que Dowty dá aos papéis temáticos, no que se refere à consideração de diferentes propriedades semânticas. Mas não estamos com Dowty, por outro lado, em considerar que todos os papéis temáticos estão englobados nas macro-funções básicas 'Proto-Agent' e 'Proto-Pacient'.

[26] Tema incremental é conceito que refere o homomorfismo entre a extensão do evento e a extensão do nome. Por exemplo, em *João construiu a casa*, a casa é construída no decorrer do evento; temos aí um tema incremental de criação; em *João limpou a mesa*, temos um tema incremental de mudança de estado; em *João andou os três quarteirões*, temos um tema incremental de trajetória; em *João leu o poema*, temos um tema incremental de performance.

2.3.1 **Resumindo**

Papel temático, como o Agente ou o Paciente, por exemplo, é como chamamos às funções semânticas envolvidas na seleção semântica feita pelos predicadores. Desta forma, o verbo, um entre os vários tipos de predicadores, no domínio do qual trabalhamos nesta Tese, seleciona semanticamente os seus argumentos (e adjunções) – também, como vimos, o número de argumentos e sua categoria sintática –, que assumem, na predicação, dependendo do predicador particular e das funções gramaticais aí envolvidas, bem como, conforme veremos no Capítulo 3 e no Capítulo 4, do predicado como um todo e do contexto situacional, diferentes papéis temáticos.

Na bibliografia, as denominações e definições para os papéis temáticos são variáveis, muitas vezes intuitivas, haja vista a natureza do objeto. O Agente – para o qual não há variação na denominação – e o Paciente, que pode ainda ser chamado de Tema, Objeto e Alvo, têm diferentes definições.

Neste trabalho, assumimos que o Agente prototípico é o que desencadeia a ação com controle e intencionalidade, causando algum efeito que não recai sobre ele próprio, e o Paciente prototípico é um inanimado, que sofre afetamento de natureza física ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo.

CAPÍTULO 3: O AGENTE E O PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: CARACTERIZAÇÃO EM PROPRIEDADES SEMÂNTICAS

3.1 O QUADRO TEÓRICO

Tendo em vista nosso objetivo com esta pesquisa de doutoramento, que é tratar os papéis temáticos Agente e Paciente, chegamos ao ponto, no presente texto, de propor uma caracterização em propriedades semânticas dos referidos papéis, relacionando-os com a sintaxe, estudando dados de língua portuguesa e trabalhando com os argumentos e adjunções verbais.

Começaremos apresentando o quadro teórico dentro do qual está inserida nossa proposta, para depois a apresentarmos, com vários exemplos ilustrativos nossos (e por vezes também de Cançado (2003; 2005b)), analisados semantica e sintaticamente; é nessa proposta que nos baseamos para analisar e descrever, no Capítulo 4, dados reais, isto é, obtidos de *corpora* diacrônicos de PE, de Agente e de Paciente. Também no formato que apresentamos neste capítulo, é feita a descrição das configurações sintáticas do Agente e do Paciente, no estudo diacrônico no Capítulo 4.

A nossa opção, nesta Tese, é tratar os papéis temáticos Agente e Paciente, na perspectiva da Semântica Lexical, caracterizando-os em propriedades semânticas, trabalhando com uma concepção procedimental ou processual do significado, numa abordagem bastante flexível. Para tanto, nos baseamos em Cançado (2003; 2005b), que, por sua vez, baseia-se na proposta de Dowty (1989), com a diferença de que, enquanto para este autor, como vimos no capítulo anterior, papéis temáticos são propriedades não-discretas, agrupadas em dois macro-papéis, 'Proto-Agent' e 'Proto-Pacient', referentes ao número e à qualidade de propriedades acarretadas que tem cada argumento, classificado como X ou Y, a autora prefere tratar os papéis temáticos como compostos por propriedades discretas.

Para Cançado (2003: 99)

> O papel temático de um argumento, ou seja, o papel semântico que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se.

Baseia-se Cançado, para definir papel temático, tanto na proposta de Dowty, por decompô-los em propriedades semânticas, como na proposta de Franchi (1997), de

composicionalidade, por considerar, na atribuição de papéis temáticos e na sua caracterização em propriedades semânticas, os acarretamentos estabelecidos pelo predicado como um todo.

Para compreendermos melhor com que definição de papel temático Cançado trabalha, com a qual também trabalhamos neste Tese, apresentaremos, a seguir, as propriedades semânticas para a caracterização dos papéis temáticos propostas pela autora.

Cançado (2003: 102) propõe, depois de analisar, em um processo empírico, a correlação entre as funções sintáticas e semânticas de orações do PB nas quais se acham os papéis temáticos mais investigados na bibliografia e analisar os acarretamentos destas orações, quatro propriedades semânticas, que são as seguintes:

a) Desencadeador: ser o desencadeador de um processo.
b) Afetado: ser afetado por um processo.
c) Estativo: ser um objeto estativo.
d) Controle: ter controle sobre um desencadeamento, processo ou estado.

São essas, segundo a autora, as propriedades semânticas fundamentais para o estabelecimento das regras de projeção da semântica na sintaxe, que é o seu propósito teórico, mas não o nosso; por isso não trataremos estas regras aqui, apenas trataremos as propriedades semânticas propostas por ela, a sua abordagem na caracterização dos papéis temáticos em grupo de propriedades semânticas discretas, que é o que nos interessa.

Cançado relaciona as propriedades desencadeador, afetado e estativo às três grandes categorias semânticas: ações/causações, processos e estados, respectivamente. O controle, que está sempre associado à propriedade de animacidade, é, segundo ela, uma propriedade compatível com as três outras propriedades, mas delas difere porque nunca ocorre isolado.

O controle trata-se de uma propriedade à qual estão associados não somente os Agentes – como faz parecer a bibliografia sobre o assunto –, mas também, segundo Cançado (2005b: 32), alguns Pacientes e mesmo Experienciadores e Estativos. O controle é definido pela autora (ibid) como "a capacidade de se interromper uma ação, um processo ou um estado". Desta forma, o controle está associado à propriedade de ser animado. Normalmente, as sentenças que aceitam, de acordo com Cançado (ibid), a construção "...

decidiu não mais (*ou parar de*)...” acarretam controle para o seu sujeito. Vejamos os exemplos abaixo:

(1) *João* quebrou/pintou/fez o vaso.

(2) *João* quebrou a perna/morreu/tem uma casa.

João em (1) tem o controle, segundo Cançado, porque podemos dizer:

(3) João decidiu não mais quebrar/pintar/fazer o vaso.

Em (2), porém, para Cançado, *João* não tem o controle, porque é agramatical dizer:

(4) *João decidiu não mais quebrar a perna/morrer/ter uma casa.

Uma proposta alternativa que apresentamos para testar se o participante X tem ou não controle é utilizar o verbo *querer*, mantendo a oração na afirmativa; se a oração admitir o verbo *querer*, então podemos dizer que haja controle da parte de X:

(5) João quis quebrar/pintar/fazer o vaso.

(6) ?João quis quebrar a perna/morrer/ter uma casa.

Quanto aos eventos descritos em (2), é possível, numa segunda leitura ou interpretação, imaginando um contexto situacional em que João, para impedir que a mulher viajasse, quebra a perna propositadamente, ou que João comete suicídio, atribuir controle a João. E, quanto a ter uma casa, João só não terá controle, no nosso ponto de vista, se imaginarmos, numa segunda leitura, que ele terá sido obrigado a sair das ruas e a ter uma casa, por exemplo. Numa primeira leitura, admitimos, com Cançado, que João não tenha controle quanto a quebrar a perna e morrer; mas, só numa segunda leitura, podemos concordar com Cançado quanto a João não ter controle sobre ele ter uma casa ou não.

Assim, imaginando, a *posteriori*, determinados contextos situacionais, parece-nos gramatical dizer:

(7) João decidiu não mais quebrar a perna, morrer.

(8) João quis quebrar a perna/morrer.

E, logo a *priori*, é possível, segundo nosso entendimento, dizer:

(9) João decidiu não mais ter uma casa.

ou

(10) João quer ter uma casa.

Nesta Tese, optaremos sempre, quando haja casos passíveis de mais de uma leitura ou interpretação, pela primeira leitura, aquela que nos ocorre de saída, em primeiro lugar. E, também no Capítulo 4, quando trabalhamos com exemplos contextualizados, não com exemplos isolados como neste capítulo, optamos sempre pela primeira interpretação que nos ocorre.

O papel temático de um dado argumento será composto da propriedade semântica desencadeador quando a proposição acarretar para o argumento ter papel no desencadeamento da ação ou processo. Por exemplo:

(11) *João* quebrou a janela.

(12) *A chegada de Paulo* assustou Maria.

Tanto *João* em (11) quanto *a chegada de Paulo* em (12) – o primeiro deles com papel temático Agente, e o segundo com papel temático Causa – são desencadeadores do evento. É importante observarmos, entretanto, como destaca Cançado (ibid), que "a propriedade desencadeador não deve ser comparada ao papel temático de agente ou causa simplesmente, ou a qualquer outro papel temático." Segundo ela, a propriedade

desencadeador pode, inclusive, fazer parte de um Paciente, e, para ilustrar isso, a autora apresenta os seguintes exemplos, segundo ela comuns no PB coloquial, analisando *o garoto*, *a filha* e *todos os filhos* como sendo afetados (quer dizer que mudam de um estado A para um estado B, na definição da autora) pelo evento ao mesmo tempo em que o desencadeiam:

(13) O professor correu *o garoto* atrevido para fora da sala.

(14) A mãe casou *a filha* bem.

(15) O pai estudou *todos os filhos* até a faculdade.

O tratamento, em caráter flexível, dos papéis temáticos, definidos como grupo de propriedades, encontra vantagem sobretudo, segundo Cançado, na análise de exemplos como (13), (14) e (15), transcritos acima. Os argumentos *o garoto*, *a filha* e *todos os filhos*, de acordo com Cançado (id.: 30),

> seriam classificados como pacientes, no sentido em que são afetados pela ação do *professor/mãe/pai*. Ainda, *professor/mãe/pai* seriam classificados como agentes. A atribuição de dois papéis temáticos a um único argumento e de um único papel temático a dois argumentos de uma mesma sentença contraria o critério-theta, aceito por várias correntes lingüísticas. Entretanto, se pensarmos em grupo de propriedades atribuídas ao argumento pelos acarretamentos da relação predicador/argumento, como sendo o papel temático desse dado argumento, não teremos nenhum problema para classificar os papéis temáticos. A *professor/mãe/pai* pode-se atribuir o seguinte papel temático: tem controle sobre a ação, desencadeia um processo, etc. A *garoto/filha/filhos* seria atribuído o seguinte papel temático: desencadeia um processo, é afetado por uma ação, etc.

Desta forma, podemos chamar *o garoto*, *a filha* e *todos os filhos* em (13), (14) e (15) de Pacientes agentivos, afetados, como nos ocorre de saída, pela ação de *o professor*, *a mãe* e *o pai*, mas também desencadeadores com controle, como observa Cançado. Seriam, no nosso ponto de vista, Agentes afetados – por desencadearem com controle a ação, causando algum efeito e também sofrerem mudança de estado psicológico (o efeito recaindo sobre os próprios sujeitos Agentes) – em outros eventos, tal como os descrevemos abaixo:

(16) *O garoto* atrevido correu para fora da sala.

(17) *A filha* casou-se bem.

(18) *Todos os filhos* estudaram até a faculdade.

A propriedade semântica desencadeador pode também fazer parte de um Experienciador, como em:

(19) *Paulo* leu/analisou/interpretou um livro.

Como afirma Cançado (id.: 33), "a propriedade desencadeador é compatível com controle." Dependendo do evento descrito, um papel temático pode compor-se, assim, de ambas as propriedades. Segundo a autora (ibid.), "O controle mais o desencadeador podem ser pensados como a capacidade de se iniciar ou não um processo, ou mesmo de interromper esse processo." Comparemos as orações a seguir:

(20) *João* quebrou o vaso com um martelo.

(21) *João* quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.

Em (20), *João* tanto é o desencadeador do evento como tem dele o controle (é, portanto, o desencadeador direto do evento), podendo interrompê-lo; então é aceitável dizer:

(22) João decidiu não mais quebrar o vaso com um martelo.

ou dizer:

(23) João quis quebrar o vaso com o martelo.

Por outro lado, *João* em (21) tem algum papel no desencadeamento do evento, mas não tem o controle do evento (não é o desencadeador direto); não podemos dizer, por exemplo, segundo Cançado:

(24) *João decidiu não mais quebrar o vaso com o empurrão que levou do irmão.

De acordo com Cançado, a expressão predicadora ou composição *quebrar o vaso com um martelo* acarreta a *João* em (20) ser um desencadeador com controle. A composição *quebrar o vaso com o empurrão que levou do irmão* acarreta, por sua vez, a *João* em (21) ser um desencadeador, mas sem controle. No primeiro caso, como analisamos, *João* é Agente; no segundo caso, tem papel temático Causa, considerando a composição global do predicado, não o verbo isoladamente.

Mas ainda é possível, numa segunda leitura ou interpretação, atribuir a *João* em (21) controle, e classificá-lo como Agente, imaginando um dado contexto situacional em que João teria quebrado o vaso porque quis quebrá-lo: podemos imaginar que o empurrão que João recebeu do irmão não foi assim tão forte, e que João teria quebrado o vaso, a fim de assustar o seu irmão, de fazê-lo sentir-se culpado, ou a fim de fazer o irmão receber uma reclamação da mãe, ou de pagar pelo vaso ao dono X, enfim. Nesse caso, seria o contexto situacional, como parece claro, a definir o papel temático de *João* em (21), não simplesmente o predicado *quebrar o vaso com o empurrão que levou do irmão*. E, desta forma, nessa leitura, seria possível dizer:

(25) João decidiu não mais quebrar o vaso com o empurrão que levou do irmão.

ou

(26) João quis quebrar o vaso com o empurrão que levou do irmão.

Cançado adota de Franchi (1997), como dissemos antes, a idéia de composicionalidade na atribuição de papéis temáticos, de predicação semântica composicional, envolvidos aí os argumentos internos e também os adjuntos da oração. Para Franchi, os papéis temáticos se definem a partir da família de acarretamentos partilhados por argumentos de ‘expressões predicadoras’, não de verbos, numa perspectiva da

semântica das construções em que o verbo aparece, os elementos combinando-se para formar significados construcionais. O autor (id.: 61) afirma que "a predicação (semântica) é uma relação de sentido entre duas expressões singulares ou, componencialmente, entre expressões complexas", e sua preocupação – que não é a de Cançado nem a nossa – é estabelecer um formalismo na sintaxe que seja paralelo ao processo semântico da predicação composicional.[27]

A composicionalidade é uma noção importante na proposta de Cançado – que assume que as relações de sentido que se estabelecem entre os itens lexicais ocorrem numa estrutura conceitual semântica, no nível semântico da proposição, anteriormente à formação sintática da oração –, e também na nossa proposta para a caracterização do Agente e do Paciente que apresentaremos adiante, porque, segundo ela (2003: 100), considerando os exemplos (27) a, b, c e d, a seguir:

(27) a) Paulo quebrou o vaso com um martelo.

b) Paulo quebrou o vaso com o empurrão que levou.

c) Paulo quebrou a cabeça no acidente.

d) Paulo quebrou a cabeça com aquele problema.

> Se a atribuição de papel temático se desse somente em nível lexical, seríamos obrigados a concluir que existem quatro itens lexicais *quebrar*, com suas respectivas grades temáticas estabelecidas, o que não seria desejável teoricamente. Entretanto, adotando-se a atribuição composicional de papel temático, não teremos mais esse tipo de

[27] Outros autores, como Raposo (1992) e Mioto *et al* (2005), na gramática gerativa, afirmam, mas com propósitos teóricos diferentes dos de Franchi (1997), que não é o verbo sozinho que atribui o papel temático do argumento externo ou sujeito, mas a composição global do VP [Verb Phrase = Grupo Verbal]. Segundo Raposo (id.: 288), a marcação temática dos argumentos internos é feita exclusivamente pelos verbos, mas a marcação temática dos argumentos externos é feita pelo VP (na verdade, e chamamos a atenção do leitor para isso aqui, o papel temático do argumento interno também pode depender de toda proposição em que ele se encontre, como veremos mais adiante, neste capítulo). Mas Mioto *et al* (2005: 129) assumem que "mesmo sabendo que não é a maneira mais precisa de fazer referência ao fenômeno, para simplificar a discussão normalmente dizemos que o núcleo seleciona os seus argumentos, sejam eles internos ou externos." Por exemplo, comparando as orações *Astrogildo pegou o filho no colo*, *Astrogildo pegou uma gripe danada* e *Astrogildo pegou no batente*, Mioto *et al* (id.: 27) dizem estar claro que, no primeiro caso, *Astrogildo* é o Agente e que, no segundo caso, é o complexo *pegar uma gripe danada* que determina o papel temático de *Astrogildo*, qual seja o de Experienciador de um estado físico; e o terceiro caso trata-se de uma expressão idiomática, comportando, por conseguinte, um sentido não-literal: não significa que *Astrogildo* pegou no batente, mas que foi trabalhar. Raposo (1992: 288), por sua vez, apresenta os seguintes exemplos, para demonstrar que o papel temático do sujeito nas orações depende da composição global do VP: *O luís partiu o copo* e *O Luís partiu o braço*; *O Luís levou uma garrafa de vinho* e *O Luís levou uma tareia*. Segundo o autor, são os complexos *partiu o copo*, *partiu o braço*, *levou uma garrafa de vinho* e *levou uma tareia* que determinan que *Luís* é Agente em *O luís partiu o copo* e *O Luís levou uma garrafa de vinho* e Tema (ou Paciente) em *O Luís partiu o braço* e *O Luís levou uma tareia*.

> problema. Teremos, pois, quatro predicados distintos, construídos composicionalmente a partir das proposições: em a, *quebrar o vaso com o martelo* é que atribui agentividade a *Paulo*; em b, *quebrar o vaso com o empurrão que levou* atribui somente causatividade a *Paulo*; em c, *quebrar a cabeça no acidente* atribui o interesse a Paulo; e em d, *quebrar a cabeça com aquele problema* atribui a experiência a Paulo.

Dando continuidade à apresentação das propriedades semânticas propostas por Cançado, a propriedade afetado, segundo ela (2005: 34), implica mudança:

> Toda vez que uma proposição acarretar para um determinado argumento mudança de um estado A para um estado B, sendo este um acarretamento que compõe o papel temático desse argumento, esse argumento é associado à propriedade de afetado.

A mudança a que se refere a autora abrange mudanças em geral: de estado físico, mudança de estado de vida (toda mudança de estado de vida é também mudança de estado físico, mas a recíproca não é verdadeira), mudança de estado psicológico, mudança de lugar, mudança de posses, entre outras. Vejamos:

(28) João quebrou *o vaso* com o martelo.

(29) João matou *seu colega*.

(30) Maria preocupa *sua mãe*.

(31) *Maria* recebeu um prêmio.

(32) João jogou *a bola*.

Em (28), *o vaso* mudou de estado físico; em (29), *seu colega* mudou de estado de vida, mudando também de estado físico; em (30), *sua mãe* mudou de estado psicológico; em (31), *Maria* obteve uma mudança em suas posses; e, em (32), *a bola* mudou de lugar.

Na nossa análise nesta Tese, ao contrário de Cançado, trabalhamos, como veremos na seção 3.2 deste capítulo, com um conceito mais restrito de afetamento; para nós o afetamento abarca apenas dois tipos de mudança de um estado A para um estado B:

mudança de estado físico e mudança de estado psicológico, sendo a propriedade afetado, na nossa análise, a propriedade essencial do Paciente.

Assim como a propriedade desencadeador é compatível com controle, também a propriedade afetado o é. Sendo assim, um constituinte pode ter papel temático que contenha ambas as propriedades, afetado e controle. Segundo Cançado (ibid.), "Afetado mais controle pode ser pensado como a capacidade de se interromper o processo. Ou seja, não se tem nenhum tipo de controle sobre o começo do processo, mas pode-se interromper seu desenrolar." Na oração:

(33) *João* recebeu uma herança.

João é, segundo Cançado, afetado pelo recebimento de uma herança, verificando-se aí mudança de um estado A para um estado B, mudança de posses, segundo a autora. Mas *João* pode interromper, se o quiser, o evento; por isso é possível dizer:

(34) João decidiu não mais receber a herança.

ou

(35) João quis receber a herança.

Como podemos, similarmente, dizer, em referência à oração (31):

(36) Maria decidiu não mais receber o prêmio.

ou

(37) Maria quis receber o prêmio.

Todavia, é agramatical dizer, de acordo com Cançado:

(38) *João decidiu não mais receber um tapa.

De forma que *João* na oração abaixo:

(39) *João* recebeu um tapa.

não tem, de acordo com a autora, controle do evento, sendo afetado independentemente da sua vontade.

Como explica Cançado (id.: 35), a composição *receber uma herança* acarreta a *João* em (33) as propriedades afetado e controle; a composição *receber um prêmio* acarreta a *Maria* em (31) as mesmas propriedades. Já em (39), a composição *receber um tapa* acarreta a *João*, de acordo com Cançado, a propriedade afetado, mas não a propriedade controle.

Mas, novamente, numa segunda leitura, podemos imaginar um contexto situacional que atribua a *João* em (39) controle e intenção: João, a fim de ver uma pessoa X reagir contra ele, a provoca até o ponto em que a pessoa X lhe dá um tapa. Nessa situação, é possível dizer:

(40) João decidiu não mais receber um tapa.

ou

(41) João quis receber um tapa.

Por fim, a propriedade estativo faz-se presente, segundo Cançado (ibid.), "Quando uma proposição acarreta a um de seus argumentos que suas propriedades não se alteram durante um intervalo t, ou seja, $e^{t1} = e^{t2} = e^{t3} = ... e^{tf}$." Por exemplo, segundo a autora, em:

(42) João leu *um livro*.

o objeto *um livro*, lido por *João*, não se alterou durante o processo de leitura, durante um determinado intervalo de tempo; manteve-se, ao contrário, estável, ou estativo.

Novamente é possível, numa segunda leitura, imaginar que *o livro* mude de estado físico, podendo ser classificado como Paciente: se imaginarmos, por exemplo, um

contexto situacional em que João, não tendo o hábito da leitura, resolveu ler um livro e, para tanto, demorou algum tempo, a abrir e fechar o livro repetidas vezes, e a avançar e voltar as páginas outras tantas, alterando o estado físico do livro, é possível dizer que *o livro* em (42) é Paciente, e não Objeto Estativo. A mesma possibilidade de leitura existe para o argumento destacado em (49), mais abaixo.

E, neste ponto, queremos mostrar que, ao contrário do que afirma Raposo (id.: 288), quando ele diz que a marcação temática dos argumentos externos é feita pelo VP, mas a marcação temática dos argumentos internos é feita exclusivamente pelos verbos, depende também da composição global do predicado a atribuição de papel temático ao argumento interno do verbo. Vejamos:

(43) João leu *o livro* sem estragá-lo.

(44) João leu várias vezes *este livro* que lhe dei.

(45) Maria vigiava *João* sem que ele o percebesse.

(46) Maria vigiava *João*, que se sentia incomodado com isso.

Em (43), a composição *leu o livro sem estragá-lo*, e, em (45), a composição *vigiava João sem que ele o percebesse* atribuem, respectivamente, a *livro* e a *João* o papel temático Objeto Estativo. Já a composição *leu várias vezes este livro que lhe dei*, em (44), e a composição *vigiava João, que se sentia incomodado com isso*, em (46), atribuem, respectivamente, a *livro* e a *João* o papel temático Paciente, por mudar o primeiro de estado físico e o segundo de estado psicológico.

A propriedade estativo, como lemos em Cançado, não é compatível com as propriedades desencadeador e afetado (a propriedade estativo é o extremo oposto da propriedade afetado), mas pode ocorrer com outras propriedades semânticas, tais como, segundo a autora: possuidor, experienciador, objeto de referência, valor, qualidade, locativo, origem e alvo. Abaixo, alguns exemplos:

(47) *João* tem uma casa. (estativo/possuidor)

(48) *João* adora festas. (estativo/experienciador)

(49) Maria leu *o livro*. (estativo/objeto de referência)

(50) Esse livro custa *cem reais*. (estativo/valor)

(51) Essa casa apresenta *uma linda arquitetura*. (estativo/qualidade)

(52) João mora em *Belo Horizonte*. (estativo/locativo)

(53) João veio de *Paris*. (estativo/origem)

(54) João foi para *Paris*. (estativo/alvo)

A propriedade estativo, tal qual as propriedades desencadeador e afetado, compatibiliza-se com controle, isto é, "em alguns casos, pode-se interromper o estado em que alguém se encontra, mesmo que não se tenha o controle sobre o começo ou sobre o desenrolar desse processo." (id.: 37) Por exemplo:

(55) *João* mora em Belo Horizonte.

pode ficar sendo:

(56) João decidiu não mais morar em Belo Horizonte.

ou

(57) João quer morar em Belo Horizonte.

Podemos dizer, portanto, que *João* em (55) tem controle do seu estado, podendo interrompê-lo. Da mesma forma, de acordo com Cançado (id.: 38),

(58) *João* ama/odeia Maria.

pode tornar-se

(59) João decidiu não mais amar/odiar Maria.

ou

(60) João quis amar/odiar Maria.

Se bem que, como nos lembra a autora, "Os mais românticos diriam que é impossível ter controle sobre o amor"; mas não se pode negar, afinal, que as construções *João decidiu não mais amar Maria ou João quis amar Maria* e *João decidiu não mais odiar Maria* ou *João quis odiar Maria* são gramaticais. Que são gramaticais é verdade, mas, somente numa segunda leitura, imaginando um dado contexto situacional, podemos aceitar que *João* em (58) tenha controle. Se imaginarmos que João, a fim de esquecer aquela que não lhe correspondia o amor, quis amar Maria, conhecer a felicidade ao lado dela, ou que João, para não ser alvo de chacota pelos amigos, quis, ainda que não fosse da sua índole, odiar Maria e não perdoá-la por uma traição que ela lhe houvesse feito, então podemos admitir, mas só numa segunda leitura e interpretação, que *João* em (58) tenha controle.

Das propriedades apresentadas por Cançado, lançaremos mão, neste trabalho, das propriedades desencadeador, afetado e controle, deixando de fora, por motivos óbvios, a propriedade estativo, e apresentaremos ainda outras propriedades semânticas que acabam por fazer parte do Agente e do Paciente, em determinados contextos de frase.

A formalização na descrição semântica que apresentaremos dos papéis temáticos Agente e Paciente no domínio do verbo, com base em dados da língua portuguesa é feita, portanto, na perspectiva da Semântica Lexical, baseando-nos em Cançado. Tal formalização passa, numa abordagem representacional ou mentalista, segundo classificação de Chierchia (2003: 40-42) – trabalhando com o conceito de prototipicidade segundo Rosch (1973) –, por relações intuitivas; recorremos, desta forma, não somente a conhecimentos habitualmente chamados lingüísticos como também a um conjunto de conhecimentos de ordem lógica, psicológica, sociológica, enfim, numa interpretação que vai além do sistema da língua. Afinal, como afirma Silva (2006: 297), o significado lingüístico é enciclopédico, intimamente associado ao conhecimento do mundo, e, da

mesma forma, baseado na experiência e no uso; para o autor "Se o significado é uma conceptualização, então inevitavelmente tem tudo a ver com a experiência humana". E Para Oliveira (1996: 345) "uma teoria semântica adequada ao estudo das línguas naturais tem de recorrer às intuições que constituem o núcleo dos dados empíricos relativamente aos quais a teoria semântica deve ser avaliada." Ainda segundo Oliveira (id.: 344),

> Ao fazer Semântica lingüística, é fundamental aprender a desenvolver argumentos semânticos e a explorar intuições semânticas de uma forma sistemática. No entanto, como noutras áreas da Lingüística, pode, por vezes, ocorrer alguma diversidade de juízos entre os falantes de uma língua, mas isso não deve fazer esquecer o facto de que esses juízos estão inter-relacionados.

Segundo Chierchia (2003: 40-41), na abordagem representacional ou mentalista, "o significado é essencialmente um modo pelo qual representamos a nós mesmos o conteúdo daquilo que se diz." E essa idéia pode ser articulada de várias formas, como em termos de imagens mentais. Segundo o autor (id.: 41) "a sentenças como *A Mulher Gato come uma ave* corresponde uma pequena cena mental na qual a *Mulher Gato* executa uma certa ação, e assim por diante." Para Chierchia, "é legítimo supor que o significado de uma expressão seja a imagem mental a ela associada."

Rosch (1973) demonstrou que os falantes tendem a classificar uniformemente, por disporem de protótipos mentais, os exemplares de um certo tipo, com base na sua prototipicidade. É a conhecida teoria dos protótipos de Rosch. Em princípio, por exemplo, nenhum de nós teria dúvida de que um canário é uma ave mais típica do que um pingüim.

O modelo de Rosch – uma maneira de ver os dados que, segundo Kleiber (1990: 115-116), constitui incontestavelmente um formidável avanço em Semântica Lexical – concebe os conceitos como estruturados de forma gradual.

Na categorização prototípica, existem graus, enquanto a categorização clássica ou aristotélica permite apenas dois membros, o que está dentro e o que está fora da categoria. As categorias prototípicas são, portanto, flexíveis, podendo acomodar novas categorias, na condição de membros periféricos, a uma categoria protótipo, sem acarretar uma reestruturação fundamental no sistema categorial, assegurando certa estabilidade.

Há, segundo Rosch, um membro típico ou central de uma dada categoria (por exemplo, a categoria AVE) e outros membros menos típicos ou mais periféricos. Como afirma Silva (2006: 300), "Uma das conseqüências mais directas da prototipicidade é a

própria existência de diferenças de saliência entre os membros de uma categoria". Assim é que, na categoria AVE, há membros mais centrais ou típicos, como canários, periquitos, papagaios, e outros mais periféricos, como pingüins. Na categoria MAMÍFERO, por exemplo, homens e macacos são elementos mais típicos do que baleias, das quais certas propriedades assemelham-se muito a elementos da categoria PEIXE: vivem na água, têm barbatanas etc. Desta forma, a baleia pode pertencer a duas categorias, mas comumente a associamos à categoria PEIXE, por ela apresentar um maior número de propriedades desta categoria.

Os limites entre as categorias são, freqüentemente, segundo o sociolingüista Labov (1973), incertos ou *fuzzy*. Um bom exemplo, de acordo com Cançado (2005a: 97), da natureza *fuzzy* das categorizações é a classe de palavras:

> Se eu perguntar a que classe de palavra pertence o item lexical *velho*, o que vocês me responderiam? Um substantivo? Um adjetivo? Veja o exemplo: (6) Um velho amigo meu chegou. Se eu entender *velho* como o núcleo do sintagma *um velho amigo meu*, ele será classificado como um substantivo. Se eu entender *amigo* como sendo o núcleo do sintagma, então o item *velho* será um adjetivo que está atribuindo uma qualidade a *amigo*. A participação de *velho* em determinada classe vai depender das propriedades que ele apresenta em cada contexto sentencial. Existem palavras que são mais prototípicas de determinada classe do que outras. Por exemplo, em princípio, todos diriam que *amar* é um verbo, entretanto existe a possibilidade na língua de que essa mesma palavra apareça como um nome, dependendo do contexto sentencial: (7) O amar é uma coisa linda! Na sentença (7), *amar* será classificado como um nome, devido às propriedades atribuídas a ele nesse contexto (por exemplo, aceita determinante, e a posição na sentença). Portanto, podemos concluir que *amar* prototipicamente comporta-se como um verbo, mas existem determinados contextos em que ele perde algumas propriedades dessa classe e passa a ser classificado em outra classe de palavra.

Esse tipo de abordagem prototípica está representada na lingüística, nos trabalhos de Fillmore (1982) e Lakoff (1987). Tanto um como outro reconhecem que os falantes de uma língua, baseados em sua experiência e sua cultura, constroem teorias populares sobre o mundo. Fillmore chama a essas teorias de 'estruturas'; já Lakoff as chama de 'modelos cognitivos idealizados'. Fauconnier (1985) e Langacker (1987) as chamam de 'espaços mentais' e 'domínios cognitivos'.

Há pelo menos dois argumentos contra a teoria, da abordagem representacional ou mentalista, do significado como imagem mental. Em primeiro lugar, pode variar muito

de falante para falante ou em diferentes contextos de uso da língua pelo mesmo falante a imagem mental que um falante associa a determinada expressão. Segundo Chierchia (2003: 42),

> Quando usamos a palavra *ave* podemos visualizar ora um papagaio, ora um canário, ora ainda uma ave fictícia que não existe na realidade. Mas o significado da palavra *ave* precisa ser algo eminentemente estável e intersubjetivo, pois é aquilo que faz com que nos compreendamos quando usamos aquela palavra. Portanto, o significado da palavra *ave* não pode ser a imagem mental que eu tenho ou a imagem mental que você tem, precisa ser uma coisa mais abstrata, comum a nós dois e relativamente constante no tempo.

Em segundo lugar, não está claro de que maneira nosso dispositivo gráfico interno nos ajuda a interpretar palavras abstratas como *saudade*, ou palavras funcionais como *de*, ou sintagmas complexos como *ironia machadiana*.

Mas, se, por um lado, esses argumentos encontram razão de existir, não há também dúvida, segundo Chierchia (id.: 41), de que "existe um olho da mente", de que o significado de uma expressão possa ser a imagem mental a ela associada, ainda que, em certos casos, tal associação não esteja clara, e que a imagem mental seja passível de variação. E, segundo Cançado (2005: 93-94), "evidências empíricas sugerem que o significado tem lugar não somente em um nível existente entre o mundo e as palavras, mas também no nível da representação mental."

Nesta Tese, nos valeremos também desse 'olho da mente', na caracterização, em propriedades semânticas, do Agente e do Paciente, em protótipos e *continuum*, descrevendo as propriedades semânticas que nos parecem mais típicas ou centrais do Agente e do Paciente e aquelas outras que lhes são periféricas, num *continuum* que vai do Agente mais prototípico ao Agente menos prototípico, e do Paciente mais prototípico ao Paciente menos prototípico, com propriedades de interseção entre esses papéis temáticos.

Tratamos aqui os papéis temáticos Agente e Paciente como representações mentais, sob uma ótica semântica, como Jackendoff (1990), por exemplo; a sintaxe gerativa, por outro lado, prefere tratar os papéis temáticos numa perspectiva puramente estrutural, não considerando seu conteúdo semântico, tão somente a atribuição dos papéis temáticos aos argumentos, como vimos na seção 2.3 do Capítulo 2.

Antes de passarmos à próxima seção, destacaremos aqui duas coisas.

Primeiramente, relembrando ao leitor o que assumimos no Capítulo 2, adotamos, nesta Tese, a classificação semântica dos verbos proposta por Neves (2000): verbos de ação/atividade (com participante Agente ou Causa, podendo apresentar participante Paciente), verbos de processo (com participante Paciente) e verbos de estado (com um nome que é suporte do estado), por parecer-nos casar-se melhor com os objetivos pretendidos. Discordamos da autora, porém, quando ela afirma que, nas predicações dinâmicas de processo, não há controle; como vimos acima, a propriedade afetado é compatível com controle. É verdade que é mais comum acontecer de o Paciente não ter controle, mas isso não é categórico. Ainda chamamos a atenção para a possibilidade de o sujeito de verbos de ação/atividade ser não apenas, como afirma a autora, Agente ou Causa, mas também Paciente, e para a possibilidade de verbos de processo apresentarem, além de um participante Paciente, também um participante Causa ou Agente, aos quais a autora não faz referência. Outra observação é que os verbos de estado não ocorrem somente com um nome que é suporte do estado, como afirma Neves, mas podem ocorrer com um participante Paciente.

Em segundo lugar, assumimos também neste trabalho que, se pode ser verdade, como afirma Chafe (1979: 97), que, na determinação dos papéis temáticos, "A influência semântica do verbo é dominante, estendendo-se sobre os nomes subordinados que o acompanham" – afinal, como afirma Cançado (2003: 102), é possível relacionar as propriedades desencadeador, afetado e estativo às três grandes categorias semânticas, ações/causações, processos e estados, e também, por exemplo, é geralmente com verbos de ação/atividade e de processo, como está descrito no nosso estudo diacrônico apresentado no Capítulo 4, que ocorrem o Agente e o Paciente –, é verdade que não é o verbo sozinho que determina as relações temáticas na predicação, mas, tanto no que se refere ao argumento externo como no que se refere ao argumento interno, a composição global do predicado ou a expressão predicadora, e também, como assumimos aqui, o contexto situacional, tratando papel temático não apenas como uma noção lingüística estabelecida entre itens lexicais, como é tratado convencionalmente. Na nossa abordagem, papel temático e contexto situacional não são noções incompatíveis. O contexto situacional pode determinar se o argumento tem controle ou não, e, sendo Agente, se tem intenção ou não, como discutimos nesta seção.

A composição do predicado pode decidir, inclusive, o tipo semântico do predicador verbal ao mesmo tempo em que atribui papel temático ao seu argumento, como nas orações a seguir:

(61) *João* chorou para comover as pessoas.

(62) *João* chorou acometido por profunda tristeza.

(63) *Maria* riu sarcasticamente, só para provocar os convidados.

(64) *Maria* riu que passou mal com a piada de João.

Vemos aí que são os predicados ou as expressões predicadoras que fazem a diferença: as expressões predicadoras *chorou para comover as pessoas* e *riu sarcasticamente* atribuem a *João* e a *Maria*, respectivamente, serem Agentes da ação de chorar e rir. Por outro lado, as expressões predicadoras *chorou acometido por profunda tristeza* e *riu que passou mal com a piada de João* atribuem a *João* e a *Maria*, respectivamente, serem Pacientes do processo de chorar e rir.

As orações a seguir também mostram a importância de considerarmos a idéia da composicionalidade:

(65) *João* veio namorar Maria ontem, à tarde.

(66) *João* namora Maria.

A expressão *veio namorar Maria ontem, à tarde* atribui a *João* em (65) ser Agente da ação de namorar. A expressão *namora Maria* em (66) atribui a *João* ser Objeto Estativo, no sentido, como interpretamos a *priori*, de ser namorado de Maria.

O predicado como um todo, e também o contexto situacional, determinam não só o papel temático dos constituintes relacionados ao verbo, mas também podem determinar as propriedades semânticas que constituem estes papéis temáticos, como discutiremos mais detidamente, em relação ao Agente e ao Paciente, na próxima seção.

3.2 UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS AGENTE E PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA

As definições apresentadas para o Agente e o Paciente, como vimos no Capítulo 2, não são muito precisas na bibliografia consultada; de modo geral, as definições aí apresentadas para os papéis temáticos são variáveis e freqüentemente intuitivas, o que não é de estranhar-se, tendo em vista a natureza semântica do fenômeno, o que também pode justificar que, no tratamento dessa questão, a componente formal tenha sempre sido mais desenvolvida do que a componente conceitual. Mas, não por serem noções intuitivas, os papéis temáticos deixam de ter importância nas línguas, pois seu conteúdo semântico restringe e/ou ordena a estrutura sintática das orações.

Não pretendemos aqui soluções milagrosas, propondo uma caracterização matemática dos papéis temáticos Agente e Paciente em língua portuguesa. Também aqui recorreremos à nossa intuição, com base em nossa experiência de viver e atuar no mundo.

O que pretendemos é uma abordagem dos papéis temáticos Agente e Paciente, caracterizando-os em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas, buscando, com isso, uma melhor compreensão do objeto em questão.

Poderíamos simplesmente pensar as noções de Agente e Paciente em termos, respectivamente, de agentividade e afetamento. Mas o seu tratamento pode ser mais complexo, envolvendo uma série de propriedades semânticas que delas acabam por fazer parte, em diferentes contextos de frase, levando em consideração o predicado como um todo, a idéia da composicionalidade segundo Franchi (1997), e o contexto situacional.

Não é tarefa fácil caracterizar o Agente e o Paciente, que não são inteiramente opostos: as propriedades semânticas que fazem parte do Agente podendo também, no nosso modo de ver, fazer parte do Paciente, a diferença residindo em que as propriedades mais prototípicas de um são as propriedades menos prototípicas do outro; por isso trabalhamos com protótipos e *continuum*.

A nossa proposta de caracterização destas noções de Agente e Paciente que passaremos a apresentar pode não ser a melhor proposta, a melhor maneira de tratar a questão; mas queremos tentar alguma coisa, e não é a nossa pretensão esgotar o assunto.

3.2.1 **O Agente**

Vamos começar pela caracterização do papel temático Agente.

O Agente prototípico, na nossa análise, conforme o adiantamos brevemente no Capítulo 2, no qual avaliamos considerações pertinentes ao tema na bibliografia, caracteriza-se pelas propriedades semânticas desencadeador, controle, intenção e causa. São estas as propriedades que nos parecem típicas do Agente: quando pensamos no Agente, pensamos em alguém (animados de forma geral, João, um cachorro, enfim, seres vivos com poder de ação) que age intencionalmente, numa atividade física, e não em alguém que age sem o propósito ou intenção de agir, nem em inanimados, isto é o que assumimos aqui[28]. E, ainda, quando pensamos no Agente, pensamos em alguém que faz alguma coisa, intencionalmente, e de cuja ação resulta algo; daí a noção de causalidade com que trabalhamos aqui, relação entre uma causa e o seu efeito. Essa é a imagem mais forte para nós, a imagem que associamos ao Agente prototípico: alguém agindo intencionalmente, numa atividade física que causa algum efeito que não recai sobre o próprio Agente.

A propósito da noção de causalidade como parte do Agente, repetindo aqui uma citação de Cançado (1995: 103), transcrita no Capítulo 2:

> De fato, na atribuição de agentividade, sempre se pode mostrar que um certo evento foi causado pela ação do agente. Observe-se que a noção de causalidade envolvida nessa descrição é a de uma relação que se estabelece entre dois eventos: o que o agente fez e o que resultou de sua ação. Mas nem todo evento que se atribui a um agente pode ser explicado como causado por outro evento.

É verdade, como afirma Silva (2006: 299), que "'causa' é um conceito altamente complexo e diferenciado", concordando com Faria (2003: 281-282), de acordo com quem "A noção de causalidade pode referir, quer a relação entre uma causa e o seu efeito, quer a relação entre um agente e o respectivo paciente, quer apenas uma parte da relação causal, nomeadamente o seu efeito ou resultado." Bem, quando propomos aqui que a propriedade semântica causa compõe o papel temático Agente, estamos trabalhando com uma noção de causalidade que envolve a relação entre uma causa e seu efeito. E para nós todo Agente,

[28] De acordo com Pontes (1986: 237), "Agente pode, para certos falantes, ser um inanimado, desde que cause um efeito em um objeto, por sua ação."

seja mais, seja menos prototípico, apresenta a propriedade causa, e o efeito da ação/atividade pode configurar-se ou não num argumento verbal Paciente; por isso, trabalhamos com a noção de causalidade como a relação entre uma causa e seu efeito, não apenas como a relação entre um Agente e seu respectivo Paciente. Ora, quando falamos na relação entre uma causa e seu efeito, o efeito engloba, inclusive, o Paciente, mas não necessariamente coincide com ele.

Parece-nos possível afirmar que, quando há, na oração, Agente, há também geralmente afetamento, ou de outro argumento na predicação ou participante no evento, um argumento verbal ou participante Paciente, ou do próprio sujeito Agente, configurando-se reflexividade, ou afetamento de dois participantes ao mesmo tempo: do próprio Agente e de outro participante no evento; nos dois últimos casos, configurando-se um Agente menos prototípico, segundo nosso ponto de vista, por tratar-se, como discutiremos mais adiante, de um Agente afetado.

Parece-nos possível também afirmar que, freqüentemente, o casamento, por assim dizer, entre o Agente e o Paciente se dá em orações com verbos prototipicamente transitivos, havendo, conforme definição de Cunha e Souza (2007: 25) para verbos transitivos prototípicos, "a transferência de atividade de um agente para um paciente", envolvidos aí três elementos: o sujeito afetador, o evento de afetamento e o objeto afetado ou criado. Também para Givón (1995) o sujeito de uma frase transitiva prototípica é um Agente deliberadamente ativo, ou seja, um Agente intencional, responsável pelo evento, e o objeto direto é um Paciente concreto visivelmente afetado, não-intencional, inativo, que registra as mudanças de estado do evento. E Silva (2003: 388), que propõe uma sistematização dos esquemas conceituais de evento do português – esquema de 'ser'; esquema de 'acontecer'; esquema de 'fazer'; esquema de 'experienciar', esquema de 'ter'; esquema de 'mover'; e esquema de 'transferir' –, afirma que

> De todos os esquemas de evento, é o de 'fazer', integrando os participantes Agente e Paciente, o que representa a conceptualização prototípica de um evento ou o *evento canónico* (aquele em que se conceptualiza uma interacção *energética* entre dois *participantes*).

A formalização que propomos do Agente prototípico é a seguinte:

(I) Agente prototípico → [desencadeador, controle, intenção, causa]

Na nossa concepção, como explicaremos melhor adiante, controle e intenção, apesar de terem uma relação estreita, não são a mesma coisa, daí falarmos separadamente em controle e intenção. Desencadeador e causa podem até ser vistos pelo leitor como sendo a mesma propriedade, como propriedades que se sobrepõem (o que consideramos também aceitável); optamos, entretanto, nesta Tese, por tratar desencadeador e causa como propriedades semânticas diferentes, com o propósito de destacar, de um lado, que o Agente desencadeia uma ação, dá início a uma ação, e desse desencadeamento resulta um efeito, sendo, portanto, também, de outro lado, aquele que causa um efeito qualquer, pelo desencadeamento de uma ação.

Nas orações abaixo, vem destacado o que analisamos como Agente prototípico:

(67) *João* dobrou o papel.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Dobrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa[29]

(68) *Maria* passou pelo corredor.

MARIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Passar: Verbo intransitivo de ação/atividade[30]

---

[29] A voz verbal, nesta Tese, é classificada segundo a GT; fazemos, entretanto, diferença, no caso de verbos com *se*, entre voz reflexiva e voz média (dinâmica) e classificamos orações com verbo de ligação ou copulativo como orações de voz adjetival, como assumimos na seção 2.1. Optamos por classificar, por exemplo, como pode conferir o leitor, uma oração como a destacada em (65), no Capítulo 4, "(...) *perdeo* todo o odio que ante auia (...)" (OE, p. 9, l. 32), ou (68), também no Capítulo 4, "(...) dahi por diante *engordou* algũma cousa." (LOGR, p. 137, l. 18-19), como oração na voz ativa, conforme classificação da GT, para mostrar que, mesmo na chamada voz ativa, há sujeito Paciente, haja vista que *perder* e *engordar* são verbos de processo.

[30] Seguindo sugestão de Duarte (2000), diferenciamos um sintagma preposicionado (SP) ou sintagma adverbial (SADV) complemento de um SP ou SADV adjunto em orações como (68), utilizando um teste de retomada anafórica em pares pergunta-resposta. Se o SP ou SADV não puder ocorrer na pergunta e tiver de ocorrer na resposta, trata-se de complemento verbal oblíquo. Desta forma, em (68), pelo corredor, é um SADV com função de adjunto, porque podemos perguntar: O que é que Maria fez pelo corredor? E a resposta será: Maria passou pelo corredor. Contrariamente, numa oração como *Maria foi à praia, à praia* tem a função sintática de objeto oblíquo, porque não podemos perguntar: *O que é que Maria fez à praia? Contudo, em (68), *passar* é classificado como verbo intransitivo, e o verbo *ir* em *Maria foi à praia* é classificado como verbo transitivo.

Voz verbal: Ativa

(69) Os dias das provas foram divulgados *por João*.

POR JOÃO[31]: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Agente da passiva
Divulgar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(70) O café foi feito *por Maria.*

POR MARIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Agente da passiva
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

João e *Maria* nas orações acima são, na nossa análise, exemplos de Agentes prototípicos, que desencadeiam com controle e intenção uma ação, da qual resulta um efeito, que pode configurar-se em um argumento Paciente, como em (67), *papel*, e (70), *café*, ou não; em (68), o efeito de Maria passar pelo corredor é seu próprio deslocamento, e, em (69), o efeito de João divulgar os dias das provas é os dias das provas se tornarem públicos.[32] Não nos ocorre que algum efeito de afetamento recaia sobre *João* e *Maria*, considerando as orações como aí estão postas. Inseridas num contexto X, talvez pudéssemos atribuir a *João* e a *Maria* alguma mudança de estado psicológico, mas não é o caso.

Nos exemplos seguintes, o Agente apresenta, somadas às propriedades prototípicas – desencadeador, controle, intenção e causa –, as propriedades semânticas afetado e experienciador, que, na composição desse papel temático, vêm sempre juntas e

[31] Em caso de o Agente ou o Paciente ser um sintagma preposicionado, nós recortamos o sintagma, para análise, a partir da preposição. Em caso de sintagmas nominais, repetimos, para análise, apenas o núcleo do sintagma.

[32] Para Pontes (1986: 237) o Agente, em orações ativas transitivas como (67), *João dobrou o papel*, é mais Agente do que o Agente em orações ativas intransitivas, como (68), *Maria passou pelo corredor*. Os exemplos que a autora dá são *João quebrou o copo*, em que *João*, na oração ativa transitiva, segundo ela, é mais Agente, e *João correu*, em que *João*, na oração ativa intransitiva, é, segundo ela, menos Agente.

são as propriedades categóricas do Paciente não-prototípico, como veremos mais à frente, podendo dar-se uma experiência psicológica, cognitiva, perceptiva:

(71) *João* pulou do alto do precipício.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Pular: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(72) *Maria* se enfeitou para a festa de aniversário do seu melhor amigo.

MARIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Enfeitar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

(73) *Maria* analisou demoradamente o projeto.

MARIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Analisar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(74) *João* olhou o ladrão pelo canto dos olhos.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(75) Maria recebeu uma linda jóia *de João*.

DE JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (agentivo)[33]
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(76) João disputou o prêmio de matemática *com José*.

COM JOSÉ: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Disputar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

João em (71) é um exemplo clássico do que afirma Klaiman (1988) sobre a possibilidade de, em algumas línguas, um argumento ou participante ser considerado afetado, em razão de executar certas ações.[34] *João* em (71) e *Maria* em (72) são, na nossa concepção, desencadeadores com controle da ação descrita e também afetados por ela, mudando de estado físico e de estado psicológico. *João* em (75), que sofre apenas mudança de estado psicológico, é, de acordo com nossa análise, desencadeador com controle da ação de *dar*, não, é claro, do processo de *receber* descrito (somente como objeto oblíquo

[33] A classificação dos complementos verbais é feita de acordo com Duarte (2000). Desta forma, classificamos os complementos introduzidos pela preposição *a* que podem ser substituídos pela forma dativa do pronome pessoal, como objeto indireto, e os complementos verbais preposicionados que não podem ser substituídos por formas átonas do pronome pessoal, mas somente por outras expressões preposicionais ou adverbiais, como objeto oblíquo.

[34] Como vimos no Capítulo 2, para Jackendoff (1972), que retoma a proposta de Gruber (1965), propondo um esquema conceitual abstrato, cuja principal função é a de Tema, classificando os verbos semanticamente em dois grupos, verbos de deslocação ou movimento – que implicam a existência de um Tema, de uma Fonte e de um Alvo – e verbos de localização ou estativos – que implicam a existência de um Tema e de um Lugar –, classificação que não adotamos nesta Tese, *João*, num exemplo como (71), assume dois papéis temáticos: Agente, por ser responsável pela ação descrita, e Tema, por mudar de estado. Mas essa análise de Jackendoff viola o Critério Temático.

(agentivo), como *João* em (75), o Agente pode figurar em orações com verbos de processo).

O verbo *receber* em (75) tem uma estrutura temática típica de uma passiva: numa outra versão, também ativa, de (75), *João* é o sujeito Agente:

(77) *João* deu uma linda jóia a Maria.

A versão passiva de (75) é:

(78) Uma linda jóia foi recebida de João por Maria.

em que *de João*, objeto oblíquo (agentivo), permanece com papel temático Agente e *por Maria* é um agente da passiva Paciente, sendo esse mais um exemplo, entre vários na língua, que mostra a autonomia entre a sintaxe e a semântica.

Na pesquisa em *corpora* lingüísticos apresentada no Capítulo 4, só encontramos exemplo de objeto oblíquo (agentivo) com o verbo *receber*, um verbo com propriedades muito específicas, como podemos ver.

José em (76) também sofre apenas, no nosso ponto de vista, mudança de estado psicológico; trata-se de um complemento verbal oblíquo, com a preposição comitativa *com*, e classificamo-lo como um objeto oblíquo (comitativo); comitativo por exprimir uma noção de acompanhamento, neste caso de uma ação realizada por outra entidade. *Maria* em (73) e *João* em (74) são desencadeadores com controle da ação e, além de serem experienciadores psicológicos, mudando de estado psicológico, são, ainda, experienciadora cognitiva e experienciador perceptivo.

Classificamos os argumentos destacados de (71) a (76) como Agentes afetados, sabendo que todo Agente afetado é também experienciador, porque, de acordo com o que assumimos aqui, todo Agente é animado, e todo participante animado que é afetado é também experienciador, como formalizaremos mais à frente.

O Agente nas orações (67), (68), (69) e (70) é um Agente mais prototípico do que o Agente nas orações de (71) a (76), haja vista que, nestas, trata-se de um Agente afetado, porque não podemos dizer que aí os argumentos tenham três papéis temáticos, Agente, Paciente e Experienciador, o que violaria o Critério Temático, segundo o qual, de acordo

com Mioto *et al* (2005: 140), "(i) cada argumento tem que receber um e um só papel θ; (ii) cada papel θ tem que ser atribuído a um e um só argumento."

Seria possível, nessa abordagem flexível dos papéis temáticos, chamar também aos argumentos destacados em (73) e (74) de Experienciadores agentivos, por serem Agentes de atividades mentais, naturalmente sofrendo, ao mesmo tempo, mudança de estado psicológico, pelo que podemos dizer que todo Agente de atividades mentais é um Agente afetado; mas nem todo Agente afetado é um Agente de atividades mentais, podendo ser também um Agente de atividades físicas. Outro autor, com outros objetivos que não os nossos, poderá preferir falar, o que é perfeitamente possível, em Experienciador agentivo a falar em Agente afetado.

Os Agentes de atividades mentais, como em (73) e (74), são, no nosso ponto de vista, Agentes ainda menos prototípicos do que os destacados em (71), (72), (75) e (76), já que assumimos, e acreditamos ser também esse o senso comum, que Agentes de atividades físicas são mais prototípicos do que Agentes de atividades mentais.

O afetamento do Agente em (73), (74) e (75) é menos prototípico do que o afetamento do Agente em (71), (72) e (76), porque, como veremos na próxima seção, o afetamento de natureza psicológica, no nosso modo de ver, é menos prototípico do que o afetamento de natureza física.

A propriedade afetado, presente nos argumentos Agentes em destaque nas orações de (71) a (76), é a única propriedade da qual se constitui o Paciente prototípico, como discutiremos melhor na próxima seção; aí no ponto onde se localiza, no *continuum* que apresentaremos mais à frente, esta propriedade, a agentividade vai dando lugar ao afetamento. Preferimos dizer afetamento a dizer passividade, em primeiro lugar porque a propriedade essencial do Paciente é afetado e, em segundo lugar, porque comumente se associa o termo passividade à voz verbal passiva, e, como vimos no Capítulo 2, o Paciente extrapola a voz passiva.

Os exemplos (71), (72), (73), (74), (75) e (76), de Agentes afetados – desencadeadores com controle da ação e afetados por ela – demonstram que é possível haver reflexividade sem configurar-se voz reflexiva. Ou seja, da mesma forma que a passividade, como ressaltamos acima, extrapola a voz passiva, também a reflexividade extrapola a voz reflexiva. Trata-se da autonomia entre a sintaxe e a semântica.

Todos os exemplos de Agente apresentados até aqui, nesta seção, têm, na sua composição, a propriedade intenção, associada à propriedade controle. É pouco comum o

Agente apresentar a propriedade controle e não apresentar a propriedade intenção; pouco comum, não impossível. Portanto, se podemos dizer que intenção implica controle, não é verdadeiro dizer, por outro lado, que controle implica intenção. Vejamos as orações abaixo:

(79) *João* quebrou o vaso original, achando que era o falso.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Quebrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(80) *Maria* cria o enteado obrigada pelo marido.

MARIA: Agente → [desencadeador, controle, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Criar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(81) *João* participa do mutirão de limpeza da escola, por insistência da esposa.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Participar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(82) *Maria* só trabalha na loja porque o pai não aceitou sustentá-la.

MARIA: Agente → [desencadeador, controle, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: sujeito
Trabalhar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Numa primeira leitura e interpretação, a composição, em (79), *quebrar o vaso original, achando que era o falso* leva-nos a analisar *João* como um Agente sem intencionalidade. Da mesma forma, em (80), a composição *cria o enteado obrigada pelo marido* faz de *Maria* um Agente em cuja constituição não está presente a propriedade intenção. Também em (81), a composição *participa do mutirão de limpeza da escola, por insistência da esposa*, e, em (82), a composição *só trabalha na loja porque o pai não aceitou sustentá-la* atribuem, respectivamente, a *João* e *Maria* serem Agentes sem intencionalidade. Tanto em (79) como em (80), em (81) e em (82), não é o verbo sozinho que atribui papel temático ao sujeito, mas as referidas composições ou expressões predicadoras, como as denomina Franchi (1997).

Numa segunda leitura ou interpretação das orações (79), (80), (81) e (82), considerando um dado contexto situacional, podemos inferir que haja intenção por parte do sujeito: que *João* em (79), quando quebrou aquele vaso específico – fixando-nos numa interpretação referencial de "o vaso original" –, teve intenção de quebrá-lo, quis quebrá-lo, mesmo que não soubesse tratar-se do vaso original, mesmo que estivesse equivocado quanto à sua identidade; que *Maria* em (80), porque tenha a intenção de agradar o marido, acabe criando intencionalmente o entiado, a fim de não discutir com o marido, de agradá-lo; que *João* em (81), também para não contrariar a esposa, acabe participando intencionalmente do mutirão de limpeza da escola; e que *Maria* em (82), com a intenção de continuar vivendo com alguma qualidade de vida, de sustentar os próprios caprichos, enfim, acabe trabalhando intencionalmente na loja do pai. Quando pensamos, numa segunda leitura e interpretação dessas orações, nesses contextos situacionais, até podemos admitir que o Agente nelas destacado aja com intencionalidade, uma intencionalidade forçada por uma causa externa, e, imaginando esses contextos situacionais, seria possível dizer, utilizando aqui o verbo *querer* também para testar a intencionalidade do Agente, o seguinte:

(83) João quis quebrar o vaso original, achando que era o falso.

(84) Maria quis criar o enteado obrigada pelo marido.

(85) João quis participar do mutirão de limpeza da escola, por insistência da esposa.

(86) Maria só quis trabalhar na loja porque o pai não aceitou sustentá-la.

Mas, como dissemos antes a respeito desses casos com mais de uma leitura ou interpretação possíveis, manteremos aqui a primeira interpretação, aquela que foi nossa primeira idéia quando nos deparamos com as referidas orações, a de que o Agente nelas destacado é não-intencional.

Em (79) e em (80), como em (87), (88) e (91), mais adiante, há afetamento do próprio Agente – um Agente menos prototípico – e afetamento de outro participante no evento, com papel temático Paciente.

O Agente, no nosso modo de ver a questão, pode não ter, ocasionalmente, intencionalidade, mas tem que ter controle da ação/atividade. Se é verdade, como afirma Silva (2006: 298), que "a pertença a uma categoria não requer a verificação de todas as propriedades esperadas, donde os seus membros não precisarem de partilhar um conjunto de propriedades comuns", assumimos aqui também como verdade que, para um argumento pertencer à categoria Agente, não pode prescindir das propriedades desencadeador, controle e causa. E propomos, então, a seguinte formalização:

(II) Agente → [desencadeador, controle, (intenção), causa, (afetado), (experienciador)]

Quando um predicado acarreta ao argumento ter papel no desencadeamento da ação/atividade, mas não ter dela o controle, então este mesmo predicado atribui a este argumento não o papel temático Agente, mas o papel temático Causa, como nas orações a seguir:

(87) *João* quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.

JOÃO: Causa → [desencadeador, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Quebrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(88) *Maria* derramou o café quando desmaiou.

MARIA: Causa → [desencadeador, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Derramar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

As composições *quebrar o vaso com o empurrão que levou do irmão* e *derramar o café quando desmaiou*, em (87) e (88), respectivamente, atribuem, no nosso ponto de vista (considerando para (87) a primeira leitura, como discutimos na seção 3.1, analisando a mesma oração em (21), transcrita de Cançado (2005a: 33)), aos argumentos em destaque o papel temático Causa, que, seja com animados, como em (87) e (88), acima, seja com inanimados, como em (89) e (90), abaixo, não tem as propriedades controle e intenção, próprias da noção de agentividade:

(89) *O vento* derrubou as árvores.

VENTO: Causa → [desencadeador, causa]
Função sintática: Sujeito
Derrubar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(90) *A imersão do Sonrisal na água* o dissolve.

IMERSÃO: Causa → [desencadeador, causa]
Função sintática: Sujeito
Dissolver: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

A propriedade controle é tomada aqui como propriedade de distinção entre os papéis temáticos Agente e Causa.

São essas, portanto, apresentadas até aqui, as propriedades semânticas que propomos para a caracterização do Agente, do que estamos chamando de Agente: desencadeador, controle, intenção, causa, afetado e experienciador. As quatro primeiras são propriedades prototípicas do Agente, sendo as duas primeiras e a quarta propriedades

essenciais do Agente, e a quinta e sexta propriedades são propriedades não-prototípicas do Agente.

A seguir, apresentamos um *continuum* de propriedades na caracterização do Agente, constantes nele as propriedades mais e menos prototípicas deste papel temático:

(III) AGENTE

→

Desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador

.....(+).....(-).....

Agente prototípico Agente afetado

Nesse *continuum*, as propriedades mais à esquerda são, no nosso ponto de vista, as mais prototípicas entre todas as propriedades aí listadas; no ponto em que a propriedade afetado, mais à direita, passa a fazer parte do Agente, vai configurando-se um Agente menos prototípico, ou Agente afetado. O Agente menos prototípico de todos, na nossa análise, é o Agente de eventos mentais perceptivos ou cognitivos, a que se poderia também chamar, nessa atribuição flexível dos papéis temáticos que adotamos nesta Tese, seguindo Cançado (2003; 2005b), de Experienciador agentivo.

Situamos, no *continuum*, a propriedade intenção – que não é essencial do Agente – antes da propriedade causa, que é essencial do Agente, na nossa percepção, e ao lado da propriedade controle, pela relação estreita que há entre controle e intencionalidade. As propriedades desencadeador e controle são as duas primeiras propriedades semânticas do Agente no *continuum*, porque é nelas que pensamos, de saída, quando pensamos na caracterização semântica do Agente. Assim, seguindo o *continuum*, propriedade a propriedade, dizemos que o Agente é aquele que desencadeia com controle uma ação, normalmente com intencionalidade, causado um efeito qualquer que pode recair sobre ele próprio, afetando-o psicologicamente, podendo também ser ele afetado fisicamente.

Antes que passemos à caracterização do papel temático Paciente, observemos que as configurações sintáticas do Agente, com base nos dados que apresentamos aqui, são as seguintes: ou como argumento externo do verbo, sujeito de orações na voz verbal ativa ou na voz verbal reflexiva; ou como argumento interno do verbo, com função sintática de objeto oblíquo (agentivo ou comitativo), em orações na voz verbal ativa; ou como adjunto do verbo, com função sintática de agente da passiva, em orações na voz verbal passiva,

sabendo que, como comentamos no Capítulo 2, é freqüente a não-lexicalização do agente da passiva, apontada na bibliografia, inclusive, como um dos recursos para indeterminar o sujeito lógico da oração.

O Agente pode também apresentar-se na voz reflexiva (recíproca) e na voz média (dinâmica):

(91) *João e Maria* abraçaram-se.

JOÃO E MARIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Abraçar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva (recíproca)

(92) *João* recostou-se na árvore.

JOÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Recostar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

O Agente pode ainda funcionar sintaticamente como adjunto adverbial (comitativo), como nas orações que seguem:

(93) João escreveu o trabalho *com Maria*.

COM MARIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(94) Maria foi ao mercado *mais a mãe*.

MAIS A MÃE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Ir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (93), temos o que Colaço (2005) chama de preposição comitativa *com* e, em (94), a conjunção comitativa *mais*. A autora (id.: 90) dá os seguintes exemplos:

(95) O Pedro foi ao cinema com Maria.

(96) O Pedro foi ao cinema mais a Maria.

Em (95) e (96), como em (93) e (94), a preposição comitativa *com* e a conjunção comitativa *mais* integram um constituinte adjunto.

Em (76), no início desta seção, a conjunção *com* integra um constituinte complemento ou um objeto oblíquo (comitativo), como nos exemplos abaixo, transcritos de Colaço (id.: 110):

(97) O Pedro casou com a Maria.

(98) O Pedro trocou de lugar com a Maria.

Poderíamos substituir, em (76), (97) e (98), a preposição comitativa *com* pela conjunção comitativa *mais*:

(99) João disputou o prêmio mais José.

(100) O Pedro casou mais a Maria.

(101) O Pedro trocou de lugar mais a Maria.

As orações (76), (93), (94), (95), (96), (97), (98), (99), (100) e (101) podem ser parafraseadas por outras em que ocorre uma coordenação copulativa; por esse motivo, inclusive, nelas há dois constituintes com o mesmo papel temático Agente, no caso: o sujeito e o objeto oblíquo (comitativo) ou o sujeito e o adjunto adverbial (comitativo). Vejamos as paráfrases:

(102) João e José disputaram o prêmio de matemática.

(103) João e Maria escreveram o trabalho.

(104) Maria e a mãe foram ao mercado.

(105) O Pedro e a Maria foram ao cinema.

(106) O Pedro e a Maria casaram.

(107) O Pedro e a Maria trocaram de lugar.

Haja vista as semelhanças entre as estruturas resultantes da coordenação comitativa e as estruturas de coordenação copulativa canônica, é possível aproximar, segundo Colaço (id.: 100), essas duas construções, sendo a coordenação comitativa uma espécie de subtipo da coordenação copulativa. Adverte a autora, porém, que não existe uma proximidade total entre elas, que se diferenciam por algumas propriedades, que não abordaremos aqui, porque isto foge ao nosso interesse.

Para terminar esta parte, o Agente tanto pode ocorrer com verbos de ação/atividade, como vimos, como com verbos de processo, mas é mais comum ocorrer com verbos de ação/atividade, com função sintática de sujeito. O sujeito Agente sempre ocorre com verbos de ação/atividade.

3.2.2 **O Paciente**

É somente uma a propriedade semântica que nos parece essencial do Paciente: a propriedade afetado, que, segundo Cançado (2005: 34), como vimos na seção 3.1, implica sempre mudança de um estado A para um estado B, podendo, segundo a autora, ser mudança de estado físico, mudança de estado de vida, mudança de estado psicológico, mudança de posses, mudança de lugares, mudanças em geral. Como dissemos na seção 3.1, trabalhamos aqui com um conceito mais restritivo de afetamento: para nós a propriedade afetado pode abarcar apenas dois tipos de mudança: mudança de estado físico (que inclui mudança de estado de vida), de natureza concreta, e mudança de estado psicológico, de natureza abstrata.

Quando pensamos na noção de Paciente, pensamos em algo, em um inanimado que sofre mudança de estado físico, mudança de natureza concreta, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também mudança de estado físico, como uma casa, que é construída, resultando de uma ação/atividade, ou um milho, que vai crescendo, por exemplo, resultando de um processo. Essa é a imagem que fazemos do Paciente prototípico: algo, um inanimado, inativo, passivo, que muda de estado físico ou resulta de uma ação/atividade ou de um processo.

Eis a formalização que propomos para o Paciente prototípico:

(IV) Paciente prototípico → [afetado]

O Paciente prototípico parece ter seu lugar sobretudo em orações transitivas prototípicas, havendo um sujeito Agente intencional e um objeto direto Paciente.

Vejamos, na seqüência, orações nas quais se encontram em destaque Pacientes prototípicos:

(108) Maria varreu *o chão*.

CHÃO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Varrer: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(109) João atirou *contra o espelho*.

CONTRA O ESPELHO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Atirar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(110) João construiu *uma casa*.

CASA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Construir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(111) *O milho* cresceu.

MILHO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Crescer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

Nas orações de (108) a (111), destacamos argumentos inanimados, concretos, que são afetados pela ação/atividade de um Agente intencional, mudando de estado físico, como em (108) e (109), ou resultando de uma ação/atividade, como em (110). Em (111), o Paciente resulta de um processo, também mudando de estado físico, como em (110), de um instante a outro. O Paciente, seja inanimado ou animado, quando resulta de um processo, geralmente configura-se sintaticamente como sujeito.

Nas orações abaixo, os argumentos em destaque são Pacientes, na nossa análise, não-prototípicos, porque são Pacientes animados, que sempre nos parecem ter, na sua constituição, a propriedade experienciador, sofrendo mudança de estado psicológico, de natureza abstrata:

(112) *João* felizmente sarou.

JOÃO : Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Sarar: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(113) *Maria* nasceu em 1978.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Nascer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(114) O primo machucou *João*, com a faca.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Machucar: Verbo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(115) O médico tratou *de Maria*, que estava com feridas na pele.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Tratar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Parece-nos possível dizer que todo Paciente animado é sempre experienciador, enquanto os Pacientes inanimados, que consideramos prototípicos, não o são; estes sofrem sempre e apenas afetamento físico, de natureza concreta, não de natureza psicológica, abstrata, como aquele. Vamos propor, então, a seguinte formalização, que será testada no nosso estudo diacrônico de PE, no Capítulo 4:

(V) Paciente animado → [afetado, experienciador]

Ou seja:

(VI) Paciente animado = Paciente não-prototípico

O Paciente animado nem sempre sofre mudança de estado psicológico e de estado físico ao mesmo tempo, como nas orações de (112) a (115) (em (113), *Maria* é um animado que resulta de um processo, sofrendo afetamento). É possível que o afetamento seja apenas de natureza psicológica, como nas orações abaixo, configurando-se um Paciente ainda menos prototípico, na nossa concepção:

(116) O anúncio de greve na empresa preocupou *João*.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Preocupar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(117) *Maria* decepcionou-se com José com suas mentiras.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Decepcionar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(118) *João* aprendeu o assunto da prova.

João: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Aprender: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(119) *Maria* só compreendeu aqueles cálculos na segunda leitura.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Compreender: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

Chamamos aos argumentos destacados de (112) a (119) de Pacientes experienciadores, e podemos chamar ainda, mas não é a nossa opção, aos argumentos destacados de (116) a (119), que sofrem apenas mudança de estado psicológico, de Experienciadores afetados, como podemos chamar aos argumentos destacados em (73) e (74), que realizam uma atividade mental e sofrem mudança de estado psicológico, de Experienciadores agentivos; de acordo com os nossos propósitos nesta Tese, entretanto, preferimos chamá-los de Agentes afetados, como já o dissemos anteriormente. Como afirma Cançado (1995: 114-115),

> O Experienciador é compatível com os traços de Paciente (...) e também compatível com traços de Agente (...) No sentido estrito do termo, "Experienciador", portanto, é uma etiqueta que recobre diferentes papéis temáticos, reunidos por terem um traço comum.

A propriedade Experienciador pode ainda fazer parte de um Objeto Estativo, em orações como:

(120) *João* ama Maria.

(121) *Maria* respeita os pais.

Em que *João* e *Maria* apresentam as propriedades semânticas estativo e experienciador. Ora, poderíamos chamar esses argumentos também de Experienciadores estativos, ao invés de chamá-los de Objetos Estativos experienciadores. Esse tratamento dos papéis temáticos em propriedades semânticas favorece uma maior flexibilidade na atribuição de papéis temáticos, o que consideramos mais realista e também vantajoso para a descrição.

Em (111), (112) e (113), temos um sujeito Paciente na voz ativa, sendo o verbo de processo. Mas também é possível haver sujeito Paciente na voz ativa, sendo o verbo de ação/atividade, como em:

(122) *Jogador* operou joelho.

JOGADOR: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Operar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(123) *Maria* cortou o cabelo num bom salão.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (122), construção típica do PB, como observa Ilari (2008), o *jogador*, na verdade, é afetado, física e psicologicamente, pela ação/atividade expressa pelo verbo *operar*, e o Agente da operação está indeterminado; equivale a dizer:

(124) Jogador foi operado do joelho.

E, em relação à oração (123), podemos dizer que Maria não cortou o próprio cabelo, mas foi a um bom salão, como desejava, para que alguém o cortasse; *Maria* é Paciente, tendo sofrido mudança de estado físico e psicológico, não Agente no evento descrito. A oração (123) equivale a:

(125) Maria teve o cabelo cortado num bom salão.

As propriedades desencadeador, controle, intenção e causa podem, ocasionalmente, fazer parte do Paciente, um Paciente agentivo, o tipo de Paciente que consideramos o menos prototípico de todos, como nas orações que seguem:

(126) *Maria* recebeu o anel de João.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(127) José presenteou os livros *a João*, que ficou satisfeito.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto indireto
Presentear: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(128) O professor correu *o garoto atrevido* para fora da sala.

GAROTO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto direto
Correr: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em resumo, são essas as propriedades semânticas que propomos para a caracterização do Paciente: afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção e causa, sendo que a primeira delas é a propriedade essencial do Paciente, e a segunda, em se tratando de Paciente animado, está sempre associada à propriedade afetado, como achamos

ser verdadeiro. As quatro últimas propriedades aí listadas só participam ocasionalmente da composição do Paciente.

Apresentamos, abaixo, um *continuum* de propriedades na caracterização do Paciente, que vai das propriedades mais prototípicas, à esquerda, às propriedades menos prototípicas, à direita:

(VII) PACIENTE

→

Afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa

.....(+).....(-).....

Paciente prototípico Paciente experienciador Paciente agentivo

No ponto em que a propriedade experienciador passa a fazer parte do Paciente, configura-se um Paciente experienciador; o Paciente experienciador, sempre animado, que muda de estado psicológico, é, na nossa análise, menos prototípico do que o Paciente inanimado, que sofre apenas mudança de estado físico. No ponto em que a propriedade desencadeador passa a fazer parte do Paciente, começa a configurar-se o Paciente menos prototípico de todos, passando pelo controle, intenção, causa, tornando-se um Paciente agentivo, e, na condição de Paciente agentivo, portanto animado, apresenta também a propriedade experienciador. Quanto mais o Paciente apresenta as propriedades à direita do *continuum*, menos prototípico ele é.

Quanto às configurações sintáticas do Paciente, na voz ativa o Paciente é, de acordo com os dados descritos acima, o argumento interno, com função de objeto direto, ou objeto indireto, ou objeto oblíquo (passivo), ou o argumento externo, o que contraria a descrição da GT, que discutimos no Capítulo 2, segundo a qual na voz ativa o sujeito é sempre Agente.

O Paciente também pode ser, como nos exemplos que seguem, o sujeito de orações na voz passiva, que, segundo Pessoa (1989: 220), são bem menos freqüentes em textos reais do português do que as orações ativas; as passivas, na verdade, segundo a autora, contrariam a tendência estatística de o Agente ocupar a posição de sujeito da oração. A título de exemplo, apresentaremos a versão passiva nominal, *ser* mais particípio passado, das orações (108) e (110):

(129) *O chão* foi varrido por Maria.

CHÃO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Varrer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(130) A casa foi construída por João.

CASA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Construir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

Da mesma forma que, em orações com verbo na voz ativa, o sujeito pode não ser Agente, também em orações com verbo na voz passiva, o sujeito pode não ser Paciente, como em:

(131) *Os livros* foram requisitados por João.

(132) *A misericórdia* foi implorada a Jesus pelos fiéis.

(133) *João* foi vigiado durante toda a festa, sem que soubesse disso.

Nas três orações, o sujeito é um Objeto Estativo, não sofrendo, portanto, afetamento.

Quanto às passivas pronominais apresentadas pela GT, já dissemos, no Capítulo 2, explicitando ali os motivos para isso, que admitimos, com Naro (1968), sua legitimidade no português arcaico, mas, no português contemporâneo, concordando com Scherre (1999), entre outros, descrevemos a construção classificada pela GT como passiva sintética ou pronominal como uma estrutura ativa de sujeito indeterminado, com o qual, aliás, não trabalhamos aqui, apenas considerando, na nossa análise no Capítulo 4, o sujeito determinado, ou o sujeito indeterminado lexicalizado do tipo “fulano”, ‘alguém’, ‘a

pessoa', 'a gente' genérico etc. O *se*, índice de indeterminação do sujeito, e construções de indeterminação com verbo na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular, ou no infinitivo, ou no gerúndio não são, por opção metodológica, consideradas. Optamos por trabalhar apenas com argumentos lexicalizados ou que podem ser retomados no contexto; nos casos em que retomamos o constituinte no contexto, ele vem transcrito, no Capítulo 4, entre parênteses.

Assim como passivas nominais podem não apresentar sujeito Paciente, também as passivas pronominais no português arcaico poderiam não apresentar sujeito Paciente. Em (134), a seguir, exemplo do século XIV, o sujeito na oração passiva pronominal é Paciente, sofrendo mudança de estado físico e psicológico; mas, em (135), exemplo do século XV, o sujeito *este planeta* é um Objeto Estativo:

(134) Em tal terra fuy e volvy muytas batalhas e muytas pelejas e fiz que se matassem *muytos homens* e viim hora dizer-cho.

HOMENS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Matar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

(135) (...) esto porque em grego se chama *este planeta* Cronõ ou Cronos, que significa "tempo" (...)

O Paciente pode, ainda, ser o sujeito de orações na voz média (dinâmica), como na oração (117), citada antes, e como nas orações abaixo:

(136) *João* feriu-se nos espinhos da roseira, quando passava distraído pelo jardim.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ferir: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(137) *Maria*, costurando, machucou-se com o alfinete.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Machucar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

Também o Paciente pode ser o sujeito de orações com verbo copulativo:

(138) *Maria* ficou muito ferida no acidente.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(139) *João* tornou-se alegre.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Tornar-se: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

Camacho (2002) classifica as construções com verbo copulativo, como (138) e (139), como construções de voz adjetival, classificação que adotamos nesta Tese, conforme assumimos no Capítulo 2.

Encontra-se o Paciente também em construções ergativas[35] – o PB apresentando, parece, uma tendência maior à ergativização –, como resultado do alçamento do objeto Paciente da construção causativa à posição de sujeito, sendo conservada a mesma relação temática com o verbo – a alteração aqui, tal como na construção passiva, efetua-se no nível

[35] Os verbos ergativos participam do fenômeno da inacusatividade, que se dá sempre que o verbo não atribui caso acusativo a seu argumento interno nem papel temático à posição de sujeito. Sobre o fenômeno da inacusatividade, ver Mira Mateus *et al* (2003). Sobre construções ergativas na língua portuguesa, ver Mira Mateus *et al* (2003), Pontes (1986) e Peres e Móia (1995). Sobre restrições semânticas à alternância causativo-ergativa, ver Ciríaco e Cançado (2008).

das funções sintáticas, não semânticas – e não havendo a lexicalização do argumento externo:

(140) a) João quebrou *o vaso*.

VASO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Quebrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

b) *O vaso* quebrou.

VASO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Quebrar: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)
Construção ergativa

(141) a) O primo afogou *Maria* na piscina.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Afogar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

b) *Maria* afogou na piscina.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Afogar: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)
Construção ergativa

Construções ergativas como (138b) e (139b), acima, e como (142) e (143), a seguir, citadas por Mira Mateus *et al* (2003: 515):

(142) A manteiga derreteu.

(143) A porta abriu-se.

que têm (144) e (145), segundo as autoras, como suas variantes causativas:

(144) A Maria derreteu a manteiga.

(145) O João abriu a porta.

assim como as construções ergativas seguintes, (146) e (147), citadas por Peres e Móia (1995: 195):

(146) O balão rebentou.

(147) O copo partiu-se.

que têm, segundo os autores, as seguintes variantes que exprimem valor de causatividade:

(148) O Paulo rebentou o balão.

(149) O Paulo partiu o copo.

são construções que fazem parte do PE, mas que parecem ser mais comuns no PB. É mais própria do PE do que do PB, entretanto, segundo Carvalho (2006: 4), a construção ergativa com marca morfológica, sob a forma de pseudo-reflexivos, com propriedades distintas dos verdadeiros reflexivos, como as orações (143) e (147). Carvalho afirma que

> A variante intransitiva de certos verbos ergativos apresenta uma marca morfológica sob a forma de um clítico pseudo-reflexivo, com propriedades distintas dos verdadeiros reflexivos. No PE, essa marca morfológica ora é obrigatória com certos verbos, como *rasgar-se*, ora é possível, mas não obrigatória, como em *queimar(se),* ora, ainda, não é admitida, como é o caso de *acabar* e *aumentar*. No PB, o emprego desse clítico não-reflexivo parece ter caído em desuso.

Para Pontes (1986: 95-96), o sentido de construções como o *vaso quebrou* e *Maria afogou na piscina* ou das orações transcritas de Mira Mateus *et al* e de Peres e Móia, ou ainda das orações (150), (151) e (152), abaixo, citadas por ela, parece equivaler ao de uma passiva; segundo a autora (id.: 96), essa semelhança com a passiva nos ocorre, porque a passiva, como as construções ergativas, também é um meio de escamotear o Agente:

(150) O dinheiro tá perdendo.

(151) Daqui dá pra ouvir o barulho das casas construindo.

(152) Essa estante aí tá precisando fazer.

Nas construções ergativas, o objeto não só ocupa a posição de sujeito, como também adquire propriedades de sujeito (concordância e caso nominativo).

Aproveitaremos para fazer aqui uma observação, citando, mais uma vez, Pontes.

Em construções como as transcritas de Pontes (id.: 17-18), abaixo, classificamos, de acordo com a análise da autora, o SN anteposto ao verbo como sujeito e o SN posposto ao verbo como objeto, não como sujeito:

(153) Esse rádio estragou *o ponteiro*.

PONTEIRO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Estragar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(154) O carro furou *o pneu*.

PNEU: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Furar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Média (dinâmica)

(155) A Sarinha tá nascendo *dente*.

DENTE: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto

Nascer: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Média (dinâmica)

Segundo Pontes (id.: 277), apesar de *esse rádio*, *o carro* e *a Sarinha* não serem sujeitos prototípicos, ou seja Agente e tópico ao mesmo tempo, ela os classifica como sujeito, porque

> O importante é que, quando o falante escolhe colocar o SN na posição pré-verbal, ele tem a intenção de mostrar que aquele referente é sujeito, ou seja, é tópico ou agente, ou ambos, em graus variáveis. A posição pós-verbal, por sua vez, tipicamente funciona ao inverso. SNs não-tópicos, não-agentes, vão para a posição pós-verbal, tipicamente.

Voltando às configurações sintáticas do Paciente, pode ele, ainda, ser um adjunto adverbial (comitativo), como, por exemplo, em:

(156) Os lençóis foram lavados *com as blusas*.

COM AS BLUSAS: Paciente → [afetado]

Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)

Lavar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva nominal

(157) João morreu *com Maria* no acidente de avião.

COM MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Morrer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

As orações (156) e (157) podem ser parafraseadas por:

(158) Os lençóis e as blusas foram lavados.

(159) João e Maria morreram no acidente de avião.

O Paciente ocorre, normalmente, com verbos de ação/atividade e com verbos de processo.

O sujeito Paciente na voz ativa ocorre, normalmente, com verbos de processo, mas pode ocorrer com verbos de ação/atividade.

O Paciente também pode, ocasionalmente, na função sintática de sujeito ou de objeto direto, ocorrer com verbos de estado, em construções como (160) e (161), abaixo:

(160) *João* aguardou o médico durante muito tempo.

JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Aguardar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(161) Começou a haver *relâmpagos*, toda noite, na cidade.

RELÂMPAGOS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Haver: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

Normalmente se acharia estranho que um Paciente ocorra com verbo de estado, já que o Paciente é aquele que é afetado, e afetamento pressupõe mudança, enquanto estado, na

conceituação tradicional, como vimos no Capítulo 2, não envolve afetamento nem causação, mas condição ou alguma coisa que subsiste. Mas aqui trabalhamos, como pode ver o leitor, com um conceito diferenciado de estado, que para nós, como dissemos no Capítulo 2, pode envolver afetamento, em exemplos como (160) e (161), acima. Na nossa interpretação, parece claro que, em (160), *João* é afetado psicologicamente, um Paciente experienciador, e o verbo é de estado, veja o leitor. Em (161), *relâmpagos* é um Paciente prototípico, numa oração em que o verbo principal da locução é o verbo *haver*, um verbo de estado. O leitor encontrará, no Capítulo 4, outros exemplos, obtidos de *corpora*, de Paciente ocorrendo com verbo de estado.

A título de exemplo, a versão passiva, que apresentamos no Capítulo 2 e que repetimos abaixo, da oração (160) mostra que, da mesma forma que há orações passivas sem sujeito Paciente, também pode haver orações passivas com agente da passiva Paciente (por mais estranho que seja dizer agente da passiva Paciente!):

(162) O médico foi aguardado durante muito tempo *por João*.

POR JOÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Aguardar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Passiva nominal

Outros exemplos de agente da passiva Paciente são (163), que já comentamos na seção anterior, e (164), abaixo:

(163) Uma linda jóia foi recebida de João *por Maria*.

POR MARIA: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Agente da passiva
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

(164) A morte do filho foi chorada *pela mãe*.

PELA MÃE: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Agente da passiva

Chorar: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Passiva nominal

Desta forma, é essa outra possibilidade de configuração sintática do Paciente: como agente da passiva.

Antes de passarmos ao resumo deste capítulo, queremos ainda destacar uma coisa.

Como o leitor já deve ter notado, mas fazemos questão de destacar isso aqui, admitimos, na perspectiva de protótipos e *continuum*, que haja dois tipos de Agente:

a) Agente prototípico.
b) Agente afetado.

e três tipos de Paciente:

a) Paciente prototípico.
b) Paciente experienciador.
c) Paciente agentivo.

Assim, por exemplo, na oração abaixo:

(165) *O ladrão* arrancou com força *o relógio à Maria, que ficou machucada*.

↓	↓	↓
Agente afetado	Paciente prototípico	Paciente experienciador

não está atribuído aos argumentos *relógio* e *Maria* o mesmo tipo de Paciente, mas tipos diferentes: *relógio* é um argumento inanimado, que sofre apenas mudança de estado físico, ao ser arrancado do braço de Maria, e o chamamos Paciente prototípico; *Maria* é um argumento animado, que sofre mudança de estado psicológico e também físico, e o

chamamos Paciente experienciador. Quanto ao Agente na oração (165), trata-se de um Agente afetado, um dos dois tipos de Agente, segundo nossa análise.

4.3 RESUMINDO

Vamos agora à apresentação, em conjunto, do *continuum* de propriedades semânticas caracterizadoras do Agente e do *continuum* de propriedades semânticas caracterizadoras do Paciente, para fecharmos este capítulo:

AGENTE

Desencadeador/controle/intenção/causa/afetado/experienciador

.....(+).....(-).....

Agente prototípico Agente afetado

→

PACIENTE

Afetado/experienciador/desencadeador/controle/intenção/causa

....(+).....(-).....

Paciente prototípico Paciente experienciador Paciente agentivo

→

AGENTE

Desencadeador/controle/intenção/causa/afetado/experienciador

.....(+).....(-).....

Agente prototípico Agente afetado

Gráfico 1: *Continuum* de propriedades semânticas do Agente e do Paciente.

Está aí, portanto, a nossa proposta para a caracterização dos papéis temáticos Agente e Paciente em língua portuguesa, em propriedades semânticas prototípicas e não-prototípicas.

Visualizando, em conjunto, o *continuum* de propriedades semânticas do Agente e o *continuum* de propriedades semânticas do Paciente, notamos que as noções de Agente e Paciente não são inteiramente opostas nem distantes; pelo contrário, todas as propriedades propostas para a caracterização do Agente são também propriedades para a caracterização do Paciente, com a diferença de que as propriedades mais prototípicas do Agente – desencadeador, controle, intenção e causa –, sendo desencadeador, controle e causa as suas propriedades essenciais, são as menos prototípicas do Paciente, e a propriedade essencial do Paciente, que é a propriedade afetado, sendo o Paciente prototípico um inanimado, é a menos prototípica do Agente, ao lado da propriedade experienciador, que é também propriedade não-prototípica do Paciente, categórica, como nos parece, do Paciente animado, que pode ser de dois tipos: Paciente experienciador e Paciente agentivo. Desta forma, o afetamento – relativo à propriedade afetado e experienciador, entendendo que o afetamento pode abarcar dois tipos de mudança, mudança de estado físico e mudança de estado psicológico – pode fazer parte, em eventos de ação/atividade ou de processo, do Agente, o Agente afetado, que é menos prototípico, sobretudo o que sofre, além de afetamento psicológico, afetamento de natureza física, e a agentividade – o que chamamos ao conjunto das quatro propriedades prototípicas do Agente: desencadeador, controle, intenção e causa – pode fazer parte do Paciente, o Paciente agentivo, que é o menos prototípico de todos, em eventos de processo, mas também em eventos de ação/atividade.

A categorização que apresentamos aqui dos papéis temáticos Agente e Paciente, caracterizando-os em propriedades semânticas, com base em nossa experiência de mundo é só mais uma maneira de ver a questão, de tratar o tema. Como afirma Teixeira (2001: 66), "A categorização e simultânea conceptualização da realidade é sempre um processo em aberto, reformulável." É, por isso, muito natural que o leitor possa discordar do nosso ponto de vista ou interpretação, neste capítulo ou no Capítulo 4, em relação à atribuição do papel temático Agente ou Paciente a um dado argumento, ou em relação ao tipo de Agente – Agente prototípico ou Agente afetado – ou ao tipo de Paciente – Paciente prototípico, Paciente experienciador ou Paciente agentivo – que atribuímos a um dado argumento, ou mesmo a respeito do conjunto de propriedades semânticas que propomos para caracterizar

o Agente e o Paciente, a respeito das propriedades que julgamos essenciais, por exemplo, destes papéis temáticos; estamos lidando, neste Tese, afinal, com noções intuitivas.

Mais uma coisa quanto à caracterização em propriedades semânticas do Agente e do Paciente: no nosso ponto de vista, tanto o Agente como o Paciente mais prototípicos são o Agente de atividades físicas, concretas, mais do que o Agente de atividades mentais, perceptivas ou cognitivas, abstratas – que é sempre um Agente afetado –, e o Paciente inanimado, que é afetado por uma mudança de estado físico, concreta, mais do que o Paciente animado, que sofre mudança de estado psicológico, abstrata – podendo também sofrer mudança de estado físico –, que é o Paciente experienciador e o Paciente agentivo. Sendo assim, as noções de físico, concreto, e psicológico, abstrato, são noções, como deve ter notado o leitor, que permeiam a proposta aqui apresentada.

A respeito das configurações sintáticas do Agente e do Paciente, em resumo são as seguintes, com base nos dados que descrevemos nesta seção:

O Agente pode ser:

a) Sujeito na voz verbal ativa, na voz reflexiva e reflexiva (recíproca) e na voz média (dinâmica).
b) Objeto oblíquo (agentivo) e objeto oblíquo (comitativo).
c) Agente da passiva.
d) Adjunto adverbial (comitativo).

O Paciente pode ser:

a) Sujeito na voz verbal ativa, na voz passiva, na voz média (dinâmica), na voz adjetival e em construção ergativa.
b) Objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo).
c) Agente da passiva.
d) Adjunto adverbial (comitativo).

Veja o leitor que o Agente não se configura sintaticamente nem como objeto direto, nem como objeto indireto, mas apenas o Paciente pode assumir, na oração, essas funções sintáticas.

CAPÍTULO 4: O AGENTE E O PACIENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: ESTUDO DIACRÔNICO

4.1 NO PORTUGUÊS ARCAICO

Depois de apresentar nossa proposta de caracterização dos papéis temáticos Agente e paciente em propriedades semânticas, na perspectiva da Semântica Lexical, numa abordagem representacional ou mentalista, com exemplos ilustrativos nossos, avançamos no texto, trazendo agora, neste capítulo da Tese – de resultados e discussão –, os resultados obtidos de nossa pesquisa em textos reais da língua portuguesa, na sua diacronia, descrevendo o Agente e o Paciente em propriedades semânticas, de acordo com a proposta que apresentamos no Capítulo 3, listando os verbos com que ocorrem os diferentes tipos de Agente e de Paciente nos *corpora*, verificando se há alguma situação de mudança ao nível da estrutura argumental dos verbos, e também as configurações sintáticas do Agente e do Paciente, no domínio do predicador verbal, numa abordagem da relação entre a sintaxe e a semântica, comparando os dados de PE obtidos das diferentes sincronias, também uma comparação entre os dados obtidos das modalidades oral e escrita.

Começaremos pela análise e descrição dos dados de Agente e de Paciente obtidos dos textos que selecionamos como amostra do período arcaico do português.

Os textos selecionados como amostra do período arcaico do português são dos séculos XIV e XVI, como os apresentamos – justificando nossa escolha – no Capítulo 1, na seção 1.4, e o repetimos aqui, oportunamente:

a) Século XIV: o Prólogo e os capítulos primeiro, segundo e terceiro do Livro I do *Orto do Esposo* (doravante OE) (cf. Maler, 1956).
b) Século XVI: o Prólogo, a primeira parte e os capítulos I, II e III da segunda parte do *Livro das obras de Garcia de Resende* (doravante LOGR) (cf. Verdelho, 1994).

4.1.1 **O Agente**

No *corpus* do português arcaico, identificamos 268 ocorrências de Agente: 32 ocorrências de Agente prototípico e 236 ocorrências de Agente afetado.

A diferença entre o Agente prototípico e o Agente afetado, como vimos no Capítulo 3, reside em que aquele, ao contrário deste, não apresenta as propriedades afetado e experienciador, mas apenas as propriedades prototípicas do Agente, que são, segundo nossa proposta, desencadeador, controle, intenção e causa, sendo desencadeador, controle e causa suas propriedades essenciais.

Apresentamos, a seguir, depreendidos do *corpus*, exemplos que analisamos, considerando o predicado global, o contexto situacional e baseando-nos em nossa experiência de mundo, como sendo de Agente prototípico:

(1) E diseron-lhe *os conpanheyros* (...) (OE, p. 4, l. 9)

COMPANHEIROS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Dizer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(2) (...) chamou-me de parte (...) (OE, p. 4, l. 25)

(MENINO)[36]: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Chamar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(3) Quando *o enperador Constantino* veeo a hũa cidade que chamã Bisancio (...) (OE, p. 6, l. 4-5)

[36] Os parênteses, como o observamos no Capítulo 3, são empregados em caso de o constituinte Agente ou Paciente ser retomado no contexto.

ENPERADOR: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Vir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(4) (...) *o fisico* lhe preguntou por suas condiçõões (...) (OE, p. 8, l. 15)

FISICO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Preguntar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(5) (...) todallas sestas-feyras hia sempre aa Relaçam pollas menhãs (...) (LOGR, p. 138, l. 47-48)

(DOM JOÃO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Hir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(6) (...) como traziam certidam da Fazenda de como avia hum anno que a nam ouveram (...) (LOGR, p. 140, l. 125-126)

(MORADORES): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Trazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(7) (...) muito bons librees que sempre mandava lançar a touros (...) (LOGR, p. 142, l. 185-186)

(DOM JOÃO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito

Mandar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(8) (...) levaram muytas tochas apagadas (...) (LOGR, p. 150, l. 54-55)

(SENHORES, E FIDALGOS, SENHORAS, DONAS, E DAMAS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Levar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(9) (...) tudo feito como *tal pay* ordenava (...) (LOGR, p. 151, l. 87)

PAY: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Ordenar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

A ação/atividade realizada pelo Agente nas orações de (1) a (9) resulta em um efeito que não consiste em afetamento do próprio Agente, mas em afetamento de outro participante no evento, como, em (1), *lhe*, e, em (2), *me*, Pacientes experienciadores, ou em outro efeito, que não se trata de afetamento, como em (3), (4), (5), (6), (7), (8) e (9): em (3), o efeito é o deslocamento do imperador Constantino em direção à cidade de Bisâncio; em (4), o efeito é os serventes do cavaleiro responderem ao físico; em (5), é o deslocamento de Dom João à Relação; em (6), o efeito é o deslocamento da certidão; em (7), o efeito consiste em os touros serem lançados; ter as tochas consigo para as trazerem acesas à vinda do batizado do príncipe é o efeito da ação/atividade de levá-las, em (8); e tudo ser feito conforme ordem do pai é o efeito que percebemos da ação/atividade do Agente em (9).

Vejamos agora exemplos, do OE e do LOGR, de Agente afetado (que são a grande maioria no *corpus*), ou seja, Agente que sofre um efeito de afetamento da ação/atividade que ele próprio realiza, compondo-se, além das propriedades prototípicas – desencadeador, controle, intenção e causa –, também das propriedades que consideramos

não-prototípicas do Agente, afetado e experienciador. Todo Agente que apresenta a propriedade afetado apresenta também a propriedade experienciador, como vimos no Capítulo 3, haja vista que todo Agente é animado, e todo animado afetado é, ao mesmo tempo, um experienciador. Primeiramente, exemplos, entre os 126 encontrados na amostra do português arcaico, de Agente afetado em orações nas quais o afetamento é apenas do Agente:

(10) Lea per este liuro *o estudioso* (OE, p. 2, l. 40-p. 3, l. 1)

ESTUDIOSO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ler: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(11) (...) hũa moça uirgem *que* cante a aquela fonte (...) (OE, p. 3, l. 13-14)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cantar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(12) E *Theofilo* estaua recontando o prometimẽto (...) (OE, p. 4, l. 1-2)

THEOFILO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Recontar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(13) E logo *Theofilo* coomeçou a braadar: Bemauẽturados som aquelles que creem em Jhesu Christo (...) (OE, p. 4, l. 32-33)

THEOFILO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Braadar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(14) Hũa uez preguando *hũũ frade* do nome de Jhesu muytas boas cousas (...) (OE, p. 9, l. 18-19)

FRADE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Preguar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(15) (...) tocava muito bem qualquer cousa. (LOGR, p. 137, l. 26)

(DOM JOÃO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Tocar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(16) (...) qualquer *que* por seu prazer casava (...) (LOGR, p. 140, l. 109)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Casar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(17) (...) cavalgava polla cidade e muitas vezes com trombetas, e atabales, charamellas e sacabuxas (...) (LOGR, p. 143, l. 206-207)

(EL-REY): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cavalgar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(18) Comia muyto e muyto bem com muyto vagar e cerimonia (...) (LOGR, p. 143, l. 218)

(EL-REY): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Comer: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(19) E o lavar de pees aos pobres e todallas outras cerimonias fazia com tanto acatamento e lagrimas que aos bons religiosos dava singular enxempro (...) (LOGR, p. 144, l. 267-p. 145, l. 268-269)

(EL-REY): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (17), (18) e (19), o afetamento do Agente é tanto de natureza física como psicológica; em (10), (11), (12), (13), (14), (15) e (16), o afetamento do Agente, segundo nossa interpretação, é só de natureza psicológica. O afetamento psicológico é, conforme o assumimos nesta Tese, um afetamento menos prototípico do que o afetamento de natureza física.

Na seqüência, descrevemos exemplos, entre os 110 encontrados no *corpus*, nos quais o afetamento é tanto do Agente como se configura também, na oração, um argumento Paciente:

(20) Eu, muy pecador e nõ digno de todo bẽ, escreuy *este liuro* (...) (OE, p. 1, l. 9-10)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Escreuer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

LIURO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Escreuer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(21) (...) hũũ escolastico leterado, que auia nome Theofilo, escarnecendo *della* (...) (OE, p. 3, l. 27-28)

(ESCOLASTICO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Escarnecer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

DELLA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Escarnecer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(22) E emduzia *os outros* que creessem aquello meesmo (...) (OE, p. 6, l. 34)

(FILOSAPHO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito

Emduzir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

OUTROS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Emduzir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(23) (...) Posto que me talhes *a lingua* (...) (OE, p. 10, l. 16-17)

(TU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Talhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

LINGUA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Talhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(24) (...) tam grandemente ensinava *os homens* (...) (LOGR, p. 138, l. 59-60)

(DOM JOÃO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ensinar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

HOMENS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Ensinar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(25) Foy muyto nobre e gram liberal em fazer merces e dadivas *a quem devia* (...) (LOGR, p. 140, l. 116-117)

(DOM JOÃO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

A QUEM DEVIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(26) (...) cortava com hũa espada *tres e quatro tochas juntas* (...) (LOGR, p. 142, l. 180-181)

(EL-REY): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

TOCHAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(27) (...) lhe alimpavam com grande deligencia *as ruas* (...) (LOGR, p. 143, l. 209-210)

(POVO E HOMENS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito
Alimpar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

RUAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Alimpar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (20), (23), (26) e (27), o Agente afetado ocorre com um Paciente em orações transitivas prototípicas, em que o objeto direto é um Paciente concreto visivelmente afetado, não-intencional, inativo, que registra as mudanças de estado do evento (casos que somaram 21 no *corpus*). Por outro lado, em (21), (22), (24) e (25), a ocorrência do Agente com um Paciente se dá em orações transitivas não-prototípicas (casos que somaram 84 no *corpus*), ora um Paciente experienciador como objeto direto, como em (22) e (24), ora um Paciente experienciador como objeto oblíquo (passivo), como em (21), ora como objeto indireto, como em (25). Os outros cinco casos de Agente afetado ocorrendo com um Paciente são em orações passivas, os quais citaremos mais à frente.

Em se tratando do Agente prototípico, este só ocorre com um Paciente em orações transitivas não-prototípicas – sete casos no *corpus* –, como as transcritas em (1) e (2). Há um exemplo de Agente não-afetado ocorrendo com um Paciente na voz passiva, o qual o leitor verá mais à frente, quando apresentarmos os exemplos de Agente na função de Agente da passiva.

Entre os Agentes afetados, identificamos sete ocorrências em atividades mentais (os Agentes de atividades mentais são sempre Agentes afetados), sempre com o verbo *ler*, como em (10), acima. No nosso ponto de vista, os Agentes de atividades físicas são mais prototípicos do que os Agentes de atividades mentais, assim como os Agentes não-afetados são mais prototípicos do que os Agentes afetados.

Os exemplos de Agente afetado até o presente listados estão em orações na voz ativa, representando a maioria no *corpus* do português arcaico, contrariando o ponto de vista da GT, que apresentamos no Capítulo 2, segundo a qual, na voz ativa, o sujeito pratica a ação, mas não a sofre; é na voz reflexiva, como afirmam os gramáticos tradicionais, que o sujeito pratica e sofre a ação, ao mesmo tempo. Mas identificamos, no

corpus analisado, apenas poucos casos, entre os 236 casos de Agente afetado, de sujeito Agente afetado em orações na voz reflexiva, dados que corroboram a autonomia entre a sintaxe e a semântica.

Os exemplos abaixo são de Agente afetado em orações na voz reflexiva:

(28) Vestia-se ricamente (...) (LOGR, p. 142, l. 196)

(EL-REY): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Vestir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

(29) (...) sempre nos tais dias se vestia também *a rainha e as damas* (...) (LOGR, p. 143, l. 201-202)

RAINHA E DAMAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Vestir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

Por acaso, não encontramos exemplos de Agente, afetado ou não, na voz reflexiva (recíproca).

Os exemplos seguintes são de Agente afetado na voz média (dinâmica):

(30) (...) Molher, hu te uaas? (OE, p. 4, l. 18)

(TU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Hir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(31) Uou-me pera o meu amigo e meu esposo Jhesu Christo (...) (OE, p. 4, l. 19-20)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Hir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(32) (...) atreuẽdo-se ẽna sua palaura, que auia muyto aguda (...) (OE, p. 6, l. 17-18)

(FILOSAPHO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Atreuer-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(33) Hũũ caualeyro amaua muyto Jhesu Christo e (...) foy-sse a Jherusalem (...) (OE, p. 7, l. 30-31)

(CAUALEYRO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Hir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(34) (...) a este me offereço (...) (OE, p. 9, l. 10-11)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Oferecer-se: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Média (dinâmica)

Verificamos, analisando o predicado global e o contexto situacional, que o Agente, mais e menos prototípico, sempre apresenta, nas amostras do OE e do LOGR, a propriedade intenção, o que nos leva a afirmar que, no *corpus* do português arcaico que analisamos, a intencionalidade do Agente é categórica. O leitor lembra-se que assumimos, no capítulo 3, que é possível que o Agente, mesmo tendo controle – como todo Agente, na nossa opinião, tem-no –, não se componha da propriedade intenção; ou seja, controle não pressupõe intenção, mas, por outro lado, intenção pressupõe controle pelo participante no evento.

Quanto às configurações sintáticas do Agente, ele se apresenta, quase sempre, como sujeito, e sobretudo na voz ativa.

Nas amostras selecionadas do OE e do LOGR, não encontramos exemplos de sujeito Agente em construções passivas de *ser* mais particípio passado de verbo intransitivo ou transitivo oblíquo representantes dos tempos compostos dos verbos depoentes latinos, construções típicas do período arcaico da língua portuguesa a que nos referimos no Capítulo 2. Pesquisando, porém, mais algumas linhas de texto, encontramos, no LOGR, dois exemplos de sujeito Agente em contrução de *ser* mais particípio passado de verbo transitivo oblíquo. Vejamos:

(35) Depoys d'*el-rey Dom Afonso* ser vindo de Castella, e partido de Lixboa pera França (...) (LOGR, p. 165, l. 496-497)

EL-REY: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Partir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(36) (...) *o mestre de Santiago de Castella* com duas mil lanças era entrado e estava pousado na Ribeyra do Digebe (...) (LOGR, p. 166, l. 514-515)

MESTRE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Entrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

Em (35), *ser partido* no sentido de *partir*, como *ser vindo*, com verbo principal no gerúndio, no sentido de *vir*, e, em (36), *era entrado* no sentido de *entrou*.

Vemos, portanto, que, no passado da língua, era possível um sujeito Agente na voz passiva, em construções assim como (35) e (36), representantes dos tempos compostos dos verbos depoentes latinos. O sujeito Agente não era restrito, nessa época, à voz ativa ou reflexiva, mas também possível em orações com forma passiva nominal.

Pode ainda o Agente apresentar-se, no *corpus* do português arcaico, sob a função sintática de agente da passiva; sete exemplos apenas identificados: seis na voz passiva nominal e um na voz passiva pronominal. Vejamos os exemplos:

(37) (...) Muyto me prazeria que eu seia ferido *das bestas que me som aparelhadas* (...) (OE, p. 9, l. 35-36)

DAS BESTAS QUE ME SOM APARELHADAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Ferir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(38) (...) pera seer comesto *dellas* (...) (OE, p. 10, l. 1)

DELLAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Comer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(39) (...) menos mal seera fazer-se *per mi* (...) (LOGR, p. 131, l. 25)

PER MI: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

(40) (...) a ser julgado *de muytos* (...) (LOGR, p. 133, l. 74)

DE MUYTOS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Agente da passiva
Julgar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(41) (...) trazia secretamente hum liuro escripto *por sua mão* (...) (LOGR, p. 141, l. 146)

POR SUA MÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(42) E as festas eram *delle* com grande veneraçam celebradas (...) (LOGR, p. 145, l. 270-271)

DELLE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Celebrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(43) Livro da vida (...) e muito poderoso principe el-rey Dom João ho segundo deste nome (...) Ordenado e escripto no anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e trinta e tres *per Garcia de Resende* (...) (LOGR, p. 147, l. 2-9)

PER GARCIA DE RESENDE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

O exemplo (39), encontrado no LOGR, do século XVI, é o único caso de agente da passiva na voz passiva pronominal no *corpus* do português arcaico.

Em (41), há um caso de metonímia, a parte pelo todo, *por sua mão*; a mão de Dom João, el-rey.

Em (37), (38), (40) e (42), o sintagma preposicionado agente da passiva é introduzido pela preposição *de*, o que era comum nessa época da história da língua. No português contemporâneo, por outro lado, pouco usamos agente da passiva com essa preposição, mas, na grande maioria das vezes, com a preposição *por*. A não-lexicalização do agente da passiva, todavia, tanto no português arcaico como no português contemporâneo, é uma das estratégias mais freqüentes de indeterminação do sujeito lógico da oração.

Ainda configura-se sintaticamente o Agente no *corpus* como objeto oblíquo (agentivo) ou objeto oblíquo (comitativo):

(44) (...) queryã desputar sobre esto *cõ hũũ sancto bispo, que auia nome Alexandre*. (OE, p. 6, l. 6-7)

CÕ HŨŨ SANCTO BISPO, QUE...: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Desputar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(45) (...) conuersar *com os homẽẽs* (...) (OE, p. 6, l. 26)

COM OS HOMẼẼS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Conuersar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(46) (...) os grandes filosaphos da cidade desputauã *con el* sobre a fe de Jhesu Christo. (OE, p. 6, l. 41-42-p. 7, l. 1)

COM EL: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Desputar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(47) (...) muytas e grandes pessoas recebiam *delle* em cada hum anno muytas e grandes merces secretamente (...) (LOGR, p. 141, l. 136-138)

DELLE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (agentivo)
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(48) (...) muytas e grandes pessoas (...) *dos quaes* elle recebia muytos e grandes avisos muy necesarios (...) (LOGR, p. 141, l. 136-139)

DOS QUAES (HOMENS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (agentivo)
Receber: Verbo transitivo de processo

Voz verbal: Ativa

Como observamos no Capítulo 3, somente como objeto oblíquo (agentivo) o Agente pode figurar em eventos de processo, e, pelo que parece, sempre com o verbo *receber*, como em (47) e (48), *delle* e *dos quaes (homens)*. Noutra perspectiva do evento, numa perspectiva agentiva, esses Agentes afetados passariam a sujeito da oração:

(49) *Elle* dava em cada hum anno muytas e grandes merces secretamente a muytas e grandes pessoas.

ELLE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(50) *Os homens* davam muytos e grandes avisos muy necesarios a elle.

HOMENS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Também encontramos no *corpus* do português arcaico, no LOGR, do século XVI, exemplos de Agente como adjunto adverbial (comitativo):

(51) (...) folgava de montear e de caçar *com galgos e com açores* (...) (LOGR, p. 142, l. 182)

COM GALGOS E COM AÇORES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)

Caçar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(52) E hia *com elle* ho muy catholico e virtuosissimo infante Dom Anrrique tio d' el-rey, e ha muito excelente infanta Dona Catherina yrmãã d' el-rey, e a muito illustre senhora Dona Felipa yrmã da raynha, e marquesa de Vila Viçosa, e outros muitos senhores e senhoras, e muita e muy nobre fidalguia. (LOGR, p. 150, l. 57-62)

COM ELLE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Hir: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

4.1.1.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Agente prototípico e o Agente afetado

4.1.1.1.1 <u>Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Agente prototípico</u>

Os verbos que ocorrem no *corpus* do português arcaico com o Agente prototípico são os seguintes, na ordem em que aparecem no Apêndice A da Tese, todos verbos de ação/atividade:

Dizer
Demandar
Responder
Chamar
Vir
Preguntar ~ perguntar

Dar

Falar

Hir

Trazer

Despachar

Mandar

Tirar

Ordenar

4.1.1.1.2 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Agente afetado

Escreuer ~ screuer

Rogar

Fazer

Ler

Thesaurizar

Buscar

Mesturar

Puger ~ pôr

Mandar

Cantar

Emviar

Escarnecer

Dizer

Vir

Trager

Levar

Pedir

Recontar

Prometer

Braadar

Responder

Falar

Ir-se

Conuidar ~ cõuidar

Ir ~ hir

Amostrar

Dar

Começar

Chamar

Reprehender

Desputar

Atreuer-se

Criar

Livrar

Conuersar

Emduzir

Jurar

Subir

Andar

Abrir

Nomear

Oferecer-se

Preguar

Ferir

Matar

Comer

Rogir

Talhar

Afogar

Tirar

Partir

Louvar

Julgar
Ajudar
Tocar
Defender
Relevar
Ensinar
Favorecer
Escozer
Douctrinar
Casar
Acrecentar
Receber
Servir
Prover
Cortar
Montear
Caçar
Lançar
Lutar
Gabar
Trabalhar
Vestir-se
Cavalgar
Alimpar
Correr
Beber
Recolher-se
Rezar
Celebrar
Edificar
Ordenar
Parir
Levar

Sayr
Bautizar

Os verbos que ocorrem com o Agente afetado são verbos de ação/atividade e também o verbo de processo *receber*; o Agente, neste caso, com o verbo *receber*, na função sintática de objeto oblíquo (agentivo).

4.1.2 **O Paciente**

O Paciente prototípico – que definimos como um inanimado que sofre mudança de estado físico, ou afetamento de natureza física, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também mudança de estado físico – perfaz, no *corpus* do português arcaico, um total de 33 ocorrências, enquanto o Paciente não-prototípico – que definimos como um animado que sofre mudança de estado psicológico ou afetamento de natureza psicológica, podendo sofrer também mudança de estado físico ou afetamento de natureza física, ou que resulta de uma ação/atividade ou de um processo, sofrendo também afetamento – perfaz um total de 208 ocorrências. Contudo, são 241 dados de Paciente depreendidos da amostra, valor que se aproxima do total de dados de Agente dela depreendidos, que é de 268.

Começaremos descrevendo dados, coletados no *corpus*, de Paciente prototípico, que apresenta somente a propriedade afetado, que é a propriedade semântica essencial do papel temático Paciente, como discutimos no Capítulo 3:

(53) (...) Posto que me talhes *a lingua* (...) (OE, p.10, l. 16-17)

LINGUA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Talhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(54) E, depois da sua morte (...) tiraron-lhe *o coraçom* (...) (OE, p. 10, l. 23)

CORAÇOM: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Tirar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(55) (...) partirõ-lh*o* per meo (...) (OE, p. 10, l. 23-24)

O: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Partir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(56) (...) cortava com hũa espada *tres e quatro tochas juntas* (...) (LOGR, p. 142, l. 180-181)

TOCHAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(57) (...) lhe alimpavam com grande diligencia *as ruas* (...) (LOGR, p. 143, l. 209-210)

RUAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Alimpar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

O Paciente nas orações a seguir é também Paciente prototípico, mas que resulta de uma ação/atividade ou de um processo:

(58) Eu, muy pecador e nõ digno de todo bẽ, escreuy *este liuro* (...) (OE, p. 1, l. 9-10)

LIURO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Escreuer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(59) (...) pera a terra fazer *seu fruyto*. (OE, p. 3, l. 15)

FRUYTO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Fazer: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(60) (...) lhes fazia lançar *lagrimas doces* (...) (OE, p. 8, l. 14-15)

LAGRIMAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Lançar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(61) (...) quero fazer *um breve sumario de sua vida* (...) (LOGR, p. 132, l. 61-p. 133, l. 62)

SUMARIO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(62) (...) edeficou *a cidade de São Jorge* na Mina (...) (LOGR, p. 145, l. 285)

CIDADE: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto direto
Edificar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Tratando agora o Paciente não-prototípico, que é mais freqüente no *corpus*, chegando a 208 o número de ocorrências, os dados depreendidos corroboram nossa intuição, que formalizamos no Capítulo 3: a de que o Paciente animado apresenta categoricamente a propriedade experienciador, daí podermos também afirmar que o Paciente animado é um Paciente não-prototípico. Repetimos, abaixo, para relembrá-las ao leitor, as formalizações (V) e (VI) que apresentamos no Capítulo 3:

(V) Paciente animado → [afetado, experienciador]

Ou seja:

(VI) Paciente animado = Paciente não-prototípico

Vamos a exemplos do que denominamos, na nossa proposta no Capítulo 3, de Paciente experienciador, que totalizam 192 ocorrências no *corpus*:

(63) (...) hũũ escolastico leterado, que auia nome Theofilo, escarnecendo *della* (...) (OE, p. 3, l. 27-28)

DELLA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Escarnecer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(64) (...) Ex aquello que pidiste *a Dorothea* (...) (OE, p. 3, l. 36)

A DOROTHEA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Pedir: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(65) (...) perdeo todo o odio que ante auia (...) (OE, p. 9, l. 32)

(HOMẼ): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Perder: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(66) (...) dous leõões *o* afogarom tan solamente (...) (OE, p. 10, l. 19-20)

O: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Afogar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(67) (...) quanto *vossa alteza* com isso avia de folgar pois lhe parece tam bem (...) (LOGR, p. 133, l. 71-72)

VOSSA ALTEZA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Folgar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(68) (...) dahi por diante engordou algũa cousa. (LOGR, p. 137, l. 18-19)

(DOM JOÃO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Engordar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(69) (...) tam grandemente ensinava *os homens* (...) (LOGR, p. 138, l. 59-60)

HOMENS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Ensinar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(70) (...) muito bons librees e alãos que sempre mandava lançar *a touros* (...) (LOGR, p. 142, l. 185-186)

A TOUROS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Lançar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(71) E atee hidade de trinta e seis annos em que adoeceo (...) (LOGR, p. 143, l. 225-226)

(EL-REY): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Adoecer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(72) (...) *el-rey e a rainha* receberão grandissimo contentamento (...) (LOGR, p. 150, l. 43-44)

EL-REY E RAINHA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

O Paciente animado, que apresenta sempre a propriedade experienciador, pode, para além de sofrer afetamento de natureza psicológica, sofrer afetamento de natureza física, como em (66), (68), (70) e (71). Em (63), (64), (65), (67), (69) e (72), o Paciente

sofre apenas afetamento de natureza psicológica, sendo um Paciente ainda menos prototípico, na nossa interpretação, e é o mais comum no *corpus* analisado.

O Paciente experienciador, da mesma forma que o paciente prototípico, mas com baixa freqüência, pode resultar de uma ação/atividade ou de um processo, como está ilustrado abaixo:

(73) (...) lugares hu *Jhesu Christo* naceu, morreu, resurgiu (...) (OE, p. 7, l. 32-33)

JHESU CHRISTO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Nacer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(74) "(...) agora concebereis *dhum filho que estimareys mais que todallas esmeraldas do mundo* (...)" (LOGR, p. 149, l. 36-37)

DHUM FILHO QUE...: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Conceber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(75) (...) naquela hora emprenhou do principe Dom Joam seu filho, *o qual* pario na muyto nobre e sempre leal cidade de Lixboa (...) (LOGR, p. 149, l. 38-40)

(PRINCIPE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Parir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

O Paciente experienciador é um dos dois tipos de Paciente não-prototípico, o tipo de Paciente mais comum no *corpus*, com 192 ocorrências. O outro tipo de Paciente não-prototípico, segundo nossa proposta, é o Paciente agentivo, o menos prototípico de todos, que se caracteriza pela associação das propriedades desencadeador, controle, intenção e

causa – que são as propriedades prototípicas do Agente – às propriedades categóricas do Paciente animado, que são afetado e experienciador. O Paciente agentivo tem baixa representatividade no *corpus* do português arcaico: 16 ocorrências. Vejamos, a seguir, alguns exemplos:

(76) (...) pidiste a Dorothea que *te* emviasse do parayso do seu esposo. (OE, p. 3, l. 36-37)

TE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto indireto
Emviar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(77) E entõ *Theofilo* tomou as pomas e as rosas (...) (OE, p. 4, l. 7)

THEOFILO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Tomar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(78) (...) *lhe* mandou dar os dozentos mil reais (...) (LOGR, p. 139, l. 70)

LHE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto indireto
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(79) (...) e eu *lhe* vi em Evora antes das festas hir receber a casa de seu sogro hum Ruy da Costa porteiro da camara (...) (LOGR, p. 140, l. 110-112)

LHE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(80) O qual doo dava sempre d'esmola *a algum cavaleiro prove* (...) (LOGR, p. 144, l. 265-266)

A ALGUM CAVALEIRO PROVE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto indireto
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (77) e (79), o Paciente agentivo é o sujeito em eventos de processo. Em (76), (78) e (80), o Paciente agentivo é um objeto indireto, em eventos de ação/atividade.

Tendo tratado a caracterização em propriedades semânticas do Paciente no *corpus* do português arcaico, seguimos focando a abordagem em suas configurações sintáticas.

O Paciente nas amostras do OE e do LOGR analisadas configura-se sintaticamente como sujeito, objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo), como já demos exemplos aqui, e ainda como agente da passiva e adjunto adverbial (comitativo), como veremos mais ao final desta seção.

O Paciente é 99 vezes o sujeito oracional no *corpus* do português arcaico – é a função sintática mais comum do Paciente no *corpus*, como também a função sintática mais comun do Agente, mas o sujeito Agente é bem mais freqüente, como já era esperado –, na maioria das vezes em orações na voz ativa e com verbo de processo, como já demos alguns exemplos aqui. Há apenas duas ocorrências em que o sujeito Paciente ocorre com verbo de estado, na voz ativa, que são as seguintes:

(81) Qual foy aquel *que* esteue em periigos e ẽ temores e chamou o nome de Jhesu (...) (OE, p. 9, l. 1-2)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(82) (...) tardava tanto que era muyto trabalho aos *que* ho aguardavam (...) (OE, p. 144, l. 252-253)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Aguardar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

Não encontramos Paciente ocorrendo com verbo de estado e com outra função sintática que não a de sujeito.

Na voz ativa e com verbo de ação/atividade, em exemplos como aqueles que citamos no Capítulo 3, e repetimos abaixo para fazer recordar-se o leitor, o Paciente não aparece no *corpus*:

(83) *Jogador* operou joelho.

JOGADOR: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Operar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(84) *Maria* cortou o cabelo num bom salão.

MARIA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Orações como (84) não aparecem no *corpus*, mas são muito naturais no PE.

Na voz passiva, há 36 ocorrências de sujeito Paciente: 26 ocorrências na voz passiva nominal e 10 na voz passiva pronominal. Comecemos apresentando exemplos de sujeito Paciente na voz passiva nominal:

(85) (...) todalas chagas da alma e do corpo, de que somos chagados pello peccado dos primeyros padres. (OE, p. 5, l. 32-33)

(NOS): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Chagar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

(86) (...) assy foi uẽẽcido. (OE, p. 6, l. 15)

(FILOSAPHO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Vencer: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

(87) (...) Certamẽte cõ grande prazer foy partido per meo *o seu coraçõ*. (OE, p. 8, l. 7-8)

CORAÇÕ: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Partir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(88) Quando *Sam Paulo* foy degolado, saltou logo a cabeça fora do corpo (...) (OE, p. 8, l. 16-17)

SAM PAULO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito

Degolar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(89) (...) Muyto me prazeria que *eu* seia ferido das bestas que me som aparelhadas (...) (OE, p. 9, l. 35-36)

EU: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ferir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(90) (...) do tempo de seu nacimento tee ser alçado por Rey (...) (LOGR, p. 132, l. 48)

(DOM JOÃO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Alçar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(91) Livro da vida (...) e muito poderoso principe el-rey Dom João ho segundo deste nome (...) Ordenado e escripto no anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quinhentos e trinta e tres *per Garcia de Resende* (...) (LOGR, p. 147, l. 2-9)

(LIVRO): Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(92) Foy grandemente criado com muyto grande cuydado (...) (LOGR, p. 151, l. 81)

(PRINCIPE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Criar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva nominal

Os exemplos seguintes são na voz passiva pronominal:

(93) (...) ca em este liuro achara o rrude co que se ensine (...) (OE, p. 2, l. 36-37)

(ELLE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ensinar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva pronominal

(94) (...) o fraco con que se conforte (...) (OE, p. 2, l. 38)

(ELLE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Confortar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva pronominal

(95) (...) menos mal seraa fazer-se per mi (...) (LOGR, p. 131, l. 25)

(LIVRO): Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

(96) (...) pois he rezão que se faça (...) (LOGR, p. 131, l. 25-26)

(LIVRO): Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

(97) (...) se faziam *cadernos* de muitas pessoas (...) (LOGR, p. 140, l. 128)

CADERNOS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

(98) (...) na mayor força das festas do casamento do principe seu filho se faziam com mais diligencia *as torres e cava de Olivença e outras fortalezas do estremo*. (LOGR, p. 142, l. 169-171)

TORRES, CAVA E FORTALEZAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

(99) (...) moços bem ensinados pera se criarem com elle (...) (LOGR, p. 151, l. 86)

(ELLES): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Criar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

Não encontramos, na pesquisa, casos de passiva pronominal com sujeito Paciente nos quais não haja concordância entre o verbo e o substantivo. O leitor repare que, em (97), (98) e em (99), em que temos o substantivo no plural, o verbo está flexionado na terceira pessoa do plural, concordando com seu sujeito, como também nesses outros exemplos de passiva pronominal sem sujeito Paciente encontrados na amostra do LOGR:

(100) (...) a cantidade que lhe parecia que cada hum devia d'aver que *se chamavam as contias* (...) (LOGR, p. 141, l. 129-131)

(101) (...) e assi trazia os melhores lutadores *que se podiam achar* (...) (LOGR, p. 142, l. 186-187)

(102) E pera *se hos oficios divinos fazerem* em grande perfeiçam e com muyto acatamento (...) (LOGR, p. 144, l. 259-260)

(103) (...) *fezeram-se muytas festas e alegrias*. (LOGR, p. 150, 44-45)

(104) (...) *fizeram-se muitas festas*. (LOGR, p. 151, l. 78)

Encontramos, entretando, na amostra do LOGR, do século XVI, um exemplo de passiva pronominal sem sujeito Paciente em que o verbo não concorda com seu sujeito composto:

(105) E em hũa boeta de que elle tinha a chave *se achou* depois de sua morte *hum confissionayro, e hũas deceprinas, e hum aspero celicio* (...) (LOGR, p. 144, l. 255-257)

Esse é um exemplo de reanálise do *se* apassivador como *se* indeterminador, reanálise que vai surgindo na língua, no século XVI, como vimos em Naro (1968), e nela se espraia até dela desaparecer a passiva pronominal, que dá lugar a uma construção ativa de sujeito indeterminado.

Os outros exemplos de passiva pronominal encontrados na pesquisa trazem o sujeito, Paciente ou não, no singular e o verbo na terceira pessoa do singular.

Aproveitamos para apresentar aqui os seguintes exemplos de voz passiva nominal sem sujeito Paciente, os quais encontramos na amostra do OE:

(106) Bem asy, se birmos que as graças do Senhor Jhesu Christo som ẽbargadas pellos nossos desmericimẽtos (...) (OE, p. 3, l. 16-17)

(107) E porem o seu nome glorioso deue seer chamado ẽ começo de toda boa obra (OE, p. 5, l. 12-13)

(108) (...) Ca elle luze quando he preegado (...) (OE, p. 5, l. 27)

Não encontramos, na amostra selecionada do OE e do LOGR, exemplo de sujeito Paciente em construção de *ser* mais particípio passado de verbo intransitivo ou transitivo

oblíquo; todavia, pesquisando mais algumas linhas das referidas obras, encontramos, no OE, dois exemplos desta construção que trazem sujeito Paciente, que são:

(109) E *os caualeyros* forom logo tornados aa vida (...) (OE, p. 38, l. 33-34)

CAVALEYROS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Tornar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

(110) Depois que *Ysidoro* foy creçudo, tomou cuydado delle Sam Leandro (...) (OE, p. 49, l. 30-31)

YSIDORO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Crecer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

Além de apresentar-se na voz ativa e na voz passiva, o sujeito Paciente aparece também na voz média (dinâmica):

(111) (...) achara cõ que se deleyte (...) (OE, p. 3, l. 1)

(ELLE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Deleytar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(112) (...) marauilhando-sse muyto como se via assy mudado (...) (OE, p. 6, l. 34-35)

(FILOSAPHO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito

Marauilhar-sse: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(113) (...) depoys de sua morte se enfadaram de ho ser (...) (LOGR, p. 140, l. 100)

(YPOCHRITAS): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Enfadar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(114) Estranhava muyto a moços trazerem espadas (...) dezia que nam serviam de mays que de se fazerem fracos (...) (LOGR, p. 140, l. 105)

(ELLES): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Fazer-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(115) (...) de que *muytos* se espantavam (...) (LOGR, p. 141, l. 156)

(HOMENS): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Espantar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

Há ainda, no *corpus* do português arcaico, sujeito Paciente na voz adjetival (lembrando ao leitor que adotamos a classificação de Camacho (2002) em voz adjetival para construções com verbo copulativo), como ilustramos a seguir:

(116) (...) logo *o filosapho* ficou mudo, com a boca çarrada. (OE, p. 6, l. 14)

FILOSAPHO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito

Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(117) E tanto que esto ouuio o fillosapho, ficou espantado (...) (OE, p. 6, l. 31-32)

(ELLE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(118) (...) quero seer muudo cõ os dentes das bestas brauas (...) (OE, p. 10, l. 8-9)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Seer: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(119) (...) ficavam pera sempre com receo e covardos. (LOGR, p. 140, l. 106-107)

(MOÇOS): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(120) (...) *os homens* ficavam com grande contentamento (...) (LOGR, p. 143, l. 212-213)

HOMENS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(121) (...) era logo tam arrependido (...) (LOGR, p. 144, l. 237)

(EL-REY): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ser: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

O sujeito Paciente na voz adjetival ocorre mais freqüentemente com o verbo *ficar*, mas também ocorre com o verbo *ser* de mudança de estado, que já não usamos hoje, mas que era empregado no passado da língua.

Os vários exemplos, no *corpus* do português arcaico, de sujeito Paciente em outras vozes verbais que não a passiva – na voz ativa, em primeiro lugar, mas também na voz reflexiva e na voz adjetival – contrariam a GT, que defende que o lugar do sujeito Paciente é na voz passiva. Podemos ver, nos exemplos que aqui apresentamos do período arcaico da língua portuguesa, que o sujeito Paciente passeia, por assim dizer, numa diversidade de vozes verbais, não sendo exclusivo, portanto, da voz passiva, o que põe em perspectiva a autonomia entre a sintaxe e a semântica.

Além de apresentar-se na voz ativa, na voz passiva, na voz média (dinâmica) e na voz adjetival, o sujeito Paciente apresenta-se ainda no *corpus* do português arcaico, em construções ergativas, em que se dá o alçamento do objeto direto da construção causativa para a posição de sujeito, mantidas, entretanto, as mesmas relações temáticas, com alteração apenas de funções sintáticas. Encontramos duas construções ergativas com sujeito Paciente no *corpus* do português arcaico, que são as seguintes, a primeira identificada na amostra do OE e a segunda, na amostra do LOGR:

(122) (...) em algũũs tenpos *esta fonte* çara-se (...) (OE, p. 3, l. 11-12)

FONTE: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Çarar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)
Construção ergativa

(123) Ha rainha tinha em hum anel hũa esmeralda de muito preço que muito estimava, *a qual* per esquecimento nam tirou do dedo e se lhe quebrou em pedaços. (LOGR, p. 149, l. 30-33)

(ESMERALDA): Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Quebrar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)
Construção ergativa

As duas construções ergativas são com marca morfológica, na voz média (dinâmica), sob a forma de pseudo-reflexivos. A causa externa dos eventos em (122) e (123) não é depreensível do contexto.

Os exemplos a seguir são de construções ergativas, mas sem sujeito Paciente:

(124) E a sancta uirgem foy degolada e *acabou seu marteyro*. (OE, p. 3, l. 37-p. 4, l. 1)

(125) (...) e o sancto lhe disse ante que *começasse a desputaçom* (...) (OE, p. 6, l. 11-12)

As versões causativas de (124) e (125) são (126) e (127), respectivamente:

(126) E a sancta uirgem foy degolada e *os homens acabaram seu marteyro*.

(127) (...) e o sancto lhe disse que ante que *elle e o filosapho começassem a desputaçom* (...)

Já tendo apresentado aqui exemplos de Paciente como sujeito, objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo), passaremos agora a apresentar os dois exemplos de Paciente sob a configuração sintática de agente da passiva e os dois exemplos de Paciente sob a configuração sintática de adjunto adverbial (comitativo):

(128) (...) deuota oraçõ que cante ante el e seia recibuda *por nos* (...) (OE, p. 3, l. 18-19)

POR NOS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

(129) E depoys de sua morte foy *de todos em geeral* muy chorado (...) (LOGR, p. 139, l. 85-86)

DE TODOS EM GEERAL: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Chorar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

Os dois seguintes são os exemplos de adjunto adverbial comitativo Paciente encontrados no *corpus* do português arcaico:

(130) E degolarõ-no *con os outros* (...) (LOGR, p. 4, l. 34)

CON OS OUTROS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Degolar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(131) (...) moços bem ensinados pera se criarem *com elle* (...) (LOGR, p. 151, l. 86)

COM ELLE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Criar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva pronominal

E, para terminar os exemplos de Paciente, transcrevemos, na seqüência, um exemplo de Paciente em contexto metafórico que encontramos no LOGR e que julgamos interessante para apontar:

(132) (...) ganhava com isso os corações de seus povos. (LOGR, p. 143, l. 213)

(EL-REY): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ganhar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

Os dados obtidos do *corpus* do português arcaico, constituído de textos do século XIV, o OE, e do século XVI, o LOGR, foram apresentados aqui conjuntamente, como viu o leitor, por não termos encontrado diferenças relevantes entre os resultados obtidos do século XIV, de um lado, e do século XVI, de outro, que justificassem apresentá-los separadamente. Apresentamo-los separadamente, entretanto, no Apêndice A, para que o leitor os possa consultar em separado. Dessa forma, no que diz respeito à comparação que pretendemos entre as configurações sintáticas do Agente e do Paciente no século XIV – um século, na história da língua, que se inclui indubitavelmente no português arcaico – e as configurações sintáticas do Agente e do Paciente no século XVI – quando já vai chegando ao fim o período arcaico da língua portuguesa, comprovadas, a essa altura, uma série de mudanças lingüísticas (cf. MATTOS E SILVA, 1994) –, concluímos, com base nas amostras que analisamos, que não houve mudança.

4.1.2.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Paciente prototípico, o Paciente experienciador e o Paciente agentivo

4.1.2.1.1 <u>Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Paciente prototípico</u>

Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Paciente prototípico, na ordem em que aparecem no Apêndice A, são os que seguem, ora verbos de ação/atividade, ora verbos de processo:

Escreuer
Fazer
Çarar-se
Criar
Partir
Abrir
Lançar
Beuer
Talhar
Tirar
Passar
Pôr
Acrecentar
Cortar
Alimpar
Edificar
Quebrar-se
Emprenhar

4.1.2.1.2 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Paciente experienciador

Rogar
Fazer
Cessar
Demandar
Tirar

Reduzir

Lançar

Morrer

Perecer

Trabalhar-se

Ensinar

Acender

Confortar

Recriar

Manter

Deleytar-se

Demover-se

Alegrar-se

Levantar

Mandar

Emviar

Receber

Levar

Degolar

Escarnecer

Dizer

Responder

Pedir

Prometer

Ensandecer

Falar

Conuidar ~ Cõuidar

Chamar

Amostrar

Aprender

Dar

Abrandar

Huntar

Chagar

Uencer ~ vencer

Reprehender

Ficar

Livrar

Nacer

Morrer

Emduzir

Marauilhar-se

Escreuer ~ screuer

Resurgir

Estar

Oferecer-se

Leyxar

Ẽfermar

Perdoar

Amãsar

Errar

Perder

Ferir

Matar

Comer

Deitar

Seer ~ ser

Afogar

Contentar-se

Alçar

Folgar ~ folguar

Julgar

Ajudar

Temer

Engordar

Amar

Querer
Chorar
Enfadar-se
Favorecer
Escozer
Criar
Douctrinar
Servir
Espantar-se
Servir-se
Gabar
Estimar
Perguntar
Ganhar
Adoecer
Aguardar
Falecer
Conceber
Emprenhar
Parir
Nacer
Bautizar
Ensinar

Os verbos que ocorrem com o Paciente experienciador são verbos de ação/atividade, verbos de processo e verbos de estado.

4.1.2.1.3 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Paciente agentivo

O Paciente agentivo, o menos comum no *corpus*, ocorre com um grupo específico de verbos: verbos de ação/atividade do tipo *dar*, por exemplo, e verbos de processo do tipo *receber*, por exemplo:

Emviar
Levar
Tomar
Dar
Receber
Despachar

4.1.3 **Resumindo**

Depreendemos 509 dados do *corpus* do português arcaico, sendo 268 dados de Agente e 241 dados de Paciente.

É mais recorrente no *corpus* o Agente afetado, com 236 ocorrências, do que o Agente prototípico, não-afetado, com 32 ocorrências. Todos Agentes intencionais.

O efeito da ação/atividade realizada pelo Agente é, na maior parte das vezes, um efeito de afetamento, ora apenas sobre o próprio Agente, ora sobre o próprio Agente e um Paciente; neste caso, quando o Agente ocorre com um Paciente, isso se dá, na grande maioria das vezes, em orações transitivas não-prototípicas, pois os complementos verbais são mais freqüentemente Pacientes animados, não-prototípicos, do que Pacientes inanimados, prototípicos.

Ocorre o Agente nas amostras selecionadas do OE e do LOGR, com verbos de ação/atividade e com verbos de processo, que listamos acima, e configura-se sintaticamente como:

a) Sujeito na voz ativa, na voz reflexiva e na voz média (dinâmica).
b) Objeto oblíquo (agentivo) e objeto oblíquo (comitativo).
c) Agente da passiva.

d) Adjunto adverbial (comitativo).

Por acaso, não há ocorrência de Agente na voz reflexiva (recíproca).

O Agente assume, no *corpus* do português arcaico, a função sintática de sujeito, sobretudo.

Encontramos, pesquisando linhas de texto para além da amostra selecionada inicialmente, sujeito Agente na voz passiva, naquelas construções que representam os tempos compostos dos verbos depoentes latinos.

O Agente afetado é, no *corpus*, bem mais comum como sujeito na voz ativa do que na voz reflexiva, o que mostra que a reflexividade não é exclusiva desta voz verbal, como o faz parecer a GT.

Identificamos apenas sete ocorrências de Agente como agente da passiva. A grande parte das orações passivas no *corpus* não traz lexicalizado o sujeito lógico. Na história da língua, a não-lexicalização do agente da passiva sempre foi uma estratégia freqüente de indeterminação do sujeito lógico.

No que concerne ao Paciente, o Paciente não-prototípico, entre eles o Paciente experienciador, é o mais recorrente nas amostras do OE e do LOGR, o Paciente prototípico vindo em segundo lugar em número de ocorrências. O Paciente agentivo, o menos prototípico de todos, é o menos freqüente.

Confirmam os resultados da pesquisa nossa intuição, formalizada no Capítulo 3, de que o Paciente animado sofre sempre mudança de estado psicológico, apresentando, categoricamente, portanto, as propriedades afetado e experienciador; ou seja, o Paciente animado é um Paciente não-prototípico.

O Paciente ocorre, no *corpus*, com verbos de ação/atividade, com verbos de processo e, algumas poucas vezes, com verbos de estado.

O Paciente configura-se sintaticamente, no *corpus* do português arcaico, como:

a) Sujeito na voz ativa, na voz passiva, na voz média (dinâmica), na voz adjetival e em construção ergativa.
b) Objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo).
c) Agente da passiva.
d) Adjunto adverbial (comitativo).

O Paciente configura-se sobretudo como sujeito no *corpus* do português arcaico, assim como o Agente, mas o Agente tem maior representatividade como sujeito do que o Paciente, seguindo a tendência de o Agente ocupar a posição de sujeito na oração.

Na voz passiva, encontramos 36 casos de sujeito Paciente: 26 na voz passiva nominal e 10 na voz passiva pronominal.

Na voz passiva pronominal, verificamos apenas um caso de não-concordância entre o verbo e o substantivo no plural, no LOGR, do século XVI.

Encontramos exemplos de sujeito Paciente em construções de *ser* mais particípio passado de verbo intransitivo, mas não na amostra selecionada para a pesquisa. Fomos verficar se os encontrávamos no OE e no LOGR, pesquisando mais algumas linhas de texto, já que não os encontramos nas linhas selecionadas, mas sabemos que esses exemplos neste tipo de construção são próprios do português arcaico.

Os resultados que obtivemos na pesquisa mostram, como vimos, que o sujeito Paciente apresenta-se na voz ativa, na voz passiva, na voz média (dinâmica) e na voz adjetival, corroborando a autonomia entre a sintaxe e a semântica.

4.2 NO PORTUGUÊS EUROPEU CONTEMPORÂNEO

4.2.1 **Na modalidade oral**

Depois de apresentarmos e analisarmos os dados de Agente e de Paciente depreendidos do português arcaico, seguimos com nosso estudo diacrônico, com a apresentação e a análise dos dados depreendidos do PE contemporâneo, começando pelo *corpus* oral.

Como dissemos no Capítulo 1, a amostra representativa de PE contemporâneo oral é composta de oito inquéritos do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo – CRPC/C-ORAL-ROM (Information Society Technologies Programme - IST-2000-26228). É a maior amostra entre as amostras analisadas nesta Tese, porque quisemos

incluir, para fins de comparação, inquéritos com participantes com diferentes níveis de instrução: com habilitação em escola primária ou menos, com habilitação em ensino secundário e licenciados ou estudantes do ensino superior

4.2.1.1 O Agente

Depreendemos do *corpus* um total de 454 ocorrências de Agente, das quais 118 são ocorrências de Agente prototípico, e 336 são de Agente afetado, sendo mais comum, portanto, o Agente menos prototípico no *corpus* do que o mais prototípico.

Os exemplos a seguir, transcritos do *corpus*, são exemplos de Agente prototípico:

(133) *eu* vim a casa da da minha irmã para buscar um machado (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

EU: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Vir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(134) agora vão alugar outra vez o carro (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(VOCÊS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Alugar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(135) mas em todo caso *eu* pergunto (CRPC/C-ORAL-ROM ptelpv04)

EU: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito

Perguntar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(136) o que é que recomendava? (CRPC/C-ORAL-ROM ppubd105)

(VOCÊ): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Recomendar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(137) temos que a poupar (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(NÓS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Poupar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(138) pedi cheques (CRPC/C-ORAL-ROM ppubd105)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Pedir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em todos os exemplos listados acima, o sujeito desencadeia uma ação/atividade, com controle e intencionalidade, causando algum efeito, mas que não consiste em afetamento, não se configurando em um argumento verbal Paciente, nem recai sobre o próprio Agente, segundo a análise que fizemos: em (133), o efeito é o deslocamento do sujeito, em direção à casa de sua irmã; em (134), o efeito é o aluguel do carro de praça; em (135), o efeito é a resposta do interlocutor, sobre se pode ou não dar um dia de trabalho; em (136), consiste o efeito em o interlocutor ficar sabendo de alguns lugares interessantes a visitar em Lisboa; em (137), o efeito é o não-desperdício da água; e, em (138), o bancário providenciar os cheques é o efeito da ação/atividade de pedi-los.

São apenas duas as ocorrências, identificadas no *corpus*, de Agente prototípico causando um efeito que se configura em um argumento verbal Paciente:

(139) *eu* só usei *um* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

EU: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Usar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(CHEQUE): Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Usar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(140) *a senhora* disse-*me* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubd105)

SENHORA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Dizer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

ME: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Dizer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (140), trata-se o objeto indireto de um Paciente experienciador, que fica sabendo, por acaso, de uma senhora vendedora que o gerente fez uma coisa que ele não lhe pediu nem lhe autorizou fazer nas suas folhas de cheque, e, por isso, é tomado de surpresa.

As outras 62 ocorrências em que o efeito causado pela ação/atividade do Agente configura-se em um argumento verbal Paciente são ocorrências, como as que listamos abaixo, com o Agente afetado:

(141) só *as mulheres* é que iam lavar *a roupa* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

MULHERES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Lavar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

ROUPA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Lavar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(142) íamos cortar *o milho* de dia (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(A GENTE): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

MILHO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(143) acho que *ela* vai deixá-l*a* por doença da senhora (CRPC/C-ORAL-ROM ptelpv04)

ELA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Deixar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

A: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Deixar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(144) começam a gritar *connosco* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

(INDIVÍDUOS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Gritar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

CONNOSCO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Gritar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(145) eu já assisti a uma cena de porrada entre *sete seguranças* a bater num *num indivíduo* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

SEGURANÇAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Bater: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

NUM INDIVÍDUO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Bater: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(146) *todos* puseram *os filhos* a estudar (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

TODOS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Pôr: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

FILHOS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Pôr: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(147) conseguem interpelar-*nos* (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(CRIANÇAS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Interpelar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

NOS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Interpelar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(148) quando *as pessoas* escrevem *diários* (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

PESSOAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

DIÁRIOS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(149) as pessoas podem vir à manga brincar *com o toiro* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl 107)

(ELAS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Brincar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

COM O TOIRO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Brincar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (141) e (142), o Agente sofre desgaste físico, em lavar a roupa e cortar o milho, e conseqüente afetamento psicológico; em (145), o Agente sofre desgaste físico em bater num indivíduo, e afetamento psicológico, que tanto se dá em conseqüência do desgaste físico, como consiste na satisfação pela repreensão. Em (143), (144), (146), (147), (148) e (149), o Agente sofre apenas mudança de estado psicológico, um afetamento menos prototípico.

Entre os 64 casos em que ocorre o Agente com um Paciente no *corpus*, 36 casos, a maioria, como esperávamos – apesar de não ser uma maioria muito significativa –, são em construções transitivas prototípicas, como as transcritas em (139), (141), (142) e (148), e 27 casos são em construções transitivas não-prototípicas, como as transcritas em (143), (146) e (147), que trazem objeto direto animado, e em (144), (145) e (149), que trazem objeto oblíquo (passivo), também animado. Um caso é na voz passiva, a única ocorrência que apresenta agente da passiva, como veremos adiante.

Entre as 336 ocorrências de Agente afetado, a maior parte, 271, não ocorre com um argumento verbal Paciente, havendo afetamento apenas do próprio Agente, como apresentamos a seguir:

(150) tal dia vamos ah vamos à pândega (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(NÓS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(151) depois *a gente* terminámos o casamento (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

A GENTE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Terminar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(152) *a gente* cantava as cantigas (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

A GENTE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cantar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(153) uma das primeiras entrevistas que fiz importante foi ao Rui Veloso (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl23)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(154) são indivíduos *que* bebem um bocadinho mais (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Beber: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(155) *eles* reclamaram (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

ELES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Reclamar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(156) também estou a falar daquilo que eu gosto (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Falar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(157) quando fazemos ah o bem (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(NÓS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(158) só pode ir para a frente daquele touro *um toureiro* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

TOUREIRO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Os Agentes, mais e menos prototípicos, destacados nas orações transcritas até aqui são Agentes de atividades físicas, sempre mais prototípicos, na nossa interpretação, do que os Agentes de atividades mentais, que são sempre Agentes afetados. Vejamos, na seqüência, alguns dos 15 exemplos de Agentes de atividades mentais depreendidos do *corpus*:

(159) o tempo que passam nas freguesias rurais é para dormir ou ou estudar (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl23)

(ELES): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estudar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(160) *eu* olho para as ah tão giro tão bonito uma cidade tão linda (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl23)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(161) mas *o meu pai* lia as legendas (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

PAI: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ler: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(162) mas depois relia aquilo (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Reler: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Há apenas duas ocorrências, entre os 15 exemplos de Agentes de atividades mentais depreendidos do *corpus*, nas quais o afetamento, como efeito da ação/atividade, recai não só sobre o Agente, mas, ainda, configura-se em um argumento verbal Paciente:

(163) *eles* começam a olhar de lado *para mim* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

ELES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

PARA MIM: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(164) *eles* ficaram a olhar *para mim* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

ELES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

PARA MIM: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

A maior parte das ocorrências de Agente afetado, precisamente 316, se dá em orações na voz ativa e na função sintática de sujeito, como em todos os exemplos de Agente afetado acima transcritos. No *corpus*, são poucos os casos de Agente afetado como sujeito em orações na voz reflexiva; a reflexividade, portanto, extrapola, em freqüência muito significativa, a voz reflexiva no *corpu*s. Abaixo, transcrevemos alguns exemplos de Agente afetado na voz reflexiva:

(165) *elas* descalçaram-se ali em casa da ti Teresa (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

ELAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Descalçar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

(166) pessoas *que* se vestem de uma certa maneira (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Vestir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

(167) *todos* se licenciaram em história em medicina (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

TODOS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Licenciar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

(168) um toureiro com arte *que* se vai defender (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Defender-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

Por acaso, não encontramos na amostra do CRPC, como não encontramos na amostra do português arcaico, exemplos de Agente, mais prototípico ou menos prototípico, em orações na voz reflexiva (recíproca).

Os exemplos abaixo são de Agente afetado na voz média (dinâmica):

(169) casei-me com dezoito anos ou dezanove (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Casar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(170) quando nos entregamos a uma obra totalmente e de facto e no coração (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(NÓS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Entregar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

Há também casos de Agente prototípico na voz média (dinâmica):

(171) e para *a gente* se vir embora (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

A GENTE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Vir-se: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(172) *eu* estou a referir-me aos nossos grandes actores (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl04)

EU: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Referir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

Tanto esses exemplos de Agente prototípico e de Agente afetado em orações na voz reflexiva e voz média (dinâmica) como todos os outros exemplos de Agente, mais e menos prototípicos, encontrados na amostra do CRPC são Agentes intencionais, exceto um, que transcrevemos a seguir:

(173) se ele fizesse uma coisita de nada ia a andar (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(ELE): Agente → [desencadeador, controle, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Andar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

No contexto de onde a ocorrência foi depreendida, está claro que, se o namorado de uma moça fizesse uma coisita de nada, ele seria mandado ir embora, iria a andar, mesmo sem o querer, sem que seja essa sua intenção; um Agente não-intencional, portanto, e não-prototípico, porque, na nossa interpretação, o Agente prototípico é um Agente intencional. Mas não admitimos que intenção seja uma propriedade essencial do Agente; admitimos, por outro lado, que o Agente quase sempre tem intencionalidade, como o podem corroborar os dados depreendidos da amostra.

Como os exemplos transcritos até aqui já o indicam e o leitor deve ter observado, o Agente se configura sintaticamente como sujeito, na maior parte das vezes, no *corpus* de PE contemporâneo oral analisado, sobretudo na voz ativa, mas também, com menor freqüência, na voz reflexiva e na voz média (dinâmica).

Encontramos, no *corpus*, uma ocorrência de Agente na função de agente da passiva; entre as poucas ocorrências de oração na voz passiva no *corpus*, só uma traz o agente da passiva, dados que corroboram a afirmação de Pessoa (1989: 220) de que as orações passivas são pouco freqüentes na oralidade:

(174) *as pessoas* mesmo experientes (...) são influenciadas *pelos outros que não sabem, que não estão dentro do problema* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

PELOS OUTROS QUE...: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Influenciar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

Além de configurar-se sintaticamente como sujeito na amostra do CRPC, e, em um exemplo, como agente da passiva, o Agente ainda configura-se como objeto oblíquo (comitativo), como em (175) e (176), e objeto oblíquo (agentivo), como em (177), a seguir, e como adjunto adverbial (comitativo), como nos exemplos de (178) a (181), também a seguir:

(175) se falasse *com o rapaz* já já era doida (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

COM O RAPAZ: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Falar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(176) vem falar *com ela* à porta ou à janela (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

COM ELA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Falar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(177) estão a receber ordens *de alguém* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

DE ALGUÉM: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (agentivo)

Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(178) ia sempre os nossos pais *com a gente* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

COM A GENTE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Ir: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(179) eu fui para a Figueira *mais eles* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

MAIS ELES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Ir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(180) e elas a cantarem ao depois (...) às vezes *com o ti Joaquim Barbeiro* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

COM O TI JOAQUIM BARBEIRO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Cantar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(181) os rapazes já saem *com as raparigas*? (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

COM AS RAPARIGAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)

Sair: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

No exemplo (177), *de alguém* é um Agente afetado em evento de processo, um objeto oblíquo (agentivo), ocorrendo com o verbo *receber*. Num evento de ação/atividade, noutra perspectiva, esse SP passaria a SN e assumiria a função sintática de sujeito, com o mesmo papel temático Agente, como podemos ver abaixo:

(182) *Alguém* está a dar-lhes ordens.

ALGUÉM: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Antes de seguirmos listando os verbos com que ocorrem no *corpus* os dois tipos de Agente, destacamos aqui que não houve, a respeito do Agente, nem quanto à sua caracterização em propriedades semânticas, nem quanto às suas configurações sintáticas, diferenças relevantes entre os dados obtidos de participantes com habilitação em escola primária ou menos, de participantes com habilitação em ensino secundário e de participantes licenciados ou estudantes do ensino superior; em razão disso, não apresentamos, separadamente, mas, sim, em conjunto, os dados obtidos de participantes com diferentes níveis de instrução. No Apêndice B da Tese, estes dados são apresentados separadamente, para que o leitor os possa conferir.

4.2.1.1.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Agente prototípico e o Agente afetado

4.2.1.1.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Agente prototípico*

Os verbos que ocorrem na amostra do CRPC com o Agente prototípico, na ordem em que aparecem no Apêndice B, são esses, todos de ação/atividade:

Ir
Combinar
Levar
Botar
Trazer
Dizer
Vir
Buscar
Voltar
Alugar
Chamar
Vir-se
Estragar
Sentar-se
Dar
Dispensar
Falar
Sair
Ir-se
Ligar
Comunicar
Perguntar
Passar
Fornecer
Fazer
Referir-se
Recomendar

Facilitar

Tratar

Pedir

Poupar

Racionalizar

Colaborar

Evocar

Pagar

Depositar

Usar

Sugerir

Telefonar

4.2.1.1.1.2 Os verbos que ocorrem no *corpus* com o Agente afetado

Lavar

Ir

Comer

Dar

Bater

Emarinhar

Pôr

Falar

Vir

Namorar

Procurar

Conversar

Entrar

Fazer

Pedir

Dizer

Descalçar

Ir-se

Vir-se

Passar

Voltar

Pagar

Contar

Tirar

Almoçar

Andar

Terminar

Casar-se

Cortar

Ajuntar

Amanhar

Escamisar

Levar

Mondar

Cantar

Serrar

Abrir

Plantar

Lavrar

Desatar

Mudar

Deixar

Sentar-se

Estudar

Olhar

Entrevistar

Trabalhar

Escrever

Contactar

Reivindicar

Lutar

Exigir

Produzir

Defender-se

Mostrar

Jantar

Percorrer

Sair

Beber

Gritar

Treinar

Defender

Chamar

Provocar

Bater

Receber

Cumprir

Vestir-se

Licenciar-se

Tirar

Afixar

Reclamar

Acabar

Assinar

Ler

Desviar

Evocar

Mexer

Pegar

Interpelar

Consolar

Exaltar
Expulsar
Apoiar
Entregar-se
Reler
Subir
Apoiar-se
Andar
Enquadrar-se
Ferir
Matar
Colher
Pôr-se
Encostar-se
Influenciar
Parar
Investir
Explicar
Brincar
Organizar
Acudir
Deitar-se

Os verbos que ocorrem com o Agente afetado são verbos de ação/atividade, e, ainda, o verbo de processo *receber*.

4.2.1.2 O Paciente

No *corpus*, identificamos 65 ocorrências de Paciente prototípico e 123 ocorrências de Paciente não-prototípico, num total de 188 dados de Paciente depreendidos

do *corpus*, menos do que a metade do total de dados de Agente depreendidos, o que podemos justificar pelo fato de que, na amostra do CRPC, o Agente configura-se sintaticamente, na maior parte das vezes, como sujeito, e a ordem semântica natural é o Agente precedendo o Paciente; a perspectiva agentiva do evento é mais natural. Relembrando aqui a citação de Pontes (1986: 238) no Capítulo 2, "o sujeito típico é o agente".

Os exemplos a seguir, transcritos do *corpus*, são de Paciente prototípico:

(183) só as mulheres é que iam lavar *a roupa* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

ROUPA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Lavar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(184) íamos cortar *o milho* de dia (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

MILHO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(185) e *aquela água quente* ia com o cheiro da da borralha (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

ÁGUA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Ir: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(186) pensar que *um corpo* vai quilômetros e quilômetros (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

CORPO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Ir: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(187) todas umas junto das outras comendo comendo *o peixe* (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

PEIXE: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Comer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(188) havia uma grandes amoreiras *que* deitaram abaixo (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

QUE: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Deitar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

O Paciente destacado nas orações acima são inanimados que mudam de estado físico. Aqueles que destacamos nas orações a seguir são também Pacientes inanimados – portanto igualmente prototípicos –, mas que resultam de uma ação/atividade ou de um processo, menos comuns no *corpus*:

(189) ao depois ah e ele *o milho* crescia (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

MILHO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Crescer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(190) agora começam a surgir *escolas* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl04)

ESCOLAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Surgir: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(191) assinava *o nome dele* só (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

NOME: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Assinar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(192) para minha mãe fazer *os orçamentos* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

ORÇAMENTOS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(193) *a poesia* é um que escreve para meia dúzia (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(POESIA): Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Vamos agora à apresentação de dados de Paciente não-prototípico depreendidos do *corpus*.

O Paciente animado no *corpus* apresentou sempre, ao lado da propriedade essencial desse papel temático, que é a propriedade afetado, a propriedade experienciador, não-prototípica do Paciente.

Os exemplos abaixo são exemplos de Paciente experienciador, que perfazem, no *corpus*, um total de 108 ocorrências. Vejamos:

(194) quando *o meu pai* que deus tem morreu (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

PAI: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Morrer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(195) eu já vi *uma casada* chorar de arrependida (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(MULHER): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Chorar: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(196) está lá de volta e meia a matar saudades (CRPC/C-ORAL-ROM ptelpv04)

(MENINO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Matar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(197) e ia toda nervosa toda a tremer (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl23)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Tremer: Verbo intransitivo de processo

Voz verbal: Ativa

(198) eu já assisti a uma cena de porrada entre sete seguranças a bater num *num indivíduo* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

NUM INDIVÍDUO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Bater: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(199) a não ser aquilo que aprenderam nos seus cursos (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

(ELES): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Aprender: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(200) da pena humana de *quem* ah perde parte de si (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

QUEM: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Perder: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(201) quando ah apoiamos *os outros* (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

OUTROS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Apoiar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(202) vi matarem *um cavalo* ao pé de mim (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

CAVALO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Matar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

O Paciente em (194), (195), (197), (198) e (202) sofre, além de afetamento psicológico, afetamento de natureza física. Em (196), (199), (200) e (201), o Paciente sofre apenas afetamento de natureza psicológica, representando a maioria dos Pacientes experienciadores na amostra do CRPC.

No *corpus*, há apenas uma ocorrência de Paciente não-prototípico *que resulta de*, e, no exemplo de que estamos falamos, está descrito um processo:

(203) depois aparece *a vaquinha louca* (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

VAQUINHA: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Aparecer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

Encontramos, no *corpus*, 15 ocorrências de Paciente agentivo – entre os três tipos de Paciente, o menos freqüente no *corpus* –, das quais apresentamos algumas a seguir:

(204) eles vinham cá ao fim de oito dias namorar *a gente* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

A GENTE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto direto
Namorar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(205) o dinheiro que eu *vos* dou (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

VOS: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto indireto
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(206) os expoentes digamos *que* ganham os nóbeis (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Ganhar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(207) recebi os cheques (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

Os exemplos de Paciente agentivo no *corpus* acontecem, na maioria das vezes, em eventos de processo com verbos do tipo *ganhar* e *receber*, como em (206) e (207), e na função sintática de sujeito. Em (205), o Paciente agentivo é um objeto indireto, e, em (204), numa configuração sintática menos comum, é um objeto direto. O objeto direto em (205) pode realizar-se como objeto oblíquo (comitativo), recebendo o papel temático Agente afetado, o que pode acontecer tanto no PE como no PB:

(208) eles vinham cá ao fim de oito dias namorar *com a gente*.

Sendo possível, então, dizermos, numa estrutura de coordenação copulativa canônica:

(209) eles vinham cá ao fim de oito dias para eles e a gente namorarmos.

Os dados de Paciente, seja prototípico, seja não-prototípico – seja, no último caso, Paciente experienciador, seja Paciente agentivo –, transcritos do *corpus*, até agora apresentados nesta seção, configuram-se sintaticamente, ora como sujeito, ora como objeto direto, ora como objeto indireto, ora como objeto oblíquo (passivo).

Dos 188 casos de Paciente depreendidos do *corpus*, 86, quase metade do total, configura-se sintaticamente como sujeito, numa perspectiva de afetamento do evento. Os outros 102 casos de Paciente no *corpus* configuram-se, a grande maioria, como objeto direto, ou, na minoria, como objeto indireto ou objeto oblíquo (passivo), não havendo nenhuma ocorrência de Paciente como adjunto adverbial comitativo nem como agente da passiva.

O sujeito Paciente aparece no *corpus*, na grande maioria das vezes, na voz ativa e com verbo de processo, como já demos vários exemplos aqui.

Encontramos também, no *corpus*, sete ocorrrências de Paciente como sujeito na voz ativa com verbo de estado – os únicos exemplos em que o Paciente ocorre com um verbo de estado –, alguns transcritos a seguir:

(210) e vinha a cheirar *a roupa* à barrela (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

ROUPA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Cheirar: Verbo intransitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(211) porque ficavam lá penduradas (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(ESPIGAS): Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo transitivo de estado

Voz verbal: Ativa

(212) não há aquele ambiente que uma pessoa quer para estar ali a libertar um bocadinho o stress (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

(ELA): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(213) a pessoa tem a sensação que estamos outra vez na época das pragas (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(NÓS): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(214) conheço África do relato das pessoas *que* por lá andaram em circunstâncias diversas (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Andar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

Em (210) e (211), o Paciente na oração com verbo de estado é prototípico; em (212), (213) e (214), o Paciente é animado, não prototípico.

Normalmente na bibliografia, como vimos no Capítulo 2, condiciona-se a existência de um Paciente na oração à presença de um verbo de ação/atividade ou de processo, considerando apenas o tipo semântico do verbo na atribuição de papel temático. É verdade que quase sempre, como os dados aqui apresentados o revelam, o Paciente ocorre com verbos de ação/atividade ou de processo; mas há a possibilidade de o Paciente

ocorrer com verbos de estado, o que demonstram os exemplos de (210) a (214), transcritos do *corpus*, analisados considerando a composição global do predicado, a chamada expressão predicadora, e o contexto situacional, como sempre fazemos aqui, na atribuição dos papéis temáticos e na caracterização do Agente e do Paciente em propriedades semânticas, da maneira como assumimos no Capítulo 3.

Encontramos, na pesquisa, apenas 13 ocorrências de Paciente como sujeito da voz passiva nominal, voz verbal que, afinal, não é mesmo comum na modalidade oral da língua. Transcrevemos, abaixo, algumas ocorrências:

(215) e então *essas espigas* eram escamisadas (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

ESPIGAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Escamisar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(216) *eles* é que querem ser entrevistados (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl23)

ELES: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Entrevistar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(217) *nós* éramos obrigados a afixar eh no nos placards na no átrio os resultados do concurso (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

NÓS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Obrigar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(218) *nós* somos criados na naquele ambiente (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

NÓS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Criar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(219) e vai ser quase mecanizado (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(HOMEM): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Mecanizar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Passiva nominal

(220) touros *que* vão ser corridos em pontas (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Correr: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(221) *as pessoas* mesmo experientes (...) são influenciadas pelos outros que não sabem, que não estão dentro do problema (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

PESSOAS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Influenciar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(222) *o pâncreas* foi foi foi perfurado (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

PÂNCREAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Perfurar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

Encontramos no *corpus* um exemplo, que transcrevemos a seguir, que poderia ser classificado como de passiva infinitiva, segundo os normativistas Almeida (1997) e Bechara (2006), e os lingüistas Peres e Móia (1995), para os quais algumas contruções com verbo no infinitivo podem ser classificadas como de voz passiva infinitiva, como vimos no Capítulo 2; entretanto, como dissemos naquela oportunidade, preferimos não falar, nesses casos, em passivas infinivas, mas em voz ativa, a não ser quando o verbo no infinitivo vem acompanhado de um agente da passiva. Vejamos, a seguir, o exemplo a que nos referimos:

(223) hoje *esta estrada* estava aqui por arranjar (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(A): Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Arranjar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Preferimos analisar *estrada* como objeto direto na voz ativa, cujo sujeito, Agente, está indeterminado, não como sujeito Paciente na voz passiva infinitiva.

Também analisamos, no *corpus* de PE contemporâneo oral, aquelas orações que, segundo a GT, são de passiva sintética ou pronominal, não como passiva pronominal, mas como orações na voz ativa com sujeito indeterminado, que ora apresentam objeto direto Paciente, ora não. O leitor deve estar lembrado que, no Capítulo 2, admitimos, com Naro (1968), a legitimidade de passivas pronominais no período arcaico do português, mas não no português contemporâneo. Abaixo, apresentamos alguns exemplos, transcritos do *corpus*, de objeto direto Paciente em construções com *se* indeterminador:

(224) semeava-se *o milho* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

MILHO: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Semear: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(225) projecto arquitectural *que* se está a construir (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

QUE: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Construir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(226) nunca se vão largar *touros* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

TOUROS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Largar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Todas as ocorrências dessas orações que nós identificamos no *corpus* – que são poucas, afinal cada vez mais usamos menos o *se* indeterminador na oralidade, como constata, por exemplo, Nunes (1991), tratando o PB – atendem à prescrição da GT, a de fazer concordar o verbo com o SN.

Há, ainda, no *corpus*, casos de sujeito Paciente na voz média (dinâmica), como os transcritos na seqüência:

(227) espanto-me a olhar para Angra (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl23)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Espantar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(228) porque nesse momento *nós* estamos de facto a completar-nos (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

NÓS: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito
Completar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(229) não são capazes de se regozijarem (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(PESSIMISTAS): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Regozijar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(230) *aqueles* (...) têm que se habituar a essa diferença (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

AQUELES: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Habituar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

E casos também de sujeito Paciente na voz adjetival, como o exemplo (211), citado anteriormente, e como os que seguem:

(231) e *ele* então ficava todo mal (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

ELE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(232) estou a ficar muito filosófica (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito

Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(233) cada vez que *ele* investia ficava perfurado (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

(HOMEM): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(234) vi as imagens fiquei altamente chocado (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

Todos os exemplos, que são poucos, de Paciente em voz adjetival no *corpus* são com o verbo *ficar*.

Vemos, dos exemplos apresentados, que o sujeito Paciente, na amostra do CRPC, tem seu lugar numa diversidade de vozes verbais.

Encontramos na pesquisa cinco ocorrências de construções ergativas, mas sem sujeito Paciente, que são as seguintes:

(235) a vida agora também transformou (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl03)

(236) aquela música que está sempre *que está sempre a mudar* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

(237) começa as discussões (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

(238) a escola industrial acabou (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl15)

(239) a escravatura acabou no papel (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

As variantes causativas dessas construções ergativas são:

(240) O homem transformou a vida.

(241) O DJ está sempre a mudar aquela música.

(242) Os rapazes começam as discussões.

(243) O Governo acabou a escola industrial.[37]

(244) A princesa Isabel acabou a escravatura no papel.

Nenhuma das seis construções ergativas que encontramos no *corpus* apresenta marca morfológica, o pseudo-reflexivo.

Vejamos mais alguns exemplos, porque foram poucos os que apresentamos até aqui, de Paciente como complemento verbal preposicionado:

(245) para agradarem ao *aos jovens* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl23)

AOS JOVENS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Agradar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(246) eles começam a olhar de lado *para mim* (CRPC/C-ORAL-ROM ppubdl05)

PARA MIM: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade

[37] Acabar a escola industrial, ou seja, o curso para desenhadores, não o prédio onde funcionava o curso, não escola industrial enquanto prédio, porque, nesse caso, escola industrial seria Paciente, por sofrer mudança de estado físico.

Voz verbal: Ativa

(247) a sensação foi horrorosa meteu-*me* imenso nojo (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

ME: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Meter: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(248) e dá um pontapé *no touro*? (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

NO TOURO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(249) as pessoas podem vir à manga brincar *com o toiro* (CRPC/C-ORAL-ROM pfamdl07)

COM O TOIRO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Brincar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Para concluirmos a apresentação de dados de Paciente obtidos do *corpus* de PE contemporâneo oral, apresentamos, a seguir, exemplos, que julgamos interessantes, de Paciente em contextos metafóricos, depreendidos de um inquérito que se constitui em um monólogo, muito filosófico, e, inclusive, poético:

(250) temos também que ter alguma possibilidade nos alevantarmos do chão (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(NÓS): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Alevantar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(251) quando *o coração* doía apetecia escrever (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

CORAÇÃO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Doer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(252) a tecnologia vai afogar *o homem* na sua liberdade e na sua intuição ah divina (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

HOMEM: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Afogar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(253) estava a a a a a subir mentalmente as escadas do pódio (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

(SENHORA): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Subir: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(254) aquela ficção que até nos ajudaria (...) a encher *os nossos silêncios* (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

SILÊNCIOS: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Objeto direto
Encher: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(255) aquela ficção que até nos ajudaria (...) a preencher *os nossos espaços vazios* (CRPC/C-ORAL-ROM pfammn02)

ESPAÇOS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Preencher: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

Em (250), *alevantar-se do chão*, no sentido de superar uma perda, uma dor; em (251), *quando o coração doía*, ou seja, quando experimentava-se um sofrimento, apetecia escrever; em (252), *afogar o homem*, no sentido de tirar dele sua liberdade e intuição divina; em (253), *subir mentalmente as escadas do pódio*, no sentido de sentir-se a senhora orgulhosa e cheia de si, por falar em público, num programa de televisão ao vivo; e, em (254) e (255), *encher os nossos silêncios* e *preencher os nossos espaços vazios*, no sentido de, pela ficção, nos sentirmos mais completos.

Antes de concluirmos esta parte, esclarecemos que, como no caso do Agente, apresentamos em conjunto, também no caso do Paciente, os dados obtidos de participantes com habilitação em escola primária ou menos, de participantes com habilitação em ensino secundário e de participantes licenciados ou estudantes do ensino superior, haja vista que, também em relação ao Paciente, não houve diferenças relevantes entre os referidos dados, nem no que se refere à caracterização em propriedades semânticas, nem no que se refere às configurações sintáticas.

4.2.1.2.1 <u>Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Paciente prototípico, o Paciente experienciador e o Paciente agentivo</u>

4.2.1.2.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente prototípico*

Os verbos que ocorrem na amostra do CRPC com o Paciente prototípico são os seguintes, de ação/atividade, de processo e de estado, na ordem em que aparecem no Apêndice B:

Lavar
Comer
Corar
Enxugar
Dar
Ir
Bater
Passar
Cheirar
Emarinhar
Pôr
Arranjar
Cortar
Ajuntar
Semear
Amanhar
Crescer
Regar
Preparar
Vingar
Cortar
Escamisar
Botar
Ajuntar
Ficar
Mondar

Serrar
Abrir
Fazer
Plantar
Desatar
Produzir
Surgir
Assinar
Aparecer
Desaparecer
Escrever
Construir
Usar
Deitar
Perfurar

4.2.1.2.1.2 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente experienciador*

Pedir
Morrer
Dizer
Rir
Levar
Tirar
Estar
Cair
Chorar
Abrir
Lavrar
Ficar

Matar

Deixar

Aprender

Agradar

Espantar-se

Tremer

Fazer

Entrevistar

Pôr

Obrigar

Alienar-se

Mostrar

Libertar

Gritar

Defender

Chamar

Bater

Receber

Olhar

Descansar

Dar

Escorregar

Desviar

Aparecer

Meter

Interpelar

Consolar

Salvar

Perder

Alevantar-se

Apoiar

Completar-se

Doer

Regozijar-se
Confortar
Andar[38]
Progredir
Afogar
Mecanizar
Marcar
Anestesiar
Complementar
Subir
Descer
Tornar
Investir
Habituar-se
Ajudar
Encher
Preencher
Criar
Largar
Correr
Colher
Influenciar
Ferir
Explicar
Brincar
Acudir

Os verbos que ocorrem com o Paciente experienciador são verbos de ação/atividade, verbos de processo e verbos de estado.

[38] *Andar* no sentido de *estar*, portanto como verbo de estado.

4.2.1.2.1.3 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente agentivo*

Os verbos que ocorrem com o Paciente agentivo são: ora verbos de ação/atividade, como *pagar*, ora verbos de processo, como *ganhar*. Há um caso de Paciente agentivo com o verbo de ação/atividade *namorar*, um exemplo que não é comum, e que comentamos quando da análise dos dados, acima.

Namorar
Levar
Pagar
Dar
Ganhar

4.2.1.3 Resumindo

Foi depreendido do *corpus* de PE contemporâneo oral um total de 642 dados: 454 dados de Agente e 188 dados de Paciente. A maior parte dos 454 dados de Agente configura-se sintaticamente como sujeito, o que explica que o Agente no *corpus* seja mais freqüente do que o Paciente, afinal o Agente precedendo o Paciente ou a perspectiva agentiva do evento é mais natural.

No *corpus*, é mais freqüente o Agente afetado, precisamente 336 ocorrências, do que o Agente prototípico, que não sofre nenhum afetamento.

A intencionalidade do Agente na amostra do CRPC é quase categórica, havendo apenas um caso de Agente não-intencional.

Verificamos também que geralmente se trata de um efeito de afetamento o efeito da ação/atividade realizada pelo Agente, e de afetamento apenas do próprio Agente. Quando o Agente ocorre, na predicação, com um Paciente, um argumento afetado pela ação/atividade do Agente, isso se dá, na maioria das vezes – ainda que não seja uma

maioria significativa – em orações transitivas prototípicas, de acordo com nossas expectativas, que referimos no Capítulo 3.

O Agente ocorre, na amostra do CRPC, com verbos de ação/atividade e com verbos de processo, e configura-se sintaticamente como:

a) Sujeito na voz ativa, na voz reflexiva e na voz média (dinâmica).
b) Objeto oblíquo (agentivo) e objeto oblíquo (comitativo).
c) Agente da passiva.
d) Adjunto adverbial (comitativo).

Por acaso, não encontramos exemplo de Agente na voz reflexiva (recíproca).

O Agente afetado aparece, na maior parte das vezes, como sujeito na voz ativa, havendo poucas ocorrências em que o Agente afetado aparece como sujeito na voz reflexiva; freqüentemente no *corpus*, portanto, a reflexividade está dissociada da voz reflexiva.

No *corpus*, há tão somente 13 ocorrências de orações na voz passiva, pelo que já esperávamos, pois estudos têm mostrado que, na oralidade, a freqüência de voz passiva é baixa. Uma ocorrência apenas de agente da passiva, com papel temático Agente, foi identificada.

Quanto ao Paciente, é o Paciente experienciador o que mais ocorre no *corpus*, o Paciente prototípico vindo em segundo lugar em número de ocorrências, e o Paciente agentivo ocupando a terceira posição.

Os dados obtidos da amostra analisada confirmam nossa intuição de que o Paciente animado é um Paciente não-prototípico, sempre experienciador.

Ocorre o Paciente, no *corpus*, com verbos de ação/atividade, com verbos de processo e com verbos de estado; mais freqüentemente, porém, com verbos de ação/atividade e de processo, sendo ocasionais as ocorrências de Paciente com verbos de estado.

O Paciente configura-se sintaticamente, na amostra do CRPC, como:

a) Sujeito na voz ativa, na voz passiva, na voz média (dinâmica) e na voz adjetival.
b) Objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo).

Quase a metade do total de dados de Paciente aparece com a função sintática de sujeito, e sobretudo na voz ativa. O sujeito Paciente, como ficou demonstrado, não é exclusivo da voz passiva, nem na voz ativa só ocorre sujeito Agente, nem na voz reflexiva só ocorre sujeito reflexivo, como defendem os gramáticos tradicionais.

4.2.2 **Na modalidade escrita**

Vamos agora à apresentação e análise dos dados obtidos do *corpus* de PE contemporâneo escrito[39].

A amostra representativa de PE contemporâneo escrito – lembrando ao leitor de que textos ela se constitui – é constituída de 15 artigos publicados em edição eletrônica do jornal *Público*, um jornal diário português de grande circulação.

Numeramos, como dissemos no Capítulo 1 e apresentamos naquela oportunidade, os artigos de 01 a 15, para fins de indicação das transcrições feitas do *corpus* no presente capítulo. Como se trata de uma lista de mais de uma dezena de artigos, não a repetiremos aqui.

4.2.2.1 O Agente

É de 388 o número de ocorrências de Agente, no domínio do predicador verbal, identificadas na amostra de PE contemporâneo escrito. O Agente prototípico perfaz um total de 45 ocorrências frente a 343 ocorrências de Agente afetado, menos prototípico; na

[39] No levantamento de dados, consideramos, inclusive, as passagens nos artigos as quais são transcrições de fala, vindo aspeadas, que são bem poucas. Resolvemos registrar todos os dados de Agente e de Paciente no domínio do verbo encontrados nos artigos. Mas, quando se trata de uma ocorrência que vem entre aspas e que nos chama a atenção por algum motivo, por exemplo por desviar-se, relativamente ao tema de que estamos tratando, do padrão prescrito pela GT, chamamos a atenção do leitor para o fato de que ela se trata de uma transcrição de fala no *corpus* representativo de PE contemporâneo escrito.

grande maioria das vezes, portanto, o Agente, na amostra analisada, sofre algum afetamento, segundo nossa interpretação.

São exemplos de Agente prototípico na amostra:

(256) (...) di-lo-iam sem receio. (*Público*, 05)

(ELES): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Dizer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(257) (...) *Laureano* lhe oferecia sempre a cadeira (...) (*Público*, 05)

LAUREANO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Oferecer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(258) *Laureano* tratava a toda gente por "senhor". (*Público*, 05)

LAUREANO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Tratar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(259) Levava-o lá na época da apanha da maçã (...) (*Público*, 05)

(PAI): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Levar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(260) "Vai ali à saleta (...)" (*Público*, 05)

(TU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Ir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(261) (...) *o jogador português* até já tinha dito que se contentaria com a camisola nove (...) (*Público*, 09)

JOGADOR: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Dizer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(262) (...) comentava *Alex Juganc* (...) (*Público*, 12)

ALEX JUGANC: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Comentar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(263) (...) o agente da polícia *que* (pacientemente) autorizara a entrevista dos dois amigos (...) (*Público*, (12)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Autorizar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (257), (258) e (259), o efeito da ação/atividade realizada pelo Agente configura-se em um argumento verbal Paciente animado, respectivamente *lhe*, *a toda gente* e *o*, Pacientes experienciadores. Casos assim somamos apenas sete no *corpus*, nenhum deles em orações transitivas prototípicas. O mais comum no *corpus* é o efeito da ação/atividade do Agente prototípico acarretar um efeito qualquer, que não consiste em

afetamento, como nos demais exemplos transcritos acima: em (256), (261) e (262), o efeito da ação/atividade realizada pelo Agente é o interlocutor ficar a par do que quer, ou pensa, ou tem a dizer o emissor; em (260), o efeito é o deslocamento do próprio Agente em direção à saleta da casa; e, em (263), o efeito é a entrevista estar permitida.

Quanto ao Agente afetado, das 343 ocorrências dele obtidas do *corpus*, em 73 o afetamento é não só do Agente, mas, também, de outro argumento como Paciente:

(264) (...) fez *uma lista das únicas cinco pessoas que deveriam ser avisadas*. (*Público*, 02)

(LAUREANO BARROS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

LISTA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(265) (...) lia, várias vezes, *os livros de Camilo, Eça, Pessoa e Torga*. (*Público*, 05)

(LAUREANO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ler: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

LIVROS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Ler: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(266) (...) criticando-*o* pela cedência aos comunistas (...) (*Público*, 05)

(LAUREANO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Criticar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

O: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Criticar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(267) (...) mandava *a Mariquinhas* cozinhar *favas com carne* (...) (*Público*, 05)

MARIQUINHAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cozinhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

FAVAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Cozinhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(268) (...) Rui Pereira, *que* ontem visitou *os dois agentes da PSP* no hospital (...) (*Público*, 08)

RUI PEREIRA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito
Visitar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

AGENTES: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Visitar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(269) (...) atingindo *um dos agentes* (...) (*Público*, 08)

(INDIVÍDUO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Atingir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(AGENTE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Atingir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(270) (...) o Presidente ou o primeiro-ministro, por exemplo, dois titulares de órgãos políticos com o poder de pôr o carimbo de "segredo de Estado" *a documentos*. (*Público*, 10)

(ELES): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Pôr: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

A DOCUMENTOS: Paciente → [afetado]

Função sintática: Objeto indireto
Pôr: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(271) (...) uma multidão de jornalistas *que o* filmavam (...) (*Público*, 12)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Filmar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

O: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Filmar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(272) (...) *seu companheiro de quarto, Joey Daniel*, *lhe* ligou em choque (...) (*Público*, 12)

COMPANHEIRO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ligar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

LHE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Ligar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Em (264), (265) e (267), há orações transitivas prototípicas, com objeto direto inanimado Paciente. São três dos cinco casos de orações transitivas prototípicas na amostra

do jornal *Público*. Nos demais casos listados, ou o Paciente é um objeto direto animado ou é um objeto indireto, exemplos estes de orações transitivas não-prototípicas, que totalizam no *corpus* 63 ocorrências. Os outros casos em que a ação/atividade do Agente, além de recair sobre ele, ainda resulta num Paciente estão na voz passiva, da qual apresentaremos alguns exemplos mais à frente.

Na seqüência, apresentamos exemplos, depreendidos do *corpus*, com Agente afetado, mas sem argumento Paciente; exemplos, portanto, em que o afetamento é apenas de uma parte na predicação:

(273) *O juiz* reverteu uma anterior sentença (...) (*Público*, 02)

JUIZ: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Reverter: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(274) "(...) todas as pessoas *que* já tenham violado as condições de uso" (...) (*Público*, 02)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Violar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(275) Psicologicamente instável, *a adolescente* cometeu suicídio. (*Público*, 02)

ADOLESCENTE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cometer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(276) Por vezes, no Verão, almoçavam na cozinha. (*Público*, 05)

(LAUREANO E ARNALDO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Almoçar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(277) "Nelinho, comprei um livro novo (...)" (*Público*, 05)

(EU): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Comprar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(278) Surpreende a voz da australiana, *que* canta bem (...) (*Público*, 06)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cantar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(279) (...) passaram pela estrela do músico no Passeio da Fama (...) (*Público*, 12)

(ALEX E JOYE): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Passar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(280) *Sarkozy* denunciou os métodos das autoridades iranianas (...) (*Público*, 15)

SARKOZY: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Denunciar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Entre os 343 casos de Agente afetado na amostra analisada, nove são casos de Agente de atividade mental, como:

(281) "Se *as pessoas* lêem as condições de uso (...)" (*Público*, 02)

PESSOAS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ler: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(282) Estacionava e esperava no carro, olhando para o relógio (...) (*Público*, 05)

(ARNALDO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Olhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(283) Cronometrara-o escrupulosamente. (*Público*, 05)

(ARNALDO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Cronometrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(284) Lia para eles (...) (*Público*, 05)

(LAUREANO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ler: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(285) (...) Alex, *que* estuda no Utah (...) (*Público*, 12)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estudar: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

A oração em (284) é uma das duas orações no *corpus* nas quais a ação/atividade mental realizada pelo Agente acarreta afetamento não só do Agente, mas, ainda, de outro argumento com papel temático Paciente. Em (284), o Paciente é *para eles*, e, em (265), a outra das duas orações referidas, o Paciente é *os livros de Camilo, Eça, Pessoa e Torga*.

Antes de passarmos a observações referentes às configurações sintáticas do Agente e à relação entre sintaxe e semântica, queremos destacar aqui ainda uma coisa sobre o conceito de Agente, aproveitando exemplos depreendidos da amostra. Vejamos, então, os seguintes exemplos:

(286) *A Associação Sindical dos Profissionais da Polícia* adverte que se vive um sentimento de impunidade (...) (*Público*, 08)

ASSOCIAÇÃO SINDICAL DOS PROFISSIONAIS DA POLÍCIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Advertir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(287) *A Polícia Judiciária* está já também a investigar este caso. (*Público*, 08)

POLÍCIA JUDICIÁRIA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Investigar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(288) *Portugal e União Soviética* reataram relações diplomáticas (...) (*Público*, 10)

PORTUGAL E UNIÃO SOVIÉTICA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Reatar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(289) *A revista Vida Soviética* (...) passou a anunciar os voos da "maior companhia aérea do mundial" (...) (*Público*, 10)

REVISTA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Anunciar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(290) *O Governo iraniano* confirmou ter detido 1032 pessoas (...) (*Público*, 15)

GOVERNO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Confirmar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Atribuímos aos argumentos destacados nas orações de (286) a (290), que são nomes de instituição humana – exemplos como esses também aparecem na amostra do CRPC, mas são muito mais freqüentes na amostra do jornal *Público*, por isso destacamos aqui essa questão –, o papel temático Agente, porque não aceitamos analisá-los simplesmente como inanimados, atribuindo-lhes o papel temático Causa, mas os analisamos como nomes que estão aí representando animados, capazes de agir com controle, e que agem com controle, essa é a análise que preferimos fazer. Não conseguimos ver nessas orações um sujeito Causa, mas um sujeito Agente. Contrariamente, numa oração como:

(291) *O robô* limpou o chão.

analisamos *robô* como Causa, não como Agente, porque um robô, inanimado, é incapaz de desencadear uma ação/atividade por si só, sem o comando ou controle de outrem. Aqui, sim, só conseguimos interpretar o sujeito em (291) como Causa.

Outra coisa que destacamos aqui é que o Agente na amostra de PE contemporâneo escrito é sempre intencional, de acordo com a análise que fizemos, considerando o predicado global e o contexto situacional, pelo que podemos dizer que, nesta amostra, o Agente é categoricamente intencional.

Agora, sim, passando a observações referentes às configurações sintáticas do Agente e à relação entre a sintaxe e a semântica, verificamos que, da mesma forma como se passa na amostra do CRPC analisada, passa-se na amostra do jornal *Público*: apesar do grande número de ocorrências de Agente afetado, sobretudo como sujeito, são poucos os exemplos de Agente afetado como sujeito na voz reflexiva, dos quais citamos alguns, a seguir:

(292) *A jovem* enforcou-se nesse mesmo dia, no armário do seu quarto. (*Público*, 02)

JOVEM: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Enforcar-se: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Reflexiva

(293) (...) quando se preparava para entrar no avião (...) (*Público*, 15)

(ELA): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Preparar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva

A oração a seguir está na voz reflexiva (recíproca):

(294) A certa altura, por imperativos de coerências, divorciaram-se (...) (*Público*, 05)

(LAUREANO E MARIA JOSÉ CALEIJO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Divorciar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Reflexiva (recíproca)

As orações seguintes estão na voz média (dinâmica):

(295) *Cantora* estreou-se ontem à noite em Portugal. (*Público*, 06)

CANTORA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estrear-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(296) (...) candidataram-se agora ao ensino público. (*Público*, 11)

(PROFESSORES): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Candidatar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(297) (...) despediam-se *os dois*, a caminho do parque de diversões. (*Público*, 12)

(JOVENS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Despedir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(298) (...) para os bolsos dos *que* se dedicam à pirataria audiovisual. (Público, 04)

QUE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Dedicar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(299) (...) mudou-se definitivamente para Ponte da Barca. (*Público*, 05)

(LAUREANO): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Mudar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

Na amostra que estamos tratando nesta seção, o Agente, nos seus dois tipos, Agente prototípico e Agente afetado, ocorrem, na grande maioria das vezes, em orações na

voz ativa, e, também aqui, como na amostra de PE contemporâneo oral, há casos de Agente prototípico na voz média (dinâmica):

(300) (...) referindo-se aos professores (...) (*Público*, 11)

(VALTER LEMOS): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Referir-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(301) E depois voltando-se para o amigo (...) (*Público*, 12)

(ALEX): Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Voltar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

Não nos surpreendeu que o Agente, na amostra do jornal *Público*, tenha quase sempre a função sintática de sujeito, havendo, de um total de 388 ocorrências de Agente, apenas 17 agentes da passiva, como também não nos foi surpresa que esse número de ocorrências de agente da passiva com papel temático Agente seja superior ao número encontrado no *corpus* oral; neste, encontramos apenas uma ocorrência. As passivas são mesmo mais freqüentes no português escrito do que no português falado. Abaixo, está uma amostra das 17 ocorrências de agente da passiva referidas:

(302) (...) segundo vários livros da especialidade consultados *por Laureano* (...) (*Público*, 05)

POR LAUREANO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Consultar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(303) (...) de acordo com dados compilados *pelo S&P e pela bloomberg*. (*Público*, 07)

PELO S&P E PELA BLOOMBERG: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Compilar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(304) Um dos agentes da PSP baleado ontem à tarde, na cara (...) *por dois homens encapuzados* (...) (*Público*, 08)

POR DOIS HOMENS ENCAPUZADOS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Balear: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(305) (...) este facto foi negado *pelas autoridades*. (*Público*, 08)

PELAS AUTORIDADES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Negar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(306) (...) por decisão de uma comissão de selecção e desclassificação, presidida *pelo embaixador Duarte de Jesus*. (*Público*, 10)

PELO EMBAIXADOR DUARTE NUNES DE JESUS: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Presidir: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Passiva nominal

(307) Uma "partidarização" criticada *por Fernando Rosas* (...) *e por António Felipe* (...) (*Público*, 11)

POR FERNANDO ROSAS E POR ANTÓNIO FELIPE: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Criticar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(308) Os resultados da primeira fase do concurso foram hoje divulgados *pelo Ministério da Educação*. (*Público*, 11)

PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Divulgar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(309) (...) mais de dual mil pessoas foram detidas *pelas autoridades* (...) (*Público*, 15)

PELAS AUTORIDADES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Agente da passiva
Deter: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

As orações (304) e (309) são dois dos cinco exemplos, encontrados no *corpus* – aos quais nos referimos anteriormente –, de Agente ocorrendo com Paciente na voz passiva.

E, para fecharmos esta seção sobre o Agente, apresentamos os exemplos, que encontramos no *corpus*, de Agente na função de objeto oblíquo (comitativo) e na função de adjunto adverbial (comitativo):

(310) (...) o rapaz *com o qual* se relacionava virtualmente (...) (*Público*, 02)

COM O QUAL: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Relacionar-se: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Média (dinâmica)

(311) (...) Megan Meier começou a interagir virtualmente *com um jovem que dava pelo nome de Josh Evans*. (*Público*, 02)

COM UM JOVEM QUE...: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Interagir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(312) (...) ele (que teve 20) casou *com ela* (...) (*Público*, 05)

COM ELA: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Casar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(313) (...) Laureano comia *com os seus trabalhadores* à mesma mesa (...) (*Público*, 05)

COM OS SEUS TRABALHADORES: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Comer: Verbo intransitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(314) (...) o deputado do PS que negociou o diploma *com o PSD*. (*Público*, 10)

COM O PSD: Agente → [desencadeador, controle, intenção, causa, afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (comitativo)
Negociar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Não houve exemplos de Agente na função de objeto oblíquo (agentivo).

4.2.2.1.1 Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Agente prototípico e o Agente afetado

4.2.2.1.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Agente prototípico*

Os verbos que ocorrem com o Agente prototípico na amostra do jornal *Público* que analisamos são os listados abaixo, todos de ação/atividade, na ordem em que aparecem no Apêndice B:

Indicar
Alegar
Dar
Dizer

Servir
Entrar
Tocar
Oferecer
Chamar
Pagar
Admitir
Fazer
Reservar
Tratar
Ir
Levar
Designar
Tirar
Agradecer
Negar
Sugerir
Falar
Referir-se
Comentar
Voltar-se
Autorizar

4.2.2.1.1.2 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Agente afetado*

Os verbos que ocorrem com o Agente afetado são verbos de ação/atividade.

Calcular
Relacionar-se
Enforcar-se

Reverter
Inocentar
Interagir
Dizer
Cortar
Escrever
Cometer
Criar
Sancionar
Introduzir
Argumentar
Aceder
Anunciar
Revogar
Violar
Pedir
Questionar
Ler
Referir
Dedicar-se
Pôr
Reagir
Despachar
Fugir
Planear
Fazer
Combinar
Conversar
Conduzir
Estacionar
Olhar
Marcar
Cronometrar

Sair
Desejar
Dar
Apresentar
Visitar
Falar
Telefonar
Explicar
Levar
Perguntar
Almoçar
Sentar
Sentar-se
Esmiuçar
Ligar
Debater
Decidir
Consultar
Deixar
Comprar
Iniciar
Trazer
Instalar-se
Ampliar
Divorciar-se
Separar-se
Arrumar
Manusear
Acariciar
Concluir
Casar
Enviar
Protestar

Montar

Estabelecer-se

Constituir

Contratar

Catalogar

Pagar

Arrendar

Convidar

Passar[40]

Ir

Admitir

Regressar

Demitir-se

Lecionar

Mudar-se

Recusar

Aceitar

Instaurar

Contar

Isolar-se

Procurar

Criticar

Sorrir

Apertar

Cortar

Reatar

Oferecer

Alegar

Recusar-se

Vender

Comer

[40] *Passar*, no sentido de *dar*, como verbo transitivo direto e indireto, e *passar* no sentido de *andar*, como verbo intransitivo.

Nomear
Interceder
Sugerir
Descontar
Convocar
Anunciar
Partir
Jantar
Trabalhar
Emigrar
Interromper
Abrir
Oferecer-se
Estudar
Encorajar
Bater
Punir
Mandar
Cozinhar
Voltar
Irromper
Meter
Defender
Ajudar
Doar
Distribuir
Folhear
Tratar
Estrear-se
Entregar-se
Cantar
Dirigir-se
Gastar

Lutar
Abandonar
Advertir
Alertar
Afirmar
Preparar-se
Efectuar
Disparar
Atingir
Capturar
Investigar
Descrever
Adiantar
Promover
Escolher
Trocar
Vestir
Reatar
Transmitir
Desclassificar
Produzir
Presidir
Negociar
Tornar
Divulgar
Referir-se
Apontar
Avançar
Confirmar
Sublinhar
Candidatar-se
Acusar
Definir

Esclarecer

Denunciar

Dançar

Cruzar

Filmar

Celebrizar

Atuar

Exibir

Colocar

Agitar

Prestar

Meter-se

Buscar

Vir

Depositar

Inscrever-se

Gritar

Despedir-se

Patrulhar

Garantir

Circular

Matar

Exigir

Classificar

Declarar

Entrar

Seqüestrar

Contestar

Deter

4.2.2.2 O Paciente

Computando os dados, verificamos que há, na amostra de PE contemporâneo escrito, 194 ocorrências de Paciente no domínio do verbo – valor que ultrapassa apenas em uma ocorrência a metade do total de ocorrências de Agente –, das quais apenas 14 são de Paciente prototípico, as 180 restantes sendo do Paciente não-prototípico, havendo apenas 10 ocorrências de Paciente agentivo; o Paciente mais freqüente na amostra é o Paciente experienciador, que perfaz um total de 170 ocorrências. Em ambas as amostras, nesta, de PE contemporâneo escrito, e na amostra de PE contemporâneo oral, o Paciente experienciador é o mais freqüente e o Paciente agentivo é o menos freqüente.

Para manter uma sistematicidade na apresentação dos dados, comecemos pelo Paciente prototípico, com alguns exemplos depreendidos do *corpus*:

(315) (...) lia, várias vezes, *os livros de Camilo, Eça, Pessoa e Torga*. (*Público*, 05)

LIVROS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Ler: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(316) (...) para ele passar os dias a fazer *fichas dos livros* (...) (*Público*, 05)

FICHAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(317) Até uma carta, demorava semanas a escrevê-l*a*. (*Público*, 05)

A: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto

Escrever: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(318) (...) mandava a Mariquinhas cozinhar *favas com carne* (...) (*Público*, 05)

FAVAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Cozinhar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(319) (...) as regras para o funeral, que incluíam ser enterrado sem caixão (...) (*Público*, 05)

(LAUREANO): Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Enterrar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(320) Foi um destes indivíduos, segundo a PSP, que terá disparado, primeiro *contra o vidro do carro da PSP* (...) e depois contra outro agente que, entretanto, terá saído da viatura. (*Público*, 08)

CONTRA O VIDRO DO CARRO DA PSP: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Atirar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(321) (...) o Presidente ou o primeiro-ministro, por exemplo, dois titulares de órgãos políticos com o poder de pôr o carimbo de "segredo de Estado" *a documentos*. (*Público*, 10)

A DOCUMENTOS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto indireto

Pôr: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(322) (...) estão *milhares de páginas* produzidas pelos diplomatas (...) (*Público*, 10)

PÁGINAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Produzir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

Em (315), (318), (319), (320) e (321), encontram-se destacados Pacientes que mudam de estado físico, enquanto que, em (316), (317) e (322), os Pacientes em destaque resultam de uma ação/atividade, é claro mudando de estado físico a cada instante de sua construção.

Vejamos, agora, exemplos de Paciente experienciador, o que tem o maior número de ocorrências na amostra, o que está, digamos assim, no meio do caminho, ou do *continuum*: o Paciente experienciador nem é o mais prototípico (lugar ocupado pelo que designamos de Paciente prototípico) nem é o menos prototípico de todos (lugar ocupado pelo Paciente agentivo):

(323) Mas, quando *a mãe de Laureano* morreu (...) (*Público*, 05)

MÃE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Morrer: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(324) (...) Uma vez (...) deu-*lhe* uma bofetada. (*Público*, 05)

LHE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade

Voz verbal: Ativa

(325) (...) ele era quem *lhe* dava banho. (*Público*, 05)

LHE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto indireto
Dar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(326) (...) atingindo *um dos agentes* (...) (*Público*, 08)

(AGENTE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Atingir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

Nas orações de (323) a (326), vêm destacados Pacientes experienciadores que, além de sofrer mudança de estado psicológico, também mudam de estado físico; por isso, são Pacientes experienciadores mais prototípicos do que aqueles que destacamos nas orações abaixo, de (327) a (330), que sofrem apenas mudança de estado psicológico:

(327) (...) depois de um júri *a* ter inocentado da acusação de conspiração criminosa. (*Público*, 02)

A: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Inocentar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(328) *A cientista Maria João Saraiva* (...) venceu o Prémio Gulbenkian Ciência 2009 (...) (*Público*, 03)

CIENTISTA: Paciente → [afetado, experienciador]

Função sintática: Sujeito
Vencer: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(329) Laureano cortou *com ele* relações (...) (*Público*, 05)

COM ELE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto oblíquo (passivo)
Cortar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(330) (...) *Kylie* aprendeu muito com Madonna (...) (*Público*, 06)

KYLIE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Aprender: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

Não há ocorrência de Paciente experienciador que resulte de uma ação/atividade ou de um processo.

Adiante, o leitor verá ainda mais exemplos, que são a maioria no *corpus*, de Paciente experienciador.

O Paciente menos prototípico, que é o Paciente agentivo, tem, no *corpus*, como dissemos antes, um exemplário de 10 ocorrências, das quais transcrevemos, a seguir, algumas:

(331) Sentava-*o* a seu lado (...) (*Público*, 05)

O: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto direto
Sentar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(332) (...) para *lhe* passar uma pasta com documentos secretos. (*Público*, 05)

LHE: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto indireto
Passar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(333) (...) por volta de meio-dia recebia um telefonema de Laureano (...) (*Público*, 05)

(ALEXANDRE): Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Receber: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(334) Agora, que herdara a casa grande da família (...) (*Público*, 05)

(LAUREANO): Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Sujeito
Herdar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

(335) (...) a embaixada norte-americana em Lisboa enviou *ao Governo português* um ofício com o mapa (...) (*Público*, 10)

AO GOVERNO: Paciente → [afetado, experienciador, desencadeador, controle, intenção, causa]
Função sintática: Objeto indireto
Enviar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

O exemplo de Paciente agentivo em (331) – como o exemplo de Paciente agentivo em (204), da amostra do CRPC –, na função sintática de objeto direto, é similar aos exemplos (13), (14) e (15) que transcrevemos de Cançado (2005b), no Capítulo 3, e que repetimos aqui, facilitando para o leitor:

(336) O professor correu *o garoto* atrevido para fora da sala.

(337) A mãe casou *a filha* bem.

(338) O pai estudou *todos os filhos* até a faculdade.

Os demais exemplos de Paciente agentivo na amostra, ora se dão em eventos de processo, na função sintática de sujeito, como em (333) e (334), ora, em maior número de ocorrências, em eventos de ação/atividade, na função sintática de objeto indireto, como em (332) e (335).

Em (335), temos, como Paciente agentivo, um nome como instituição humana, *Governo*. Consideramos que *Governo* está aí representando um animado, por exemplo, o chefe de Estado, capaz de receber o ofício; daí que atribuamos a *Governo* a classificação de Paciente agentivo.

Na amostra, o Paciente, ora é o sujeito da oração, ora é o objeto direto, ora é o objeto indireto, ora é o objeto oblíquo (passivo). Pode ainda ser o Paciente um adjunto adverbial (comitativo), como nesses dois casos, únicos no *corpus*:

(339) Mas Rui Luís Gomes (...) foi expulso da faculdade, *juntamente com outros dois matemáticos, José Morgado e, claro, o recto e incorruptível Laureano Barros* (...) (*Público*, 05)

JUNTAMENTE COM OUTROS DOIS MATEMÁTICOS, JOSÉ...: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Expulsar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(340) (...) passou muitos Natais sozinho *com ele* (...) (*Público*, 05)

COM ELE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Adjunto adverbial (comitativo)
Passar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

Aqui, como no *corpus* de PE contemporâneo oral, não encontramos ocorrência de agente da passiva com papel temático Paciente.

Os casos de sujeito Paciente no *corpus* são em número de 90, quase a metade do total de ocorrências de Paciente, como também foi grande o número de ocorrências de sujeito Paciente na amostra do CRPC analisada.

Entre os 90 casos de sujeito Paciente referidos, encontrados na amostra do jornal *Público* analisada, muitos estão em orações na voz ativa e com verbo de processo. Há também exemplos – precisamente 11 exemplos – de sujeito Paciente na voz ativa com verbo de estado, como o sujeito do exemplo (340) e também os listados na seqüência:

(341) Estacionava e esperava no carro, olhando para o relógio (...) (*Público*, 05)

(ARNALDO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Esperar: Verbo intransitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(342) Ali perto, explicou, estavam hospedados, devido às obras da barragem do Alto Lindoso, *alguns trabalhadores africanos*. (*Público*, 05)

TRABALHADORES: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(343) (...) *quem* esteve lá conhecia bem Kylie Minogue (...) (*Público*, 06)

QUEM: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(344) (...) até hoje aguarda uma resposta da Comissão Nacional de Protecção de Dados. (*Público*, 08)

(JOAQUIM RAPOSO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Aguardar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

(345) Estiveram à porta do rancho de Neverland (...) (*Público*, 12)

(ALEX E JOEY): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Estar: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

Também encontramos no *corpus* um exemplo de objeto direto Paciente, em oração ativa com verbo de estado:

(346) O aumento galopante do desemprego irá manter *os consumidores* afastados do consumo. (*Público*, 07)

CONSUMIDORES: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Manter: Verbo transitivo de estado
Voz verbal: Ativa

Todos os exemplos, na amostra do jornal *Público*, de Paciente em orações com verbo de estado são exemplos com Pacientes animados, que mudam de estado picólogico por encontrarem-se em determinada circunstância.

Não encontramos sujeito Paciente em oração na voz ativa com verbo de ação/atividade.

Na voz passiva, identificamos 46 casos de sujeito Paciente – que ultrapassa em uma ocorrência a metade do total de ocorrências de sujeito Paciente no *corpus* e que é bem mais do que o número de casos identificados na amostra do CRPC que analisamos, que é uma amostra oral –, como em (319), (322) e (339), citados anteriormente nesta seção. Vejamos, ainda, mais alguns dos 46 exemplos de sujeito Paciente na voz passiva obtidos do *corpus* de PE contemporâneo escrito:

(347) (...) *Drew* foi absorvida. (*Público*, 02)

DREW: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Absolver: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(348) *Laureano* foi logo convidado, com 21 anos, para assistente de Rui Luís Gomes (...) (*Público*, 05)

LAUREANO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Convidar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(349) (...) foi corrido com insultos. (*Público*, 05)

(ELE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Correr: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(350) De acordo com *investidores e analistas* consultados pela Bloomberg (...) *Público*, 07)

INVESTIDORES E ANALISTAS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Consultar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(351) (...) *outro ferido* foi submetido durante a madrugada a uma intervenção cirúrgica (...) (*Público*, 08)

FERIDO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Submeter: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(352) (...) *os dois agentes* foram então atingidos por disparos de caçadeira (...) (*Público*, 08)

AGENTES: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Atingir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(353) (...) foram disparadas (...) *mais de 30 balas* contra dois agentes (...) (*Público*, 08)

BALAS: Paciente → [afetado]
Função sintática: Sujeito
Disparar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(354) *Internacional português* é hoje apresentado no Santiago Bernabéu (...) (*Público*, 09)

PORTUGUÊS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Apresentar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(355) (...) *mais polícias* foram alvejados. (*Público*, 13)

POLÍCIAS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Alvejar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

(356) *Reiss* foi detida no dia primeiro de julho (...) (*Público*, 15)

REISS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Deter: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Passiva nominal

Antes de apresentarmos exemplos, depreendidos da amostra do jornal *Público*, de sujeito Paciente na voz média (dinâmica) e na voz adjetival, vejamos ainda outros exemplos de voz passiva na amostra, mas, desta vez, sem sujeito Paciente, e também sem agente da passiva, exemplos que não constam no Apêndice B:

(357) Foi encontrado o primeiro buraco negro de tamanho intermédio. (*Público*, 01)

(358) O estudo foi publicado hoje na "Nature". (*Público*, 01)

(359) O HXL-1 foi captado pela primeira vez em Novembro de 2004 (...) (*Público*, 01)

(360) (...) assim que uma fita começa a ter sucesso, é imediatamente enviada para a China (...) (*Público*, 04)

(361) Mais uma vez recusou que lhe fosse contado o tempo de serviço (...) (*Público*, 05)

(362) Estavam em casa quando foi anunciado o sorteio dos bilhetes (...) (*Público*, 12)

Os exemplos de voz passiva, com sujeito Paciente e sem sujeito Paciente, na maioria das vezes sem agente da passiva, foram muitos na amostra do jornal *Público*, uma amostra da modalidade escrita da língua, da qual, reconhecidamente, as orações passivas são mais típicas.

Veja ainda o leitor os exemplos seguintes, que são de Paciente em orações que a GT classifica como de passiva pronominal, mas que nós classificamos como de voz ativa (os únicos encontrados na amostra):

(363) "(...) poder-se-ia perseguir basicamente *todas as pessoas* (...)" (*Público*, 02)

PESSOAS: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Objeto direto
Perseguir: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(364) (...) era comum assinar-se *a escritura* (...) (*Público*, 05)

ESCRITURA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Assinar: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

(365) (...) desde que se fizesse *escritura* por 10 mil. (*Público*, 05)

ESCRITURA: Paciente → [afetado]
Função sintática: Objeto direto
Fazer: Verbo transitivo de ação/atividade
Voz verbal: Ativa

A ocorrência de Paciente em (363) é numa oração passiva numa transcrição de fala na amostra do jornal *Público*, uma transcrição da fala do juiz George Wu. Repare o leitor que, em (363), não foi feita a concordância, prescrita pela GT, entre o substantivo no plural e o verbo. A GT recomendaria uma correção que transformaria a oração em:

(366) Poder-se-iam perseguir basicamente todas as pessoas.

já que, para a GT, *todas as pessoas* é sujeito de uma passiva pronominal.

Continuando a tratar das configurações sintáticas do Paciente e da relação entre a sintaxe e a semântica, vêm descritos, abaixo, exemplos de Paciente na função sintática de sujeito, na voz média (dinâmica):

(367) Laureano, *que* se maravilhava com os prodígios da Natureza (...) (*Público*, 05)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Maravilhar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(368) Por alguns autores tornou-se obcecado (...) (*Público*, 05)

(LAUREANO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Tornar-se: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(369) “Gi” não teve uma relação fácil com o doutor, *que* se zangava (...) (*Público*, 05)

QUE: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Zangar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(370) (...) o jogador português até já tinha dito que se contentaria com a camisola nove (...) (*Público*, 09)

(ELE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Contentar-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

(371) “(...) pensei num plano alternativo para me distrair (...)” (*Público*, 12)

(EU): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Distrair-se: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Média (dinâmica)

Os seguintes são exemplos, com o verbo *ficar*, depreendidos da amostra do jornal *Público*, de Paciente na função sintática de sujeito, na voz adjetival, totalizando quatro ocorrências no *corpus*:

(372) (...) mas ficou satisfeito. (*Público*, 05)

(ARNALDO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(373) *Laureano* foi ficando solitário. (*Público*, 05)

LAUREANO: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(374) (...) depois de ter ficado doente (*Público*, 05)

(ELE): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

(375) Poderiam ficar ofendidos (...) (*Público*, 05)

(TRABALHADORES): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Ficar: Verbo copulativo de processo
Voz verbal: Adjetival

Encontramos, no *corpus*, três construções ergativas; apenas uma, porém, com sujeito Paciente, que é a seguinte:

(376) "*Gi*" chumbou (...) (*Público*, 05)

GI: Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Chumbar: Verbo intransitivo de processo
Voz verbal: Média
Construção ergativa

Chumbar, gíria escolar, no sentido de 'reprovar'. A versão causativa de (376) é:

(377) Os professores chumbaram Gi.

Os outros dois exemplos de construções ergativas são esses, o primeiro com marca morfológica, o pseudo-reflexivo:

(378) (...) o negócio fez-se. (*Público*, 05)

(379) (...) em Dezembro, quando terminarem as colocações de professores (...) (*Público*, 11)

As versões causativas de (378) e (379):

(380) Laureano e o comprador fizeram o negócio.

(381) Em dezembro, quando o Ministério da Educação terminar a colocação de professores.

Na amostra do CRPC, encontramos alguns exemplos interessantes de Paciente em contextos metafóricos que quisemos destacar para o leitor. Na amostra do jornal *Público*, deparamo-nos apenas com um caso desses, que também vale a pena destacar, e, com isto, encerramos esta seção do texto:

(382) Mergulhou numa estranha apatia (...) (*Público*, 05)

(LAUREANO): Paciente → [afetado, experienciador]
Função sintática: Sujeito
Mergulhar: Verbo transitivo de processo
Voz verbal: Ativa

4.2.2.2.1 <u>Listando os verbos com que ocorrem no *corpus* o Paciente prototípico, o Paciente experienciador e o Paciente agentivo</u>

4.2.2.2.1.1 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente prototípico*

Na amostra do jornal *Público* analisada, os verbos que ocorrem com o Paciente prototípico são os seguintes, verbos de ação/atividade, na ordem em que aparecem no Apêndice B:

Fazer
Tocar
Ler
Escrever
Assinar
Cozinhar
Enterrar
Disparar
Pôr
Produzir

4.2.2.2.1.2 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente experienciador*

Sair
Levar
Ilibar
Inocentar
Cortar
Escrever
Considerar
Absorver
Condenar
Perseguir

Converter
Vencer
Arruinar
Morrer
Avisar
Esperar
Apresentar
Falar
Ficar
Explicar
Receber
Perguntar
Ligar
Telefonar
Estar
Comprar
Divorciar-se
Separar-se
Tornar-se
Convidar
Expulsar
Enviar
Contratar
Catalogar
Nomear
Entristecer
Oferecer
Paralisar
Fugir
Procurar
Fazer
Zangar-se
Criticar

Passar[41]

Apresentar

Cortar

Amar

Odiar

Interceder

Correr

Ler

Convocar

Anunciar

Chamar

Maravilhar-se

Tratar

Elevar

Deixar

Designar

Encorajar

Criar

Pôr

Bater

Punir

Dar

Irritar-se

Chumbar

Preocupar-se

Perder

Mergulhar

Dizer

Aprender

Dirigir-se

Manter

Consultar

[41] *Passar* no sentido de 'passar temporadas, passar férias, passar o Natal'.

Afetar
Balear
Submeter
Visitar
Deter
Atingir
Disparar
Capturar
Prender
Aguardar
Contentar-se
Colocar
Acusar
Cantar
Filmar
Apreender
Buscar
Distrair-se
Alvejar
Abater
Desacreditar
Matar
Sequestrar
Libertar

Os verbos que ocorrem com o Paciente experienciador são verbos de ação/atividade, verbos de processo e verbos de estado.

4.2.2.2.1.3 *Os verbos que ocorrem no corpus com o Paciente agentivo*

Também aqui, como no *corpus* do português arcaico e no CRPC, o grupo de verbos que ocorre com o Paciente agentivo é composto por verbos do tipo *pagar*, de ação/atividade, e *receber*, de processo, que selecionam um argumento 'destinatário'. Há um exemplo de Paciente agentivo com o verbo de ação/atividade *sentar*, não-típico, que apresentamos anteriormente, quando descrevemos casos de Paciente agentivo no jornal *Público*.

Receber
Sentar
Oferecer
Pagar
Passar
Doar
Distribuir
Enviar

4.2.2.3 Resumindo

Na amostra do jornal *Público* que analisamos, de onde depreendemos um total de 582 dados – 388 dados de Agente e 194 dados de Paciente –, o Agente afetado e o Paciente experienciador são muito mais recorrentes do que o Agente prototípico e o Paciente prototípico; mas o Paciente prototípico é mais recorrente do que o Paciente agentivo, o menos prototípico de todos.

Tanto o Agente, que é sempre intencional, como o Paciente configuram-se sintaticamente, na maior parte das vezes, como sujeito, mas o sujeito Agente é muito mais freqüente do que o sujeito Paciente, o que já era esperado.

Na amostra, o Agente ocorre com verbos de ação/atividade e desempenha as funções sintáticas de:

a) Sujeito na voz ativa, na voz reflexiva e reflexiva (recíproca) e na voz média (dinâmica).
b) Objeto oblíquo (comitativo).
c) Agente da passiva.
d) Adjunto adverbial (comitativo).

Não encontramos, por acaso, na amostra selecionada, Agente na função de objeto oblíquo (agentivo).

O Agente afetado, que perfaz um total de 343 ocorrências, é mais freqüente como sujeito na voz ativa do que como sujeito na voz reflexiva.

É mais comum, na amostra, o efeito da ação/atividade realizada pelo Agente ser um efeito de afetamento, na maioria das vezes apenas do próprio Agente, algumas vezes de outro argumento ou participante, um Paciente, e algumas vezes, ao mesmo tempo tanto do Agente como de outro participante no evento. Nesse último caso, não são a maioria na amostra os exemplos de Agente ocorrendo com Paciente em orações transitivas prototípicas, o objeto direto Paciente sendo mais freqüentemente um animado.

Aparecem no *corpus* 17 ocorrências de Agente como agente da passiva; mesmo agentes da passiva com outros papéis temáticos não são comuns no *corpus*, apesar de haver vários exemplos de orações passivas na amostra do jornal *Público*, a maioria delas, entretanto, com o sujeito semântico-lógico não-lexicalizado.

O Paciente, por sua vez, que ocorre na amostra, com verbos de ação/atividade, de processo e de estado – sendo a minoria as ocorrências de Paciente com verbos de estado –, nela se configura sintaticamente como:

a) Sujeito na voz ativa, na voz passiva, na voz média (dinâmica), na voz adjetival e em construção ergativa.
b) Objeto direto, objeto indireto e objeto oblíquo (passivo).
c) Adjunto adverbial (comitativo).

O sujeito Paciente na voz passiva totaliza 46 ocorrências, de um total de 90 ocorrências de sujeito Paciente no *corpus* de PE contemporâneo escrito. As demais ocorrências de sujeito Paciente se distribuem por orações na voz verbal ativa, média (dinâmica) e adjetival.

4.2.3 **Comparação entre os dados da modalidade oral e os dados da modalidade escrita**

Tratando, em primeiro lugar, a caracterização em propriedades semânticas do Agente e do Paciente, pudemos constatar que, em ambas as amostras – na amostra do CRPC e na amostra do jornal *Público* –, o Agente afetado é mais recorrente do que o Agente prototípico, assim como o Paciente experienciador é mais recorrente do que o Paciente prototípico e do que o Paciente agentivo, o menos prototípico de todos e o que tem a menor representatividade nas amostras.

O Agente é sempre intencional na amostra do jornal *Público*, e só uma vez não-intencional na amostra do CRPC.

Tanto no *corpus* de PE contemporâneo oral como no *corpus* de PE contemporâneo escrito, a ação/atividade realizada pelo Agente redunda, na maior parte das vezes, em efeito de afetamento e em afetamento apenas do próprio Agente, tendo sido identificadas algumas ocorrências em que o afetamento é não só do Agente, mas também o Agente causa o afetamento de outro argumento na predicação ou de outro participante no evento, um argumento ou participante com papel temático Paciente, não apenas em orações transitivas prototípicas nem quase sempre em orações transitivas prototípicas, contrarariando nossas expectativas de que, nas amostras, o Agente ocorreria com o Paciente geralmente em orações transitivas prototípicas.

No Capítulo 3, formalizamos nossa intuição de que o Paciente animado apresenta sempre a propriedade experienciador, o que os resultados das amostras, oral e escrita, de PE contemporâneo corroboram. Não identificamos, nas amostras, nenhum caso em que um Paciente animado, que é não-prototípico, não sofresse alguma mudança de estado psicológico, associada ou não a alguma mudança de estado físico.

Outra coisa que os resultados obtidos na pesquisa nos *corpora* de PE contemporâneo corroboram é que o Agente e o Paciente ocorrem, na maioria das vezes, com verbos de ação/atividade e de processo, sendo possível encontrarmos o Paciente ocorrendo com verbos de estado, ainda que disso haja poucos exemplos. A influência dos verbos, portanto, mostrando-se grande, ou mesmo dominante, como afirma Chafe (1979: 97), na atribuição dos papéis temáticos na predicação, atribuição da qual participam

também, tendo muita relevância, como defendemos no Capítulo 3, o predicado global e o contexto situacional, sempre considerados na análise das amostras em questão.

Em segundo lugar, no que diz respeito às configurações sintáticas do Agente e do Paciente nas amostras e à relação entre a sintaxe e a semântica, os resultados que queremos destacar aqui são os seguintes:

a) O Agente é, tanto no *corpus* oral como no *corpus* escrito, na maioria das vezes, o sujeito.
b) No *corpus* escrito, houve mais ocorrências de Agente na função sintática de agente da passiva do que no *corpus* oral, o que já esperávamos.
c) O agente afetado, na função sintática de sujeito, na amostra do CRPC e na amostra do jornal *Público*, é mais freqüente em orações na voz ativa do que em orações na voz reflexiva, evidenciando a autonomia entre a sintaxe e a semântica.
d) Tanto no *corpus* oral como no *corpus* escrito, há um número bastante significativo de Paciente com função sintática de sujeito.
e) No *corpus* oral, o Paciente é mais freqüentemente o sujeito na voz ativa do que na voz passiva; no *corpus* escrito, por outro lado, o Paciente é mais freqüentemente o sujeito na voz passiva do que na voz ativa, o que encontra explicação no fato de que, de maneira geral, as passivas são mais típicas da modalidade escrita da língua.
f) O sujeito Paciente, em ambas as amostras, aparece na voz ativa, na voz passiva nominal, na voz média (dinâmica) e na voz adjetival, o que evidencia a autonomia entre a sintaxe e a semântica.
g) Em ambas as amostras, há casos de Paciente na voz ativa com verbo de estado.
h) Encontramos apenas uma ocorrência de sujeito Paciente em construção ergativa na amostra do jornal *Público*, e nenhuma ocorrência na amostra do CRPC.

A diferença entre os resultados obtidos da amostra do CRPC e da amostra do jornal *Público*, como pode ver o leitor, reside na representatividade do Agente como agente da passiva e na representatividade do Paciente como sujeito da passiva.

4.3 RECAPITULANDO A VIAGEM DIACRÔNICA

Pesquisando dados de Agente e de Paciente em textos do período arcaico da língua portuguesa – séculos XIV e XVI – e em textos orais e escritos de PE contemporâneo, chegamos, entre outros, aos seguintes números: 268 dados de Agente e 241 dados de Paciente no *corpus* do português arcaico; 454 dados de Agente e 188 dados de Paciente na amostra do CRPC; e 388 dados de Agente e 194 dados de Paciente na amostra do jornal *Público*, num total de 1.110 dados de Agente e de 623 dados de Paciente.

Encontramos, na pesquisa em textos reais da língua portuguesa, na sua diacronia, exemplos de Agente prototípico e de Agente afetado, de Paciente prototípico, de Paciente experienciador e de Paciente agentivo, os quais descrevemos, um a um, nos Apêndices A e B no Volume 2 da Tese, tendo selecionado alguns exemplos para transcrição e comentário neste capítulo.

Conforme consta nos Quadros 1 e 2, a seguir, o Agente afetado – o Agente que age e que é afetado pela ação que realiza e, sendo afetado, por ser animado é também experienciador – é o mais recorrente tanto no *corpus* do português arcaico como nos *corpora* de PE contemporâneo oral e escrito. O Paciente experienciador – que necessariamente é um Paciente animado e sofre afetamento de natureza psicológica – também é o mais recorrente. Ou seja, temos, como os tipos de Agente e de Paciente mais freqüentes na pesquisa, não os mais prototípicos, mas o Agente afetado, que é menos prototípico do que o Agente não-afetado, e o Paciente experienciador, que, na condição de animado, classificamos como não-prototípico. Esses resultados demonstram que nem sempre o mais prototípico é também o mais freqüente, sendo possível dissociar prototipicidade de freqüência de uso. O Paciente menos recorrente na pesquisa é o Paciente menos prototípico de todos, o Paciente agentivo.

Amostras	Agente		
	Tipos		Total
	Prototípico	Afetado	
Português arcaico	32	236	268
CRPC	118	336	454
Jornal *Público*	45	343	388
			1.110

Quadro 1: Número de ocorrências de Agente prototípico e de Agente afetado, por amostra.

Amostras	Paciente			
	Tipos			Total
	Prototípico	Experienciador	Agentivo	
Português arcaico	33	192	16	241
CRPC	65	108	15	188
Jornal *Público*	14	170	10	194
				623

Quadro 2: Número de ocorrências de Paciente prototípico, de Paciente experienciador e de Paciente agentivo, por amostra.

O Agente, num total de 1.110 ocorrências, e o Paciente, num total de 623 ocorrências, se apresentam com diversas funções sintáticas nas amostras, como pode verificar o leitor nos Quadros seguintes:

Amostras	Agente				
	Funções sintáticas				
	Sujeito	Objeto oblíquo (agentivo)	Objeto oblíquo (comitativo)	Agente da passiva	Adjunto adverbial (comitativo)
Português arcaico	254	02	03	07	02
CRPC	436	01	07	01	09
Jornal *Público*	366	-	04	17	01

Quadro 3: Número de ocorrências de Agente, por função sintática, em cada amostra analisada.

Amostras	Paciente					
	Funções sintáticas					
	Sujeito	Objeto direto	Objeto indireto	Objeto oblíquo (passivo)	Agente da passiva	Adjunto adverbial (comitativo)
Português arcaico	99	63	70	05	02	02
CRPC	86	76	17	09	-	-
Jornal *Público*	90	54	35	13	-	02

Quadro 4: Número de ocorrências de Paciente, por função sintática, em cada amostra analisada.

Veja o leitor que o sujeito é muito mais freqüentemente o Agente do que o Paciente nas amostras analisadas, o que já havíamos comentado anteriormente; a perspectiva agentiva do evento é mais natural.

Um dos objetivos do nosso estudo diacrônico foi dar ao leitor exemplos reais, na diacronia do português, de Agente e de Paciente nos seus diferentes tipos, caracterizando-os em propriedades semânticas, levando em conta o predicado global, a idéia da composição de Franchi (1997), bem como o contexto situacional, baseando-nos em nossa experiência de viver e atuar no mundo, conforme o propusemos no Capítulo 3. Os outros objetivos foram listar os verbos com que ocorrem os diferentes tipos de Agente e de Paciente nos *corpora*, verificando se há alguma situação de mudança da estrutura temática dos verbos, e descrever as configurações sintáticas do Agente e do Paciente, podendo encontrar alguma mudança na história da língua, já referida na bibliografia sobre o tema ou sobre tema afim ou ainda não referida.

A respeito da estrutura temática dos verbos, analisando as amostras selecionadas do português arcaico e do português europeu contemporâneo, não verificamos nenhuma situação de mudança.

Mas, listando os verbos com que ocorrem os diferentes tipos de Agente e de Paciente nas amostras, chegamos ao seguinte Quadro:

Tipos de Agente e de Paciente	Tipos de verbo		
	Amostras		
	Português arcaico	CRPC	Jornal *Público*
Agente prototípico	Verbos de ação/atividade	Verbos de ação/atividade	Verbos de ação/atividade
Agente afetado	Verbos de ação/atividade e processo	Verbos de ação/atividade e processo	Verbos de ação/atividade
Paciente prototípico	Verbos de ação/atividade e processo	Verbos de ação/atividade, processo e estado	Verbos de ação/atividade
Paciente experienciador	Verbos de ação/atividade, processo e estado	Verbos de ação/atividade, processo e estado	Verbos de ação/atividade, processo e estado
Paciente agentivo	Verbos de ação/atividade e processo	Verbos de ação/atividade e processo	Verbos de ação/atividade e processo

Quadro 5: Tipos de verbo com que ocorrem os diferentes tipos de Agente e de Paciente nas amostras analisadas.

Vemos aí que, nas amostras que analisamos, os tipos de verbo com que ocorrem o Agente prototípico, o Paciente experienciador e o Paciente agentivo se mantêm sempre os mesmos. Mas há variação no que se refere ao Agente afetado e ao Paciente prototípico. Na amostra do jornal *Público*, o Agente afetado e o Paciente prototípico por acaso, por uma limitação do *corpus*, não ocorrem com verbos de processo, mas, nas demais amostras, ocorrem. E, na amostra do CRPC, o Paciente prototípico ocorre também com verbo de estado, mas não na amostra do português arcaico nem na amostra do jornal *Público*, fato que atribuímos à limitação dos *corpora*. Segundo demonstram os dados obtidos na pesquisa, é mais provável encontrar o Paciente experienciador ocorrendo com verbo de estado do que o Paciente prototípico.

Verificamos que o Agente prototípico e o Agente afetado, bem como o Paciente prototípico e o Paciente experienciador podem ocorrer com uma diversidade de verbos; o Paciente agentivo, entretanto, o menos comum entre os três tipos de Paciente na pesquisa,

ocorre, nas amostras analisadas, com um grupo específico de verbos, normalmente verbos que selecionam um argumento 'destinatário', como os verbos *pagar* e *receber*, por exemplo.

O Agente afetado e o Paciente experienciador ocorrem, muitas vezes, com verbos que denotam afetamento do participante, envolvimento emocional do participante.

Há verbos, como o leitor pode conferir nas listas de verbos apresentadas neste capítulo, que ocorrem com diferentes tipos de Agente e de Paciente, sendo o predicado global e o contexto siuacional a decidirem de que tipo de Agente e de que tipo de Paciente se tratam, não o verbo isoladamente.

No que diz respeito às configurações sintáticas do Agente e do Paciente, podemos, com base nos dados que analisamos, referir-nos a duas mudanças, corroborando o que lemos na bibliografia consultada.

Primeiro, quanto à passiva sintética ou pronominal, na qual poderia aparecer o Paciente como sujeito no português arcaico e o Agente ou o Paciente como agente da passiva, mas que é reanalisada como uma oração ativa de sujeito indeterminado no português contemporâneo, e o que antes era sujeito Paciente agora classificamos como objeto direto Paciente.

Segundo, quanto às construções representantes dos tempos compostos dos verbos depoentes latinos, construções de *ser* mais particípio passado de verbo intransitivo ou transitivo oblíquo, nas quais poderia aparecer, no português arcaico, sujeito Agente ou sujeito Paciente, mas que, no português contemporâneo, não utilizamos.

Não descrevemos e analisamos, neste estudo diacrônico, dados de Agente e de Paciente depreendidos de textos de PB (isso fica para uma próxima oportunidade). Mas achamos ser possível afirmar que as configurações sintáticas do Agente e do Paciente no PB são semelhantes às configurações sintáticas do Agente e do Paciente no PE, sendo mais comum, talvez, no PB a ocorrência de sujeito Paciente em construções ergativas e típicas do PB aquelas construções do tipo *Jogador operou joelho*.

5 CONCLUSÕES

Vamos relembrar ao leitor os objetivos gerais com esta pesquisa, apresentados no Capítulo 1:

a) Propor uma caracterização, em propriedades semânticas, dos papéis temáticos Agente e Paciente, trabalhando com dados de língua portuguesa, no domínio do predicador verbal.
b) Realizar um estudo diacrônico, caracterizando o Agente e o Paciente em propriedades semânticas, listando os verbos com que ocorrem os diferentes tipos de Agente e de Paciente e descrevendo suas configurações sintáticas.

As conclusões a que chegamos com a pesquisa são as seguintes:

a) Propomos que as propriedades semânticas desencadeador, controle, intenção, causa, afetado e experienciador sejam as propriedades caracterizadoras do Agente e do Paciente. Classificamos, dependendo do predicado global e do contexto situacional, o Agente em dois tipos: Agente prototípico, que apresenta as propriedades desencadeador, controle, intenção e causa, e Agente afetado, que, além destas propriedades prototípicas do Agente, apresenta ainda as propriedades afetado e experienciador, não-prototípicas do Agente. Classificamos o Paciente em três tipos: Paciente prototípico, que apresenta a propriedade afetado, Paciente experienciador, que apresenta as propriedades afetado e experienciador, e Paciente agentivo, que apresenta, além das propriedades afetado e experienciador, as propriedades desencadeador, controle, intenção e causa; o Paciente experienciador e o Paciente agentivo, animados, Pacientes não-prototípicos, sempre apresentando a propriedade experienciador.
b) No estudo diacrônico que realizamos, analisando dados de Agente e de Paciente depreendidos do português arcaico e do PE contemporâneo oral e escrito, não verificamos, listando os verbos com que ocorrem os diferentes

tipos de Agente e de Paciente nos *corpora* analisados, nenhuma situação de mudança da estrutura argumental dos verbos. Pudemos, por outro lado, descrever um grupo específico de verbos com que ocorre um dos três tipos de Paciente propostos, que é o Paciente agentivo. Quanto às configurações sintáticas do Agente e do Paciente, nossos dados corroboram o que lemos na bibliografia sobre o tema: em tempos pretéritos da história da língua, a passiva sintética ou pronominal podia ser lugar do sujeito Paciente e do agente da passiva Agente ou Paciente; mas, no português contemporâneo, a passiva pronominal, ainda defendida pela GT, é interpretada pelos lingüistas como uma oração ativa de sujeito indeterminado. A outra mudança é relativa às construções de *ser* mais particípio passado de verbos intransitivos ou transitivos oblíquos, que, no passado da língua, podiam ser lugar de sujeito Agente ou Paciente, hoje, porém, não sendo mais utilizadas pelos falantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi quando da elaboração de nossa Dissertação de mestrado que surgiu o interesse de estudar as noções de Agente e de Paciente, de compreender melhor o que é isso que chamamos Agente e Paciente. No início do doutoramento, quando começamos a pensar estas noções mais detidamente, fez-se-nos uma confusão na cabeça, e nos pegávamos várias vezes em análises pouco precisas, que não nos convenciam, e voltávamos atrás, apagando e refazendo, até chegar ao que consideramos, pelo menos, aceitável. 'Isso é difícil de fazer', chegamos a pensar isso. Mas, entre as duas opções de fazer e não fazer o trabalho, resolvemos fazê-lo. E o resultado é o que apresentamos nestas páginas ao leitor. Nelas está o que para nós, hoje – pelo menos como conseguimos ver a questão hoje –, é o Agente e o Paciente, descrevendo-os em propriedades semânticas, e também suas configurações sintáticas na história do português. O leitor, se não concordar com nosso ponto de vista, poderá, pensando sobre ele, chegar a uma melhor proposta de caracterização do Agente e do Paciente, e isso é o que, desde o princípio, nos interessou: discutir o tema e buscar compreendê-lo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. de (1997). *Gramática metódica da língua portuguesa*. 41 ed. São Paulo: Saraiva.

BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. *O lugar do corpus na investigação lingüística*. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/berlim-2000-nascimento.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2004.

BAGNO, M. (2000). *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo: Loyola.

BECHARA, E. (2006). *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna.

BORBA, F. da S. (1990). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP.

BORGES NETO, J. (2004). *Ensaios de filosofia da lingüística*. São Paulo: Parábola.

BROCARDO, M. T. (Ed.) (1997). *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes, de Gomes Eanes de Zurara*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

BUESCU, M. L. C. (Ed.) (1971). *A obra pedagógica de João de Barros*: edição crítica da *Cartinha*, *Gramática*, *Ortografia*, *Diálogo em louvor da nossa linguagem*, *Diálogo da viciosa vergonha.* Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BUSSE, W.; VILELA, M. (1986). *Gramática de valências*. Coimbra: Almedina.

C-ORAL-ROM - *Integrated reference corpora for spoken romance language; tools of analysis; standard linguistic measures for validation in HLT*
Information Society Technologies Programme - IST-2000-26228.

CAMACHO, R. G. (2002). Construções de voz. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, v. 8: Novos estudos descritivos, p. 227-316.

CAMACHO, R. G. (2003). Em defesa da categoria de voz média no português. In: *D.E.L.T.A*. São Paulo: EDUC, v. 19, n. 1, p. 91-122.

CÂMARA Jr., J. M. (1954). *Princípios de lingüística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.

CÂMARA Jr., J. M. (1976). *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão.

CAMPOS, M. H. C.; XAVIER, M. F. (1991). *Sintaxe e semântica do português*. Lisboa: Universidade Aberta.

CANÇADO, M. (1995). *Verbos psicológicos*: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional. Tese (Doutorado em Lingüística), UNICAMP, Campinas.

CANÇADO, M. (2003). Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto. p. 95-124

CANÇADO, M. (2005a). *Manual de semântica*: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG.

CANÇADO, M. (2005b). Posições argumentais e propriedades semânticas. In: *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, p. 23-56.

CANÇADO, M. *Argumentos*: complementos e adjuntos. Acesso em: <www.letras.ufmg.br/nupes>. Acesso em: 8 jul 2008.

CARVALHO, M. J. A. (1987). Um tipo de passivas no português oral de Moçambique? In: *Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Lingüística.

CARVALHO, G. M. de (2006). Inacusatividade e ergatividade na fala rural do PB. In: *Revista Inventário*. 5. ed. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05gcarvalho.htm>.

CASTILHO, A. T. de (2001). *Introdução à lingüística cognitiva*: relatório científico submetido à FAPESP. Processo 99/10399-9. Digitado.

CHAFE, W. L. (1979). *Significado e estrutura lingüística*. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes, Luiza Altmann de Souza Campos e Sonia Veasey Rodrigues. Rio de janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

CHIERCHIA, G. (2003). *Semântica.* Tradução de Luis Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: UNICAMP; Londrina: Eduel.

CHOMSKY, N. (1959). *Sintactic structures*. 8. ed. The Hague: Mouton.

CHOMSKY, N. (1972). *Studies on semantics in generative grammar*. The Hague: Mouton.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. *A alternância causativo-ergativa no PB*. Acesso em: <www.letras.ufmg.br/nupes>. Acesso em: 13 ago 2008.

COLAÇO, M. (2005). *Configurações de coordenação aditiva*: tipologia, concordância e extracção. Dissertação (Doutorado em Letras), FLUL, Lisboa.

CÔROA, M. L. M. S. (2005). *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola.

CUNHA, C.; CINTRA, L. (2007). *Nova gramática do português contemporâneo*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.

CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de (2007). *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna.

DIK, S. C. (1978). *Functional Grammar*. Amsterdam: North Holland.

DOWTY, D. (1989). On the semantic content of the notion of Thematic Role. In: Chierchia, Partee e Turner (Ed*.). Properties, types and meaning. Studies in Linguistic and Philosophy*, 2: Semantic Issues. Daordrecht: Kluver. p. 69-129.

DUARTE, I. (2000). *Língua portuguesa*: instrumentos de análise. Lisboa: Universidade Aberta.

FARIA, I. H. (2003). A propósito de causalidade. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Org.). *Razões e emoções*: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: IN-CM. v. 1, p. 279-290.

FAUCONNIER, G. (1985). *Mental Spaces*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

FILLMORE, C. (1968). The case for case. In: BACH, E; HARMS, R. T. (Org.). *Universals in linguistic theory*. Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston. p. 1-88.

FILLMORE, C. (1971). Some problems for case grammar. *Monograph Series on Language and Linguistics 24*. [s.n.].

FILLMORE, C. (1972). Towards a descriptive framework for spatial deixis. In: JARVELL, R. J.; KLEIN, W. (Org.). *Speech, place and action*: studies in deixis and related topics. London: Wiley. p. 31-52.

FOLEY, W. A.; VAN VALIN Jr., R. (1984). *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.

FRANCHI, C. (1997). Predicação. Manuscrito publicado em Cançado, M. (Org.). Predicação, relações semânticas e papéis temáticos: Anotações de Carlos Franchi. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 11, n. 2, p. 17-81.

GILI Y GAYA, S. (1955). *Curso superior de sintaxis española*. 5. ed. Barcelona: Publicaciones y Ediciones SPES.

GIVÓN, T. (1995). *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins.

GRUBER, J. S. (1965). *Studies in lexical relations*. Tese (Doutorado em Lingüística). Cambridge: MIT Press

HALLIDAY, M. A. (1967). Notes on Transitivity and Theme in English. In: *Journal of Linguistics* 2 e 3.

HALLIDAY, M. A. (1994). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.

HAWAD, H. F. (2004). A voz verbal e o fluxo informacional do texto. In: *D.E.L.T.A.*, n. 20, p. 97-121.

HERNANZ, M. L.; BRUCART, J. M. (1987). *La sintaxis*. Barcelona: Editorial Crítica.
ILARI, R. (2008). *Introdução à semântica*: brincando com a gramática. 7 ed. São Paulo: Contexto.

JACKENDOFF, R. (1990). *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press.

JACKENDOFF, R. (1972). *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press.

Jornal *Público*. Disponível em: <http://www.publico.clix.pt>. Acesso em: 7 jul 2009.

KLAIMAN, M. A. (1988). Affectiveness and control: a typological study of voice systems. In: SHIBATANI, M. (Ed.). *Passive and voice* [Typological studies in language, v. 16]. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin.

KLEIBER, G. (1990). *La sémantique du prototype*: categories et sens lexical. Paris: Puf.

LABOV, W. (1973). The boundaries of words and their meanings. In: Bailey, C. J. N.; SHUY, R. W. (Org.). *New ways of analyzing variation in english*. Washington: Georgetown University Press. p. 340-373.

LAKOFF, G. (1987). *Womem, fire and dangerous things*: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press.

LANGACKER, R. W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press.

LAPESSA, R. (1981). *Historia de la lengua española*. Madri: Gredos.

LAPESSA, R. (2000). *Estudios de morfosintaxis histórica del español*. Madrid: Gredos.

LLEAL, C. (1990). *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova.

MALER, B. (Ed.) (1956). *Orto do Esposo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. v. 1: Texto crítico.

MARTINS, A. M. (1999). Ainda 'os mais antigos textos escritos em português': documentos de 1175 a 1252. In: FARIA, I. (Org.). *Lindley Cintra*: homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão. Lisboa: Edições Cosmos; FLUL. p. 491-534.

MARTINS, A. M. *Construções com se*: mudança e variação no português europeu. Disponível em: <www.clul.ul.pt/equipa/ana-martins-txt1.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. (1989). *Estruturas trecentistas*: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda.

MATTOS E SILVA, R. V. (1993). *O português arcaico*: morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto.

MATTOS E SILVA, R. V. (1994). Para uma caracterização do período arcaico da língua portuguesa. In: *D.E.L.T.A.*, n. especial, p. 247-273.

MAURER JR., T. H. (1959). *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

MELO, G. C. (1980). *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. (2005). *Novo manual de sintaxe*. 2 ed. Florianópolis: Insular.

MIRA MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. S.; FARIA, I. H. (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.

MIRA MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. S.; FARIA, I. H. (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 5 ed. Coimbra: Livraria Almedina.

MOREIRA, C. (2000). *Princípio de ligação sintaxe/semântica*: construções estativas. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UFMG, Belo Horizonte.

NARO, A. J. (1968). *History of portuguese passives and impersonals*. Tese (Doutorado em Letras), Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts.

NARO, A. J. (1976). The genesis of the reflexive impersonal in Brazilian portuguese: a study in syntactic change as a surface phenomenon. In: Language. p. 52-54.

NEGRÃO, E.; SCHER, A.; VIOTTI, E. (2002). A competência lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à lingüística:* objetos teóricos. São Paulo: Contexto. p. 95-119.

NEVES, M. H. de M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. de M. (2002). *A gramática*: história, teoria, análise e ensino. São Paulo: Editora UNESP.

NUNES, J. (1991). *Se* apassivador e *se* indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. v. 20, [s.n.], p. 33-58.

OLIVEIRA, F. (1996). Semântica. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C.A.M. (Org.). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Caminho. p. 333-379.

OLIVEIRA, M. F. (2005). *A voz passiva portuguesa*: um estudo diacrônico. Dissertação (Mestrado em Letras), PPGLL/UFBA, Salvador.

PARSONS, T. (1995). Thematic relations and arguments. In: *Linguistic Inquiry*, v. 4, p. 635-662.

PERES, J. A.; Móia, T. (1995). *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

PERINI, M. A. (1989). *Sintaxe portuguesa:* metodologia e funções. São Paulo: Ática.

PESSOA, M. A. F. C. (1989). *A passiva no discurso*. Tese (Doutorado em Letras), PPGLL/UFRJ, Rio de Janeiro.

PONTES, E. S. L. (1986). *Sujeito:* da sintaxe ao discurso. São Paulo: Ática; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória.

RAPOSO, E. P. (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da linguagem*. 2 ed. Lisboa: Caminho.

ROSCH, E. (1973). Natural categories. In: *Cognitive Psychology*, v. 4, p. 328-359.

SAID ALI, M. (1966). *Dificuldades da língua portuguesa*. 6 ed. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica.

SCHERRE, M. M. P. (1999). Preconceito lingüístico: doa-se lindos filhotes de Poodle. In: HORA, D.; CHRISTIANO, E. (Org.). *Estudos lingüísticos*: realidade brasileira. João Pessoa: Idéia. p. 13-54.

SILVA, A. S. (2003). Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. *Razões e emoção*: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. v. II, p. 383-401.

SILVA, A. S. (2006). *O mundo dos sentidos em português*: polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Almedina.

TEIXEIRA, J. (2001). *A verbalização do espaço*: modelos mentais de frente/trás. Braga: Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho.

TRASK, R. L. (2006). *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto.

VENDLER, Z. (1967). *Linguistics in philosophy*. Ítaca: Cornell University Press.

VERDELHO, E. (Ed.) (1994). *Livro das Obras de Garcia de Resende*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

VIEIRA, M. A. (1978). *A voz passiva:* um tratamento lexicalista. Dissertação (Mestrado em Letras). PPGLL/UFRJ, Rio de Janeiro.